

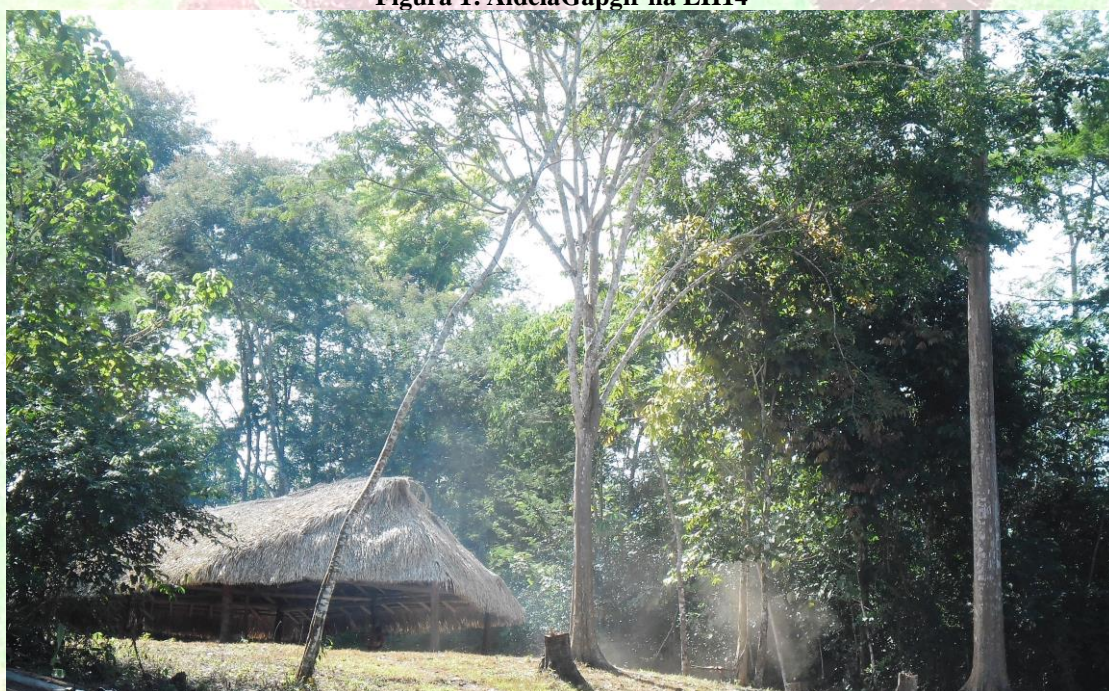


**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
CAMPUS DE JI-PARANÁ
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO BÁSICA INTERCULTURAL**

Luiz Weymilawa Surui

**TOY EITXA TOY JE OR EWE SAME: Notas da História do Povo Paiter da Aldeia
Ĝapĝir na Linha 14**

Figura 1: AldeiaGapgir na LH14



Fonte: Luiz Weymilawa Surui, pesquisa de campo, 2015

Luiz Weymilawa Surui

**TOY EITXA TOY JE OR EWE SAME: Notas da História do Povo Paiter da Aldeia
Çapğir na Linha 14**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Campus de Ji-Paraná/RO, Departamento de Educação Intercultural, como requisito de conclusão da Licenciatura em Educação Básica Intercultural, na Habilitação em Ciências da Sociedade Intercultural, sob a orientação da Professora Mestre Luciana Castro de Paula.

Luiz
Weymilawa
Surui
16/03/2015

Ji-Paraná, RO
2015

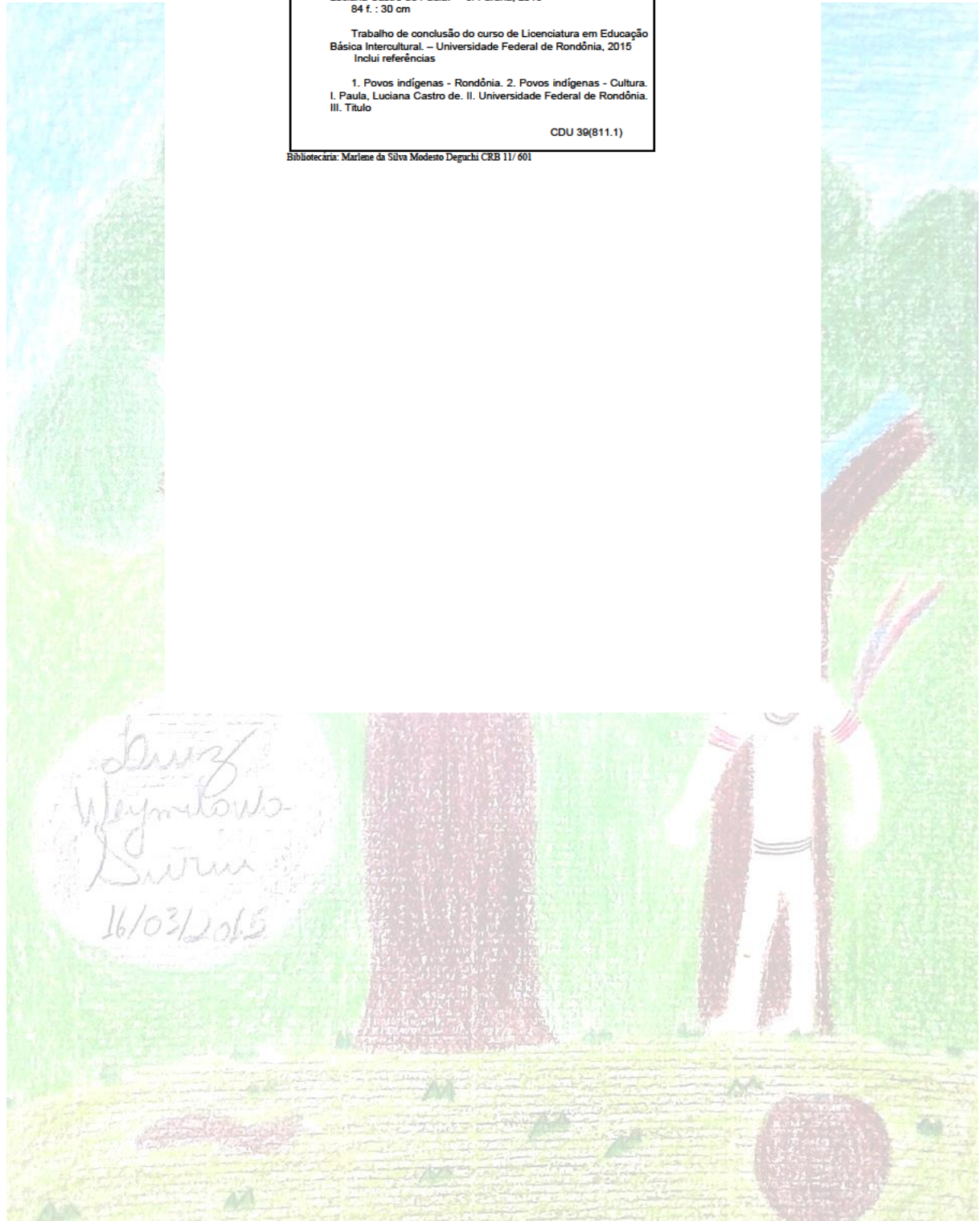
Suruí, Luiz Weymilawa
S9621 Toy Eitxa toy je or ewe same: notas da história do Povo Paiter
2015 da Aldeia Gaggir na Linha 14 / Luiz Weymilawa Suruí; orientadora,
Luciana Castro de Paula. -- Ji-Paraná, 2015
84 f. : 30 cm

Trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Educação
Básica Intercultural. -- Universidade Federal de Rondônia, 2015
Inclui referências

1. Povos indígenas - Rondônia. 2. Povos indígenas - Cultura.
I. Paula, Luciana Castro de. II. Universidade Federal de Rondônia.
III. Título

CDU 39(811.1)

Biblioteca: Marlene da Silva Modesto Deguchi CRB 11/601



Luiz
Weymilawa
Suruí
16/03/2015

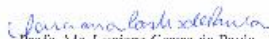
TOY EITXA TOY JE OR EWE SAME: Notas da História do Povo Paiter da Aldeia Çapgĩr na Linha 14



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
CAMPUS DE JI-PARANÁ
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO BÁSICA INTERCULTURAL
Rua Rio Amazonas, 331, Jardim dos Gigantes, 79000-730, Ji-Paraná/RO - Telefone: (69) 3421-2463

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA


Aos vinte e nove dias do mês de novembro do ano de dois mil e quinze, na Aldeia Çapgĩr, Linha 14, Terra Indígena Sete de Setembro, Cacaal, Rondônia, realizou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico **LUIZ WEYMILAWA SURUI**, intitulado **TOY EITXA TOY JE OR EWE SAME: Notas da História do Povo Paiter da Aldeia Çapgĩr na Linha 14**. A banca examinadora foi composta pela professora mestre Luciana Castro de Paula (orientadora), professora doutora Maria Lúcia Cereda Gomide (membro) e professor doutor Kécio Gonçalves Leite (membro), professora doutora Betty Mindlin (membro externo), professora Laila Maria Ruiz Ferreira. Os trabalhos foram iniciados às 11:15 horas e, após a apresentação do acadêmico e a arguição pela banca examinadora, o Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado APROVADO, com nota 7,0 (sete). Os trabalhos foram encerrados às 15:15 horas e nada mais havendo a tratar lavrou-se a presente ata.


Prof. Ms. Luciana Castro de Paula
Orientadora (UNIR)



Prof. Dra. Maria Lúcia Cereda Gomide
Membro da Banca Examinadora (UNIR)

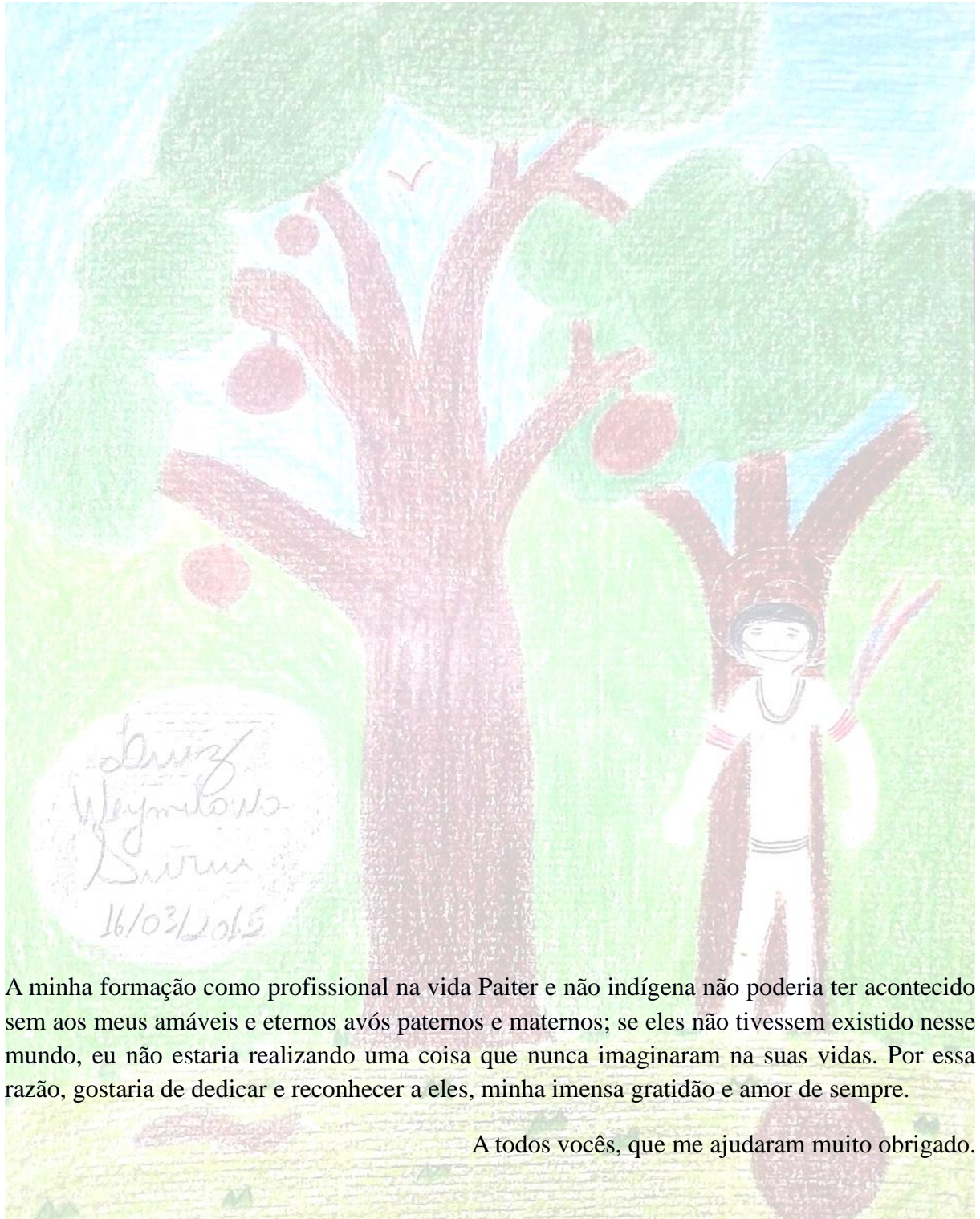

Prof. Dr. Kécio Gonçalves Leite
Membro da Banca Examinadora (UNIR)


Prof. Dra. Betty Mindlin
Membro de Honra da Banca Examinadora


Prof. Laila Maria Ruiz Ferreira
Membro de Honra da Banca Examinadora - SEDUC-RO

Ciente do Resultado - 29/11-2015


Luiz Weymilawa Surui



A minha formação como profissional na vida Paiter e não indígena não poderia ter acontecido sem aos meus amáveis e eternos avós paternos e maternos; se eles não tivessem existido nesse mundo, eu não estaria realizando uma coisa que nunca imaginaram na suas vidas. Por essa razão, gostaria de dedicar e reconhecer a eles, minha imensa gratidão e amor de sempre.

A todos vocês, que me ajudaram muito obrigado.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer às pessoas que contribuíram para a realização desse meu trabalho, mas primeiro quero agradecer a Deus, em seguida aos meus pais, principalmente ao meu pai, Gakamam Suruí, que é considerado o maior sabedor da nossa cultura Paiter. Tenho muito orgulho dos conhecimentos do meu pai, que nunca se recusa em nos ensinar o que traz guardado em sua memória, que apesar de todas as dificuldades me fortaleceu e que para mim foi muito importante. É um dos últimos Paiter que viveu antes do contato com o não índio e que agora vive em contato com a sociedade envolvente.

Agradeço a minha mãe Imakor Suruí, heroína que me deu apoio e incentivo nas horas difíceis, de desânimo e cansaço, que apesar de ainda não compreender bem os motivos que me levaram a sair da aldeia e ter ficado tanto tempo longe, estudando, mesmo assim sempre me apoiou.

Agradeço aos meus alunos da Escola Indígena Estadual de Ensino Fundamental e Médio José do Carmo Santana e aos pais deles, pela paciência de esperar meu retorno à aldeia para ministrar as aulas aos mesmos e à Coordenação do Setor Indígena de Educação da CRE de Cacoal que sempre me apoiou nessa trajetória, em especial Márcia e Laíde.

Agradeço à Antropóloga Betty Mindlin, que gentilmente me cedeu fotos do seu acervo pessoal e à linguista Ana Suely Camara Cabral (LALI/UNB), que sempre nos apoiou para fazermos as pesquisas sobre a língua Paiter.

A Laide Maria Ruiz Ferreira pelo incentivo aos meus estudos e apoio nesse trabalho.

Agradeço aos meus professores do Curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural da Universidade Federal de Rondônia. Especialmente, aos membros da banca Maria Lúcia e Kécio Leite.

Meu agradecimento a antropóloga Alexandra Borba, pelo companheirismo, amizade e apoio que obtive durante o meu trabalho de pesquisa.

Agradeço aos meus irmãos que fizeram parte da minha formação e que vão continuar presentes em toda minha vida com certeza.

A Maria do Carmo Barcelos e Carlos Leonardo Pereira da Silva.

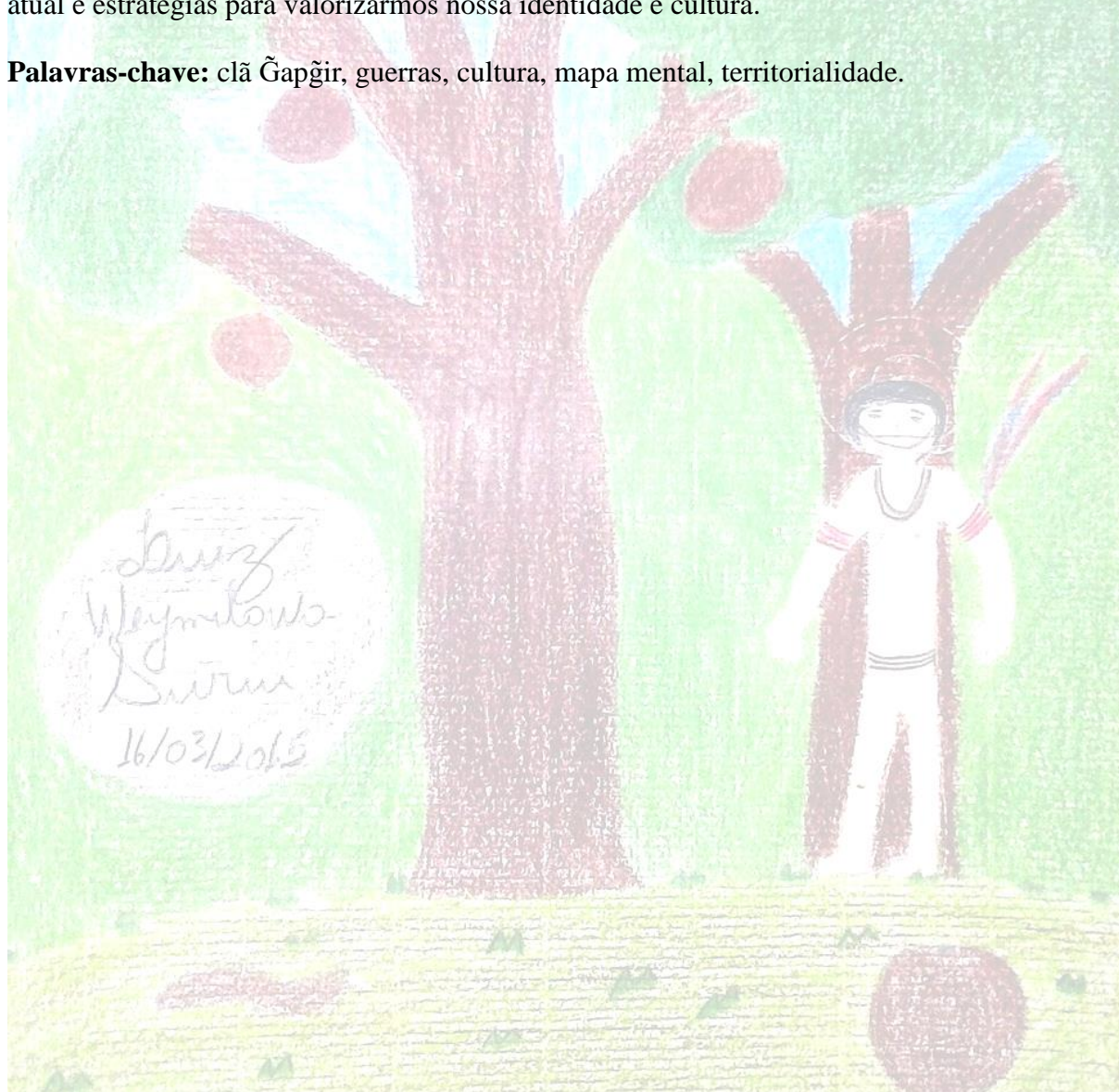
E especialmente a todo o povo Paiter da Aldeia Ĝapğir da Linha 14. Agradeço a todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram para a minha pesquisa.

Agradeço em especial à minha orientadora mestra Luciana Castro de Paula, pela paciência e confiança na elaboração deste trabalho.

RESUMO

O presente trabalho de pesquisa foi realizado entre meu povo Paiter Surui, na aldeia onde moro, aldeia Ĝapĝir, localizada na Terra Indígena Sete de Setembro, na Linha 14, município de Cacoal – Rondônia/Brasil. O objetivo principal foi descrever através das nossas narrativas como ocorreu a vinda do nosso povo para a aldeia Ĝapĝir, o contato com os não indígenas e como esse processo modificou nosso modo de vida. Entrevistei alguns detentores da cultura Paiter, principalmente Ĝakamam Surui, meu pai, lideranças e mulheres Paiter e colaboradoras não indígenas. Através do percurso Paiter, construo um mapa mental e o analiso à luz da toponímia. Após isso, proponho uma reflexão etnográfica para os jovens Paiter e nossa comunidade em geral para pensarmos uma nova postura de vida diante da nossa realidade atual e estratégias para valorizarmos nossa identidade e cultura.

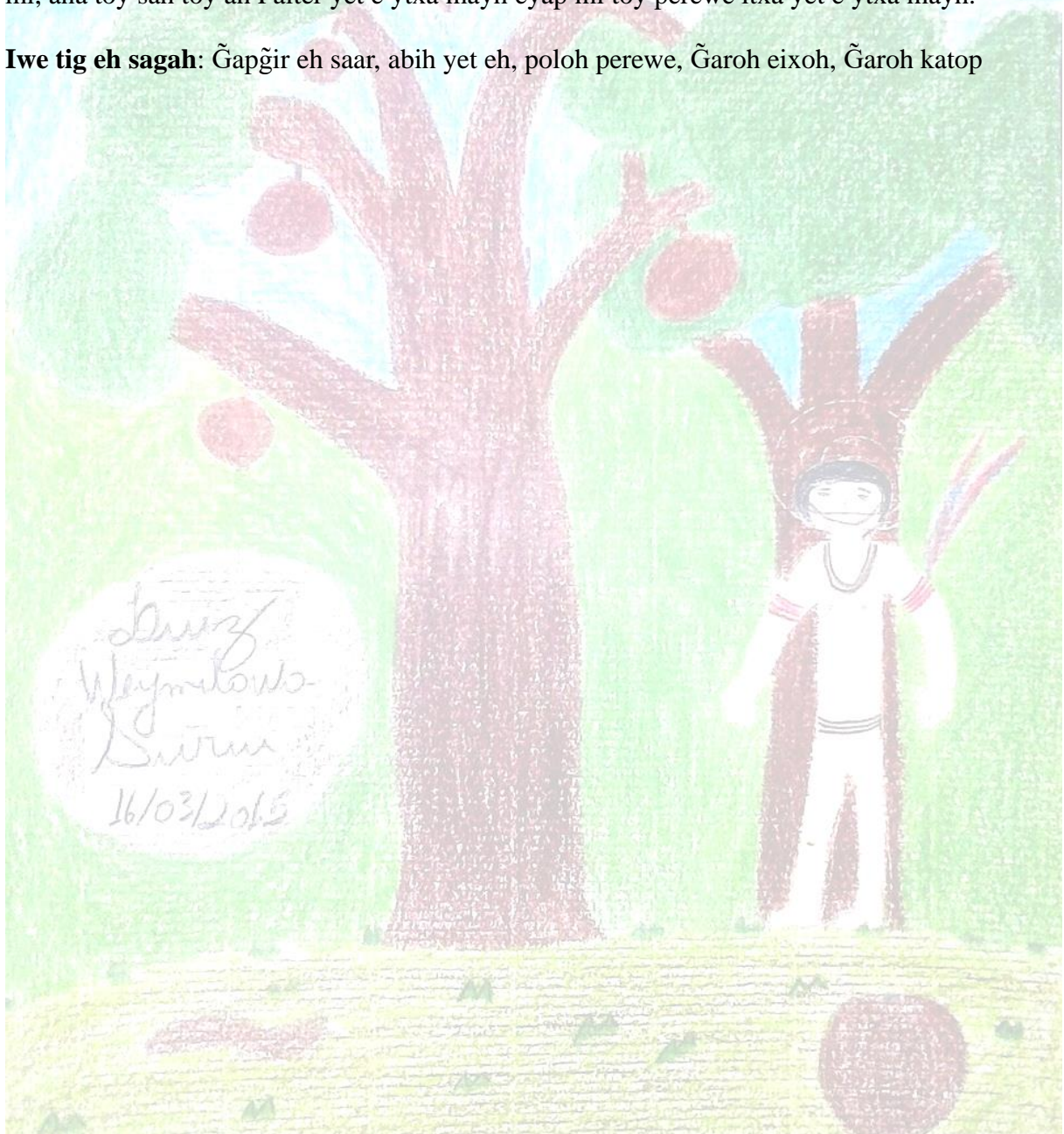
Palavras-chave: clã Ĝapĝir, guerras, cultura, mapa mental, territorialidade.



IWEKOTAĜ AÃH

Ãtiga lada na soe kaar oje Paiter Surui ka ewe ewekoy ana eh, aldeia kah lade owe itxa ani eka eh, aldeia Ĝapĝir, Lat ĝara ret sade Sete de Setembro, linha 14, município de Cacoal – Rondônia/Brasil. Ã soe nãp eh yap ĝar agõah danã iwe tighah lade ãna boh iwe mãp eh eyap poh emi eteh ãna boh iwe yaor poh yet eh mi Paiter de aor aldeia Ĝapĝir kabih aor, yarah wetigah Paiter ey de we, eteh kaleka e ewe mã xadit ah toy ah garbah wap eh same ka. Merh kar oje õent yap ey sade Paiter emã soe itxa e ka eh, iwey way iter danã olop eh Gakamam Surui. ãna boh Paiter ya apit poh yap eh mi, iwe yõ Paiter pũg ey ka eh, toy ah Paiter ey ka eyap mi Paiter amitor ka tawabah ãna lah oma garbah maga mayh ã karbah mi soe sade ewe mi, ãna toy sah toy ah Paiter yet e ytxa mayh eyap mi toy perewe itxa yet e ytxa mayh.

Iwe tig eh sagah: Ĝapĝir eh saar, abih yet eh, poloh perewe, Ĝaroh eixoh, Ĝaroh katop



LISTA DE COLABORADORES

Ĝakaman Surui: “aquele que mede a roça de ponta a ponta”. É a pessoa mais velha do clã Ĝapĝir aldeia, que viveu nossa história desde o tempo do contato, grande sábio da cultura Paiter. Narra o que viveu com vigor e maestria.

Imakor Surui: “aquela que faz chicha, e durante preparo da bebida, fica mexendo a panela com concha fazendo movimento circular”. Ela é uma sabedora da cultura paiter, trabalhadora incansável. Esposa de Gakaman veio o acompanhando em meio a tantas guerras e nas grandes travessias do povo paiter. Teve oito filhos nesse percurso, e o mais importante, foi como cuidou e cuida de todos até hoje de maneira exemplar.

Paĝater Surui: “aquele faz e vê a roça como uma coisa importante da sua vida”. É professor e liderança da nossa aldeia, que luta pela educação, e é o responsável pela normatização da escrita da língua Paiter, publicou três livros didáticos bilíngues e o quarto livro – que trará nomes de plantas e animais nas línguas Paiter e Português, que está em processo de finalização. Em 2008, recebeu dois grandes prêmios da educação brasileira: Educador Nota 10 – Fundação Victor Civita/Revista Nova Escola e Professores do Brasil – Ministério da Educação (MEC). Agora, formado na licenciatura em Educação Básica Intercultural na Universidade Federal de Rondônia, campus-Ji-Paraná.

Patanga Surui: “Palasah é o primeiro espírito que transforma as pessoas em Pajé”. A pessoa que deu esse nome ao Patanĝa era pajé. Patanga é o coordenador técnico da CTL – Coordenação técnica Local da FUNAI/Cacoal. Atende 15 aldeias da T.I. Sete de Setembro. Ao mesmo tempo ele é uma das lideranças que está à frente na luta em defesa de seu povo e da sua comunidade.

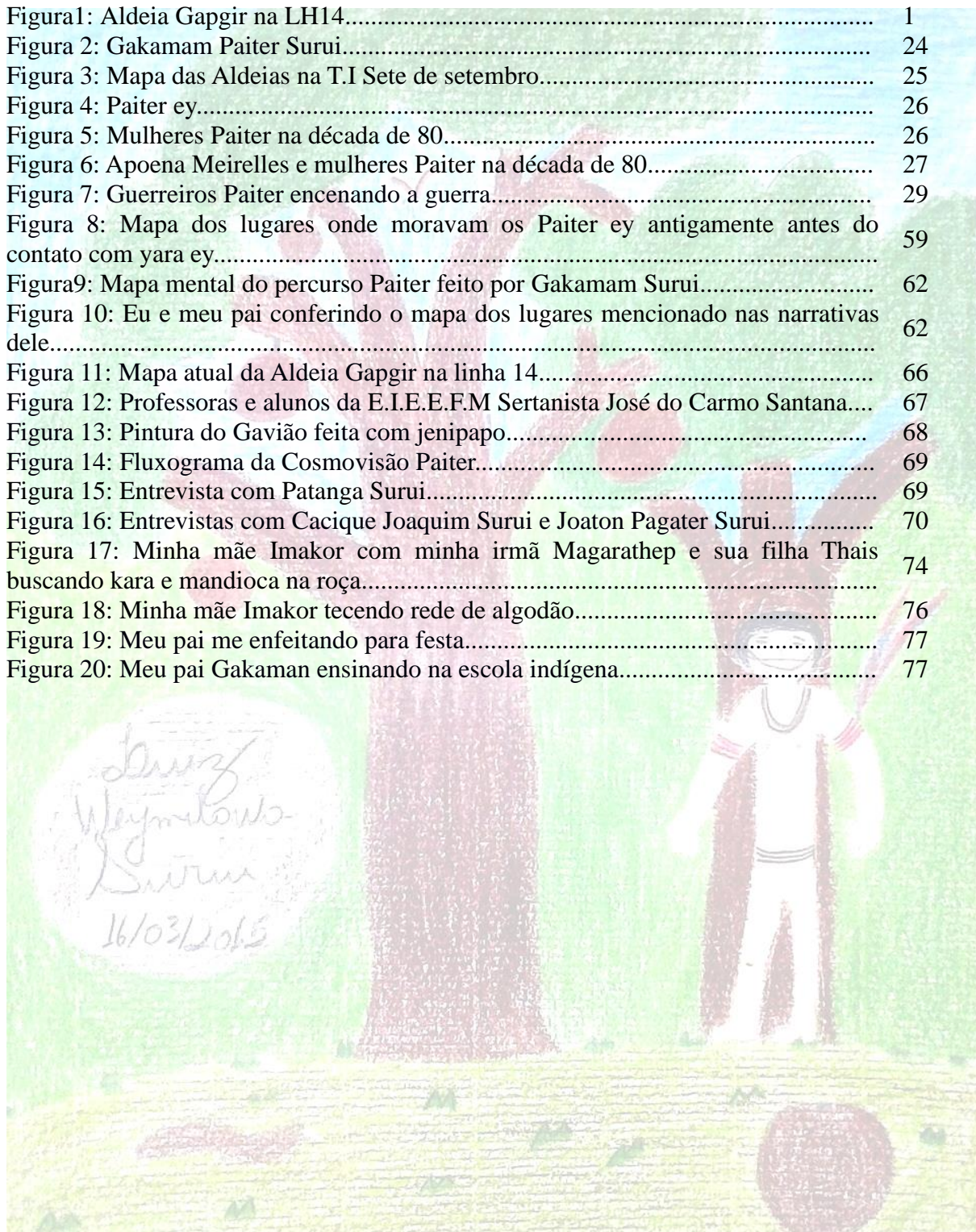
Ĝasalap Joaquim Surui: “depois do roçado a pessoa queima a roça e o fogo fica se levantando bem alto”. Cacique da aldeia Ĝapĝir na linha 14. Se tornou cacique muito jovem, e amadureceu rápido se transformando em um grande articulador da sua comunidade. e junto dela trabalha no resgate e valorização da cultura Paiter.

Laide Ferreira Ruiz: “É pedagoga, seu primeiro contato com o Povo Paiter foi em 2006 trabalhando na Associação Fórum das Organizações do Povo Indígena Paiter Surui. E atualmente é Supervisora da SEDUC das Escolas Indígenas na T.I. Sete de Setembro, e consultora da Associação Ĝapĝir.

Maria Barcellos: Conhecida como Maria dos Índios, conhece os Paiter desde o ano de 1976, de lá para cá desenvolveu com os Paiter trabalhos em várias frentes. É consultora da Forest Trends em um programa de fortalecimento de mulheres e jovens apoiado pela IKEA FOUNDATION. Esse trabalho consiste na realização de oficinas e intercâmbios. Até o presente momento desenvolveu 3 oficinas: 1) Negócios e comercialização de artesanato, que deu origem a uma loja de artesanato; 2) Direitos, tratando dos direitos constitucionais direcionados para povos indígenas, PNGATI e Direitos das mulheres e 3) Oficina sobre o Plano de Gestão. Atualmente desenvolve uma oficina sobre mudanças climáticas. Também desenvolve atividades de intercâmbios para mulheres e jovens, focado inicialmente em uma interação com os Yawanawá do Acre.

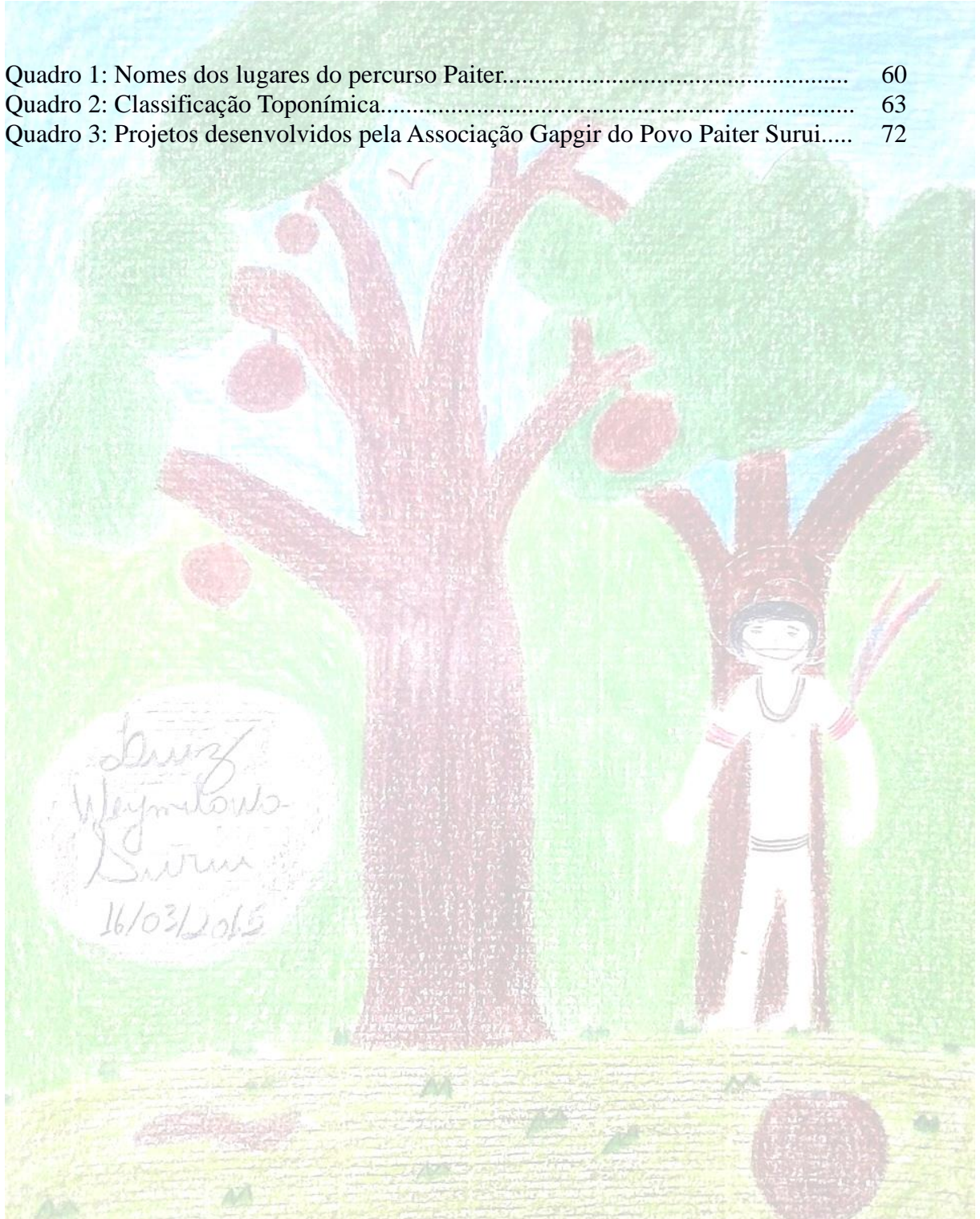
LISTAS DE FIGURAS

Figura1: Aldeia Gapgir na LH14.....	1
Figura 2: Gakamam Paiter Surui.....	24
Figura 3: Mapa das Aldeias na T.I Sete de setembro.....	25
Figura 4: Paiter ey.....	26
Figura 5: Mulheres Paiter na década de 80.....	26
Figura 6: Apoena Meirelles e mulheres Paiter na década de 80.....	27
Figura 7: Guerreiros Paiter encenando a guerra.....	29
Figura 8: Mapa dos lugares onde moravam os Paiter ey antigamente antes do contato com yara ey.....	59
Figura9: Mapa mental do percurso Paiter feito por Gakamam Surui.....	62
Figura 10: Eu e meu pai conferindo o mapa dos lugares mencionado nas narrativas dele.....	62
Figura 11: Mapa atual da Aldeia Gapgir na linha 14.....	66
Figura 12: Professoras e alunos da E.I.E.E.F.M Sertanista José do Carmo Santana....	67
Figura 13: Pintura do Gavião feita com jenipapo.....	68
Figura 14: Fluxograma da Cosmovisão Paiter.....	69
Figura 15: Entrevista com Patanga Surui.....	69
Figura 16: Entrevistas com Cacique Joaquim Surui e Joaton Pagater Surui.....	70
Figura 17: Minha mãe Imakor com minha irmã Magarathep e sua filha Thais buscando kara e mandioca na roça.....	74
Figura 18: Minha mãe Imakor tecendo rede de algodão.....	76
Figura 19: Meu pai me enfeitando para festa.....	77
Figura 20: Meu pai Gakaman ensinando na escola indígena.....	77



LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Nomes dos lugares do percurso Paiter.....	60
Quadro 2: Classificação Toponímica.....	63
Quadro 3: Projetos desenvolvidos pela Associação Gaggir do Povo Paiter Surui.....	72



LISTA DE SIGLAS

CIMI – Conselho Indigenista Missionário.

CRE – Coordenadoria Regional de Educação

DSEI – Distrito Sanitário Especial Indígena

EIEEFM – Escola Indígena Estadual de Ensino Fundamental e Médio

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

FUNASA – Fundação Nacional de Saúde

IAMA – Instituto de Antropologia e Meio Ambiente

LALLI – Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas

LH – Linha

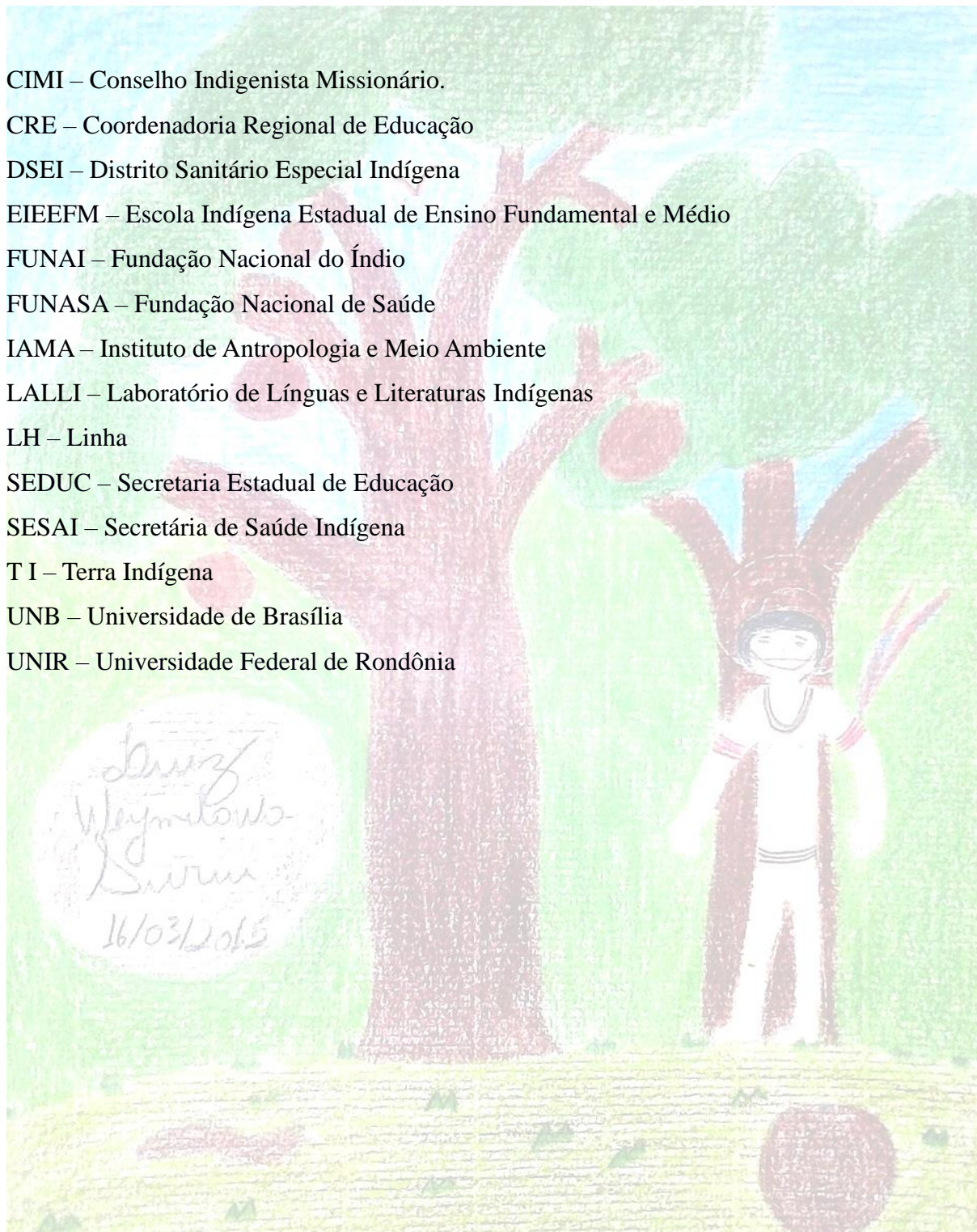
SEDUC – Secretaria Estadual de Educação

SESAI – Secretária de Saúde Indígena

TI – Terra Indígena

UNB – Universidade de Brasília

UNIR – Universidade Federal de Rondônia



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA.....	16
1.1 Minha trajetória acadêmica.....	16
1.2 Entre o Campo e Teorias.....	19
2 YORY YWAY EY – AQUELES QUE TEM O RISCO NO ROSTO.....	24
3 ãNA PAITER EY PERE DE AWEY TXA MATER: ASSIM QUE OS PAITER VIVIAM ANTIGAMENTE.....	29
3.1 Narrativas de como vivíamos antes do contato e como chegamos à aldeia atual.....	29
3.2 Mapa do percurso Paiter até a aldeia atual.....	59
3.3 Mapa atual da Aldeia Ğapğir, Linha 14.....	65
4 ãNA TOY SADA Nã TOY EYTXA ã KARBA MI E: COMO VIVEMOS HOJE (Narrativas de como vivemos na atualidade)	68
4.1. Território, Economia e Sustentabilidade.....	69
4.2 Alimentação e Saúde.....	73
4.3 Cultura e Educação.....	75
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79
REFERÊNCIAS.....	81
GLOSSÁRIO.....	83
ANEXOS.....	87

INTRODUÇÃO

Quase todos os dias, na minha aldeia, meu pai, Ĝakaman, conta histórias sobre o nosso povo, histórias de guerras, festas, mitos e contato com os brancos e outros temas. Cresci nesse ambiente onde a educação é feita através da oralidade, o que me fez escolher esse tema, pois nós Paiter estamos em um momento de grande preocupação com as perdas culturais sofridas durante esse tempo de contato de mais de 46 anos, o que gera uma reflexão em alguns mais velhos da comunidade, e as pessoas que compreendem que a tradição oral é a fonte principal de manutenção da nossa cultura.

Muitos fatores externos influenciam essa mudança, por exemplo, com a presença das tecnologias em nossas aldeias essa transmissão oral está sendo deixado de lado, pois na hora de contar os mitos, e outras histórias do meu povo, está sendo substituída pelos programas de televisão e cultos religiosos. Pela oralidade, através da prática é que ensinamos nossas crianças como fazemos nosso artesanato, nossa comida, como caçamos, pescávamos como fazemos nossas roças.

Objetivos

- Descrever nossa história e os conhecimentos que os velhos Paiter detêm sobre o povo;
- Registrar algumas histórias do percurso Paiter, para que os jovens e as crianças possam conhecer e aprender as histórias do nosso povo;
- Construir um mapa mental a partir das narrativas Paiter;
- Refletir sobre as relações do modo de vida passado e presente, e quais as principais mudanças no decorrer do contato com a sociedade não indígena na aldeia Ĝapĝir da LH 14, buscando alternativas de sobrevivência sociocultural diante dos desafios da realidade atual.

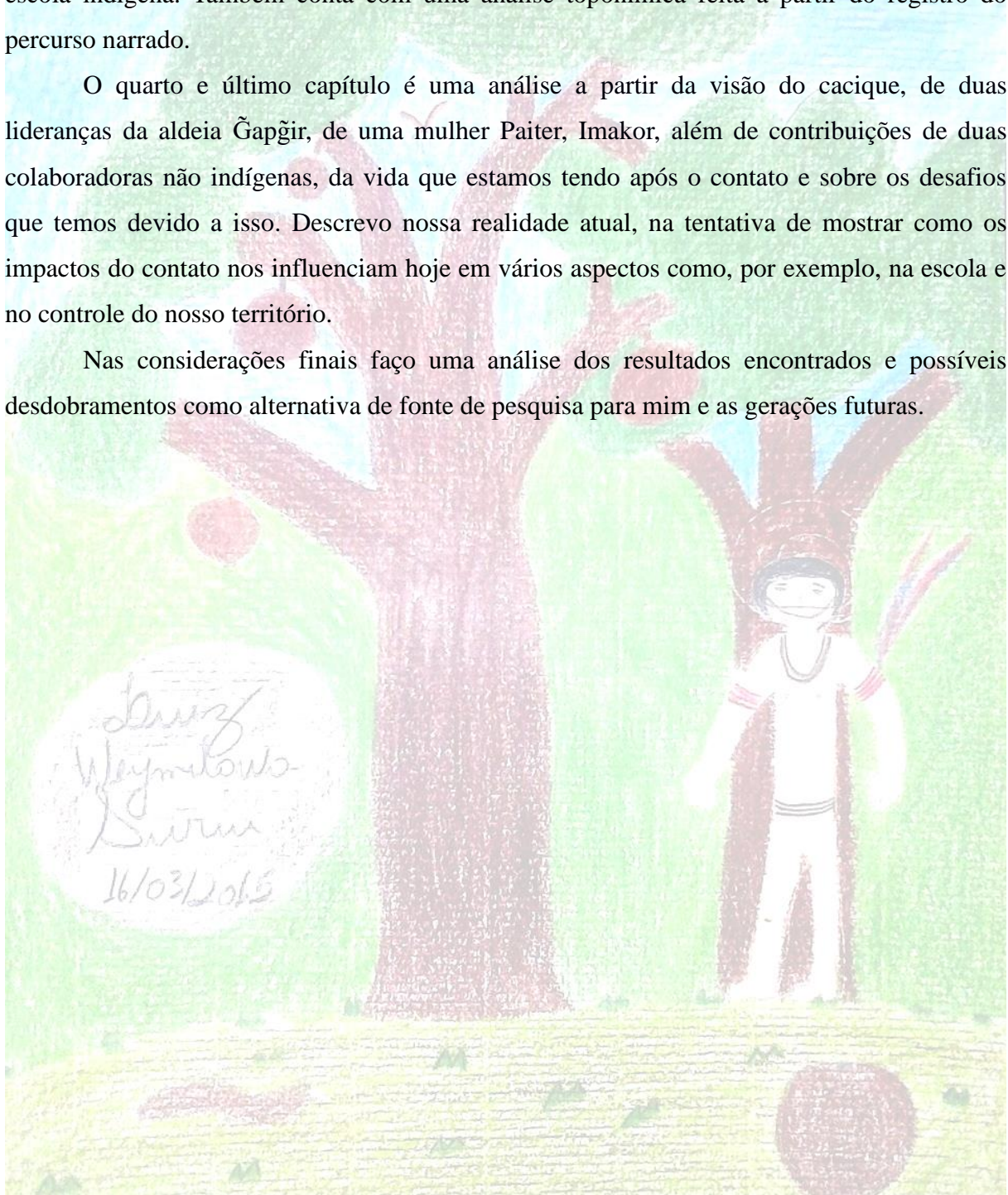
Como está organizado o trabalho

O meu TCC foi organizado em quatro capítulos. No primeiro capítulo para tratar da metodologia relato minha trajetória acadêmica e a aproximo com minhas escolhas metodológicas, no segundo capítulo descrevo um pouco da história do meu povo, de modo geral sob a perspectiva da etnohistória Paiter comparando com fragmentos da obra “Nós Paiter”, da Antropóloga Betty Mindlin para fazer esse contraponto, pois ela foi a pesquisadora que relatou de forma mais aproximada nossa história. Usei também trechos da entrevista da Maria do Carmo Barcellos, que acompanha nossa trajetória desde o tempo do contato até hoje e, junto com seu esposo Carlos Barcellos, tem muito a contribuir sobre nossa história.

A proposta do terceiro capítulo é explicar nosso percurso a partir das narrativas Paiter, de como foi o contato dos não indígenas com os membros da aldeia Ĝapĝir, e de como esse povo vivia e os lugares onde moraram até chegar à aldeia atual. Entrevistei o sábio mais velho da aldeia Ĝakamam Suruí e construí mapas com a participação dele e dos meus alunos da escola indígena. Também conta com uma análise toponímica feita a partir do registro do percurso narrado.

O quarto e último capítulo é uma análise a partir da visão do cacique, de duas lideranças da aldeia Ĝapĝir, de uma mulher Paiter, Imakor, além de contribuições de duas colaboradoras não indígenas, da vida que estamos tendo após o contato e sobre os desafios que temos devido a isso. Descrevo nossa realidade atual, na tentativa de mostrar como os impactos do contato nos influenciam hoje em vários aspectos como, por exemplo, na escola e no controle do nosso território.

Nas considerações finais faço uma análise dos resultados encontrados e possíveis desdobramentos como alternativa de fonte de pesquisa para mim e as gerações futuras.



1 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

1.1 Minha trajetória acadêmica

Meu nome é Luiz Weymilawa Surui, pertenço ao clã Ĝapğir, do povo indígena Paiter Surui, nasci e cresci na aldeia Ĝapğir da Linha 14 a 60 quilômetros do Município de Cacoal, no Estado de Rondônia. Como todas as crianças na infância, sempre adorei brincadeiras. Bem pequeno já gostava de brincar de carrinho, bola, esconde-esconde e outros, não tive muito acesso aos brinquedos, geralmente montava meus próprios brinquedos como carrinho de madeira, por exemplo.

Em outros momentos eu e o grupo saíamos para o mato de manhã, só voltávamos no fim da tarde – quando nossos pais já estavam preocupados. Passávamos o dia todo brincando como se fôssemos adultos, muitas vezes, imitando as atividades dos madeireiros na nossa área, cada um escolhia uma menina e formava um casal e as crianças mais novas eram filhos, os papéis variavam entre cozinheiro, madeireiro, motorista etc.

Conforme fomos crescendo vieram restrições de contatos com o outro, chegou ao momento em que os meninos não se enturmavam mais com as meninas. Depois me tornei uma criança muito caseira, e eu era um pouco problemático na questão de saúde, passava dias inteiros na maloca, aos cuidados da minha mãe e da minha irmã que não está aqui presente no meio de nós, está no lugar onde Deus preparou a morada dela.

Já bem cedo, comecei a trabalhar na roça com meu pai, que era encarregado do trabalho comunitário no cafezal e arrozal, e no período de cortar e pilar o arroz, eu carregava água para ele além de ajudar no serviço. Como eu ajudava o meu pai no trabalho ele comprou uma bicicleta para mim, quando me viu correndo atrás dos meninos que andavam de bicicleta.

Até hoje eu lembro bem quando ele dizia que sair para estudar na cidade não seria bom para mim, só que eu ficava quieto. Quem respondia meu pai era minha mãe, dizendo que eu poderia sim sair à cidade para o estudo. Conforme outras crianças foram saindo ele percebeu que eu não poderia ficar ali, e com ajuda da minha mãe consegui sair para estudar na cidade, e os dois estão até hoje presentes nesse momento comigo, me apoiando, e todos os dias perguntam como estou no meu estudo e no meu trabalho.

Comecei a estudar quando eu tinha dez anos de idade, na escola da minha aldeia, Escola Indígena Estadual de Ensino Fundamental e Médio – E.I. E.E.F.M Sertanista José do Carmo Santana. Quando comecei a estudar não sabia falar na língua portuguesa, falava apenas na língua Paiter. Devido não saber a língua portuguesa, tive muita dificuldade em compreender o que a professora ensinava.

Naquele tempo quem dava aula na minha escola era uma mulher não indígena por

nome de Janete. Estudei nessa escola até o terceiro ano. As turmas eram multisseriadas, havia apenas uma sala de aula na escola, que na época era feita de madeira e mais distante da aldeia. Não havia merenda, só quando levávamos um pouco de arroz, cará e mandioca era feita a merenda. Aprendi muito pouco nos três primeiros anos de estudo.

Quando fui fazer a 4ª série fui morar no Riozinho, na casa do meu irmão e comecei a frequentar a escola Nossa Senhora do Carmo. Ainda não dominava a língua portuguesa, tinha muita dificuldade em me comunicar e aprender os conteúdos trabalhados, mas foi nessa época, com muito esforço, que comecei a compreender um pouco da língua portuguesa e os conteúdos trabalhados na escola. Estudei nessa escola até a sexta série.

Como reprovei na sexta série, minha mãe me levou de volta para a aldeia. Perdi o ano, fiquei parado sem estudar. A partir do segundo semestre voltei a frequentar a escola urbana, tinha um ônibus que ia buscar e levar todos os dias para a escola da cidade. Saíamos da aldeia as quatro horas da tarde e chegávamos à escola depois das seis horas. Chegava às vezes depois das quatro horas da manhã ou dormia na estrada. Devido ao sofrimento que enfrentava parei de estudar novamente, ainda na sexta série.

No ano seguinte fui estudar na antiga escola agrícola “Auta Raupp”, atual IFRO localizado na BR 364 onde ficava quinze dias estudando e quinze dias na aldeia. Nessa escola consegui concluir o Ensino Fundamental. Nessa época já conseguia me comunicar bem melhor na língua portuguesa.

Tentei fazer o Ensino Médio na Escola Aurélio, mas não consegui devido às condições financeiras, pois meus pais não tinham condições de me manter estudando na escola da cidade. Fiquei parado um ano sem estudar. Mas no ano seguinte, um amigo me convidou para morar junto com ele e dessa vez consegui concluir o Ensino Médio na escola Josino Brito, em 2008. No final do ano de 2008, prestei vestibular para o Curso de Direito na Faculdade da UNESC de Cacoal, onde passei, mas na metade do primeiro semestre tranquei o Curso devido à questão financeira, por não poder pagar as mensalidades. No mesmo ano volto a morar na aldeia, nesta época a escola já contava com professores indígenas, alguns formados no Projeto Açaí, quando fui escolhido para ser educador na minha comunidade, pois precisavam de mais um professor e eu era o único que havia conseguido concluir o Ensino Médio.

Fui dar aula sem nenhuma experiência, a princípio lembrava as aulas que tive nas escolas da cidade e assim tentava elaborar meu plano de aulas na aldeia tentando adaptar os conteúdos da minha realidade, também tive ajuda da minha querida companheira de trabalho, Laide Ruiz, orientadora pedagógica que me ensinava a elaborar meus planos de aula. Com o passar do tempo, fui ganhando experiência, mas desejava me aperfeiçoar nas minhas

atividades como professor da aldeia.

Em 2009 prestei o vestibular para o Curso Licenciatura em Educação Básica Intercultural, oferecido pela Universidade Federal de Rondônia, Campus de Ji-Paraná, e passei. Comecei a estudar com muitas expectativas de aprender coisas novas no curso; no início me decepcionei um pouco, pois os professores reviram alguns conteúdos que eu já tinha estudado na escola da cidade. Nesse momento percebi que toda experiência que tive em estudar fora da aldeia me deu um pouco de base para a Universidade e não sentia tanta dificuldade em comparação em alguns dos meus colegas de classe, mas tive outros problemas como, dificuldades financeiras e saudades da minha família, pois o curso é intervalar e precisava me deslocar da minha aldeia, passando até dois meses fora do meu convívio, alugando casa na cidade, pagava diárias no hotel, pagando transporte e alimentação, aos poucos fui me acostumando e buscando alternativas para superar tudo isso. O Curso Licenciatura em Educação Básica Intercultural tem duração de cinco anos. Durante três primeiros anos do curso fui aprendendo algumas coisas e me identificando aos poucos com a proposta do curso, tentava aplicar na minha escola na aldeia, o que ia aprendendo. Em 2011 fui convidado a participar do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID/Diversidade, financiado pela CAPES, com o professor Genivaldo Scaramuzza, depois com a professora Maria Lúcia Gomide e com a renovação do programa em 2014 como bolsista da professora Josélia Neves desenvolvi o sub-projeto Estudando o Projeto Político Pedagógico da escola no âmbito da comunidade de aldeia Ğapğir. Cuja as principais atividades era colocar em prática nossa autonomia na escola, desenvolvendo os trabalhos na sala de aula. Buscando alternativas para contribuir na oferta e também com melhorias na educação escolar indígena de Escola I. E. E. F. e M. Sertanista José do Carmo Santana na aldeia Ğapğir.

Os projetos de ensino nessa comunidade, com o objetivo de organizar um ensino de qualidade para população local, uma experiência muito positiva no meu processo acadêmico. A melhor época do curso de licenciatura foi a partir da escolha da área específica (com duração de dois anos). Apesar de trabalhar com o ensino fundamental na minha aldeia, eu tinha uma preferência pela área de humanas, então optei pela área de Ciências da Sociedade Intercultural, essa escolha também mudou minha perspectiva de trabalho, depois disso, fui lecionar no Ensino Médio ministrando as disciplinas História, Geografia, Filosofia e Artes. Quando começamos estudar as disciplinas específicas da Licenciatura Intercultural tivemos a oportunidade de estagiar na escola não indígena em Ji-Paraná. No começo questioneei essa decisão da coordenação do curso, pensava que deveríamos fazer regência nas escolas

indígenas que atuamos, mas os professores esclareceram e de fato foi uma experiência muito rica, pois além de testarmos nossos conhecimentos a partir das experiências nas escolas da aldeia, interagimos com os alunos não indígenas explicando nossa cultura e desmistificando preconceitos e estereótipos, lembro que a aula que mais gostei de ministrar na escola “Jovem Gonçalves Vilela” foi sobre Sociologia do Trabalho a partir da cultura Paiter, os alunos adoraram e fizeram muitas perguntas. Todas essas experiências citadas contribuíram no meu aprendizado, reforçando minha postura como professor, me desinibindo, trazendo novas metodologias de trabalho, melhorando conteúdos e me estimulando na construção e elaboração de materiais direcionados para os alunos indígenas da escola que atuo como professor.

Diante desse resumo de minha vida, segui com o propósito do presente trabalho de conclusão de curso, o qual explico no subcapítulo seguinte, Entre o Campo e Teorias.

1.2 Entre o Campo e Teorias

Quando entramos na Universidade temos muitos desafios, um dos maiores, sem dúvidas, é o famoso TCC – Trabalho de Conclusão de Curso. Ao longo do curso, fiz muitos questionamentos e reflexões, e em todas as disciplinas, discussões e trabalhos realizados na sala de aula, sempre pensava como seria o meu TCC. Não foi tão fácil escolher um tema para essa pesquisa, comecei a me interessar pelos mitos indígenas, pois gosto de desenhar e transcrever histórias contadas pelos velhos da minha aldeia, mas como transformar isso em um trabalho acadêmico? Era minha maior preocupação.

Continuei a refletir e buscar algo mais, quando estudei sistemas de parentescos, em uma disciplina do curso, fiquei animado para contar a história do povo Paiter, pois possuímos um sistema de parentesco muito interessante e conseguia pensar na teoria de Lévi-Strauss, a princípio já tinha um tema, conversei com minha orientadora e percebi que dentre o que pensei, precisava de um recorte, comecei a pensar na história do povo Paiter, como era antes e depois do contato com a sociedade envolvente e que consequências esse contato nos trouxe. O nosso povo é muito grande e dividido em clãs, fazer um trabalho dessa magnitude não seria uma tarefa que acabaria no TCC, por isso pretendo amplia-lo e ou retomá-lo em trabalhos futuros, talvez para um mestrado. Conversando sobre as histórias dos velhos, com meu pai Gakamam, tive a ideia de fazer o recorte da pesquisa na história da minha aldeia, na Linha 14, focando o trabalho no meu clã Ĝap̃gir.

Decidi entrevistar, de forma pontual, uma pessoa mais velha da aldeia, que viveu nossa história, desde o tempo do contato, essa pessoa é o meu pai Gakamam Surui, grande sábio da

cultura Paiter, é o mais velho do clã Ĝapĝir da minha aldeia e também o meu tio Joaquim Surui, atual cacique da aldeia. Entrevistei meus irmãos: Pagater Joaton Surui, professor e liderança da nossa aldeia, que luta pela educação, e é o grande responsável pela normatização da língua Paiter e o meu irmão Patanga Surui, funcionário da Fundação Nacional do Índio – FUNAI, que está na luta pela preservação do nosso território, contei com o depoimento de duas pessoas importantes na história Paiter, Maria Do Carmo Barcellos, conhecida também por Maria dos Índios, que acompanhou nossa trajetória desde o contato até hoje, e a pedagoga Laide Ruiz atualmente Supervisora das Escolas Indígenas na Terra Indígena Sete de Setembro, e consultora da Associação Ĝapĝir.

Eu os convidei no final do mês de junho de dois mil e quinze, mas as entrevistas foram realizadas apenas no mês de julho a outubro de 2015, devido aos imprevistos que ocorreram nos dias marcados. Mas por fim até a primeira semana do mês de agosto consegui fazer as entrevistas iniciais com os meus colaboradores. Todos se mostraram felizes e interessados em contribuir com meu trabalho, sabendo que de alguma forma ele irá contar um pouco da nossa história e poderá ser consultado por outros Paiter nas escolas indígenas, principalmente na EIEEFM José do Carmo Santana, onde atuo como professor do ensino fundamental e médio.

O tempo do Paiter é diferente do tempo do não indígena, por isso adotei a seguinte metodologia para as entrevistas, em um primeiro momento, entrevistei meu pai, o deixei falar livremente, sem interrupções.

Na maioria das vezes meu pai ficava deitado na rede, na nossa barraca- que é como os mais velhos contam as histórias, e entre uma fala e outra do meu pai, minha mãe lembrava alguns detalhes dessa história. Eles estavam totalmente à vontade e felizes para conversar sobre isso.

Em um segundo momento, aproveitei algumas reuniões na aldeia e marquei as entrevistas com meus outros colaboradores, com meu tio e meus irmãos. Fiz perguntas pontuais sobre os temas que queria saber, duraram algumas horas, em um único encontro. Eu gostei muito dessa fase da minha pesquisa, pois tomei conhecimento de alguns fatos muito antigos, que não sabia e percebi, nesse momento, que minha pesquisa é relevante, tem importância por registrar esses fatos históricos contados por nós mesmos.

No caso das minhas colaboradoras Maria do Carmo Barcellos e Laide Ruiz, elaborei um roteiro e enviei para seus respectivos e-mails, pois Maria estava viajando para o exterior e Laide Ruiz muito ocupada com suas atividades na Secretaria de Educação, mesmo assim obtive respostas positivas ao receber os emails respondidos num tempo hábil.

Usei o gravador para registrar as entrevistas que foram feitas na Língua Paiter, após as

entrevistas fiz traduções, pois não queria perder nenhuma informação. Na tradução das entrevistas do meu pai e tio – os mais velhos da aldeia – tive dificuldades, pois eles falam um Paiter tradicional, com termos difíceis que nós jovens não entendemos bem, devido à dinâmica da nossa língua, porém foi válido porque tive oportunidade de pesquisar esses termos e aprender mais da minha língua. Além disso, era uma oportunidade para retornar ao meu pai e perguntar sobre as palavras e histórias.

Enfrentei muitas dificuldades, por morar e trabalhar na aldeia, com isso não tinha acesso à internet ou telefone, o que dificultou minha comunicação com minha orientadora. Tinha que me deslocar a Ji-Paraná, a fim de obter orientações, fora do período das aulas do curso de Licenciatura. Outra dificuldade foi a falta de acesso aos livros e materiais escritos sobre nosso povo, pois temos dificuldades de juntar essa literatura. Tive muita preocupação com o tempo, pois achei que passou muito rápido e isso me deixou muito ansioso, ao mesmo tempo estava feliz, pois para minha surpresa minha família estava gostando do meu trabalho, principalmente meu pai e minha mãe.

Gostei muito do tempo que passei entrevistando meu pai, na maloca da minha mãe, o ambiente era confortável, deitávamos nas redes e entre um trecho e outro das histórias minha mãe nos trazia algo para comer. Tomávamos makaloba¹ e nos divertíamos muito com a forma que o meu pai contava as histórias. Os filhos, netos e outros membros da família às vezes entravam na maloca e ficavam sentados escutando as narrativas do meu pai. O meu pai se sentia orgulhoso e valorizado por estarmos ali ao seu redor escutando as histórias do nosso povo. Ele narrava gestualizando e fazendo os todos os sons das cenas descritas. No decorrer do trabalho sempre pensava que se tivesse mais tempo pesquisaria mais, para esse trabalho, mas me conformei ao entender que se trata de uma pesquisa inicial e que em breve poderei me aprofundar mais, em futuros trabalhos.

As disciplinas estudadas no meu curso de Licenciatura Intercultural foram fundamentais para entender um tema que faz parte do meu cotidiano. Já havia lido alguns clássicos da antropologia, e me identifiquei bastante com os trabalhos etnográficos, como: *Briga de Galos* de Geertz (1989); *Jardins de Corais* de Malinosviski (1978), *Nós Paiter* da antropóloga Betty Mindlin (1985), *Estruturas elementares do parentesco* de Lévi Strauss (1976), *Antropologia Indígena* da Antropóloga Carmem Junqueira (1991) e *Manual de História Oral* do José Carlos Sebe Bom Meihy (2000), essas leituras me ajudaram a definir a metodologia da pesquisa, adotei o método etnográfico. A etnografia aqui é entendida como

¹ Bebida doce, geralmente feita de cará, deve ser feito e tomado na mesma hora.

estilo de pesquisa inaugurado por Malinowski que compreende uma investigação aprofundada da vida nativa de modo que o etnógrafo possa compreender a organização social do grupo em questão, sintetizados através da compreensão do ponto de vista nativo. Apesar dessa definição, e talvez por ser um indígena, e não um “estrangeiro” no grupo pesquisado, quando estava no campo fazendo as entrevistas me deparei com outras necessidades metodológicas, por exemplo: como explicar nomeações a lugares ligados a eventos históricos dos Paiteer? Ou como explicar a importância da memória oral dos velhos?

Com a indicação da minha orientadora, li alguns TCCs (na área de linguagem, gestão escolar e ciências da sociedade intercultural) escritos por meus colegas do curso de Licenciatura Intercultural defendidos há pouco tempo, e me deparei com algumas metodologias e teorias que estava buscando, como a Toponímia, História oral, Mapa Mental. A partir de então já tinha elementos suficientes para o meu trabalho. Assim, apresento uma Etnografia: descrição cultural, no sentido de técnicas para coletar dados sobre valores, hábitos, crenças, práticas e comportamentos de um grupo social, tendo como resultado um relato escrito; com contribuições da história oral: segundo Meihy (2000, p. 25) é um recurso moderno usado para elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes a experiências sociais de pessoas e de grupos. Ela é sempre uma história do tempo presente e também reconhecida como história viva. Tudo isso construído a partir de uma pesquisa participante, partindo do princípio, de que o pesquisador tem um grau de interação com a situação estudada.

Embora já tenha comentado como organizei os capítulos na introdução dessa pesquisa, gostaria de destacar alguns detalhes de como os escrevi.

No capítulo dois fiz uma revisão pontual de algumas informações sobre os Paiteer, usando como base os livros da Betty Mindlin, e entrevistas.

O capítulo três foi o mais trabalhoso, na primeira parte do capítulo constam as narrativas do meu pai. Decidi usar o conceito de transcrição específico da tradição oral que se direciona para povos indígenas, que li no Manual da História Oral.

A transcrição que se divide em duas etapas que são a textualização (o texto passa a ser do narrador como figura única assume com exclusividade a primeira pessoa, dispensando eventuais perguntas já que suas respostas são autoexplicativas) por esse motivo decidi colocar minhas observações e explicações para um melhor entendimento do texto em notas de rodapé, e transcrição (passagem do estágio oral para o escrito), onde traduzi as entrevistas da língua Paiteer para Português tentando ser o mais fiel possível a fala do colaborador Gakaman.

Na primeira narrativa ele conta alguns segredos da história paiteer que não coloquei no

texto por causa da sua recomendação que “nem tudo pode ser contado para os não indígenas” (Gakaman, 2015), e assim, tive dificuldades de decidir, como começaria a segunda narrativa depois dessa pausa, por isso fiz uma observação antes do início da segunda narrativa.

Deixei algumas palavras e expressões em Paiter no texto e optei pela tradução ao lado entre vírgulas ou parênteses, também fiz um glossário Paiter-Português que se encontra ao final do trabalho antes dos anexos. Também optei por deixar nomes de lugares em negrito, por conta do destaque que dei a este item na análise.

Na segunda parte desse capítulo, após as narrativas, desenhei o mapa do percurso Paiter até a aldeia atual na Linha 14, com ajuda de um esboço feito por Gakaman, numerando os lugares que passaram e desenhando uma representação em cada um deles. Depois fiz um quadro com nomes e seus significados para facilitar ao leitor. Após isso, levantei algumas categorias de análise baseado no conceito de Toponímia que é definida como um estudo etimológico dos nomes de lugares. Embora existam muitos trabalhos sobre esse conceito, me pautei em um artigo de Jorn Sermann (2005), professor de Geociências de uma Universidade do Ceará - URCA, que escreve sobre as categorias da toponímia que encontrei no meu trabalho, o TCC do Carlos Oro Waram também foi de grande ajuda.

No mapa da aldeia atual que propus fazer como atividade com meus alunos da escola indígena, não me preocupei com análises, queria saber como os alunos pensavam o espaço da aldeia, me surpreendi com os resultados como descrevo no final do capítulo três.

No último capítulo que também foi trabalhoso por causa das transcrições das entrevistas, me pautei na etnografia para comentar aspectos da cultura Paiter na atualidade, fiz de forma pontual considerando as questões mais urgentes para nossa sobrevivência hoje.

Desta forma, compreendo que o presente trabalho de pesquisa pode ser considerado um misto de várias áreas, na visão ocidental de áreas de conhecimento, história, geografia, antropologia e em algo que, talvez, seja a essência da área específica das Ciências da Sociedade Intercultural, que, não por acaso, foi a escolhida por mim no curso que agora estou finalizando.

2 YORY YWAY EY – AQUELES QUE TEM O RISCO NO ROSTO

Figura 2: Gakamam Paiter Surui



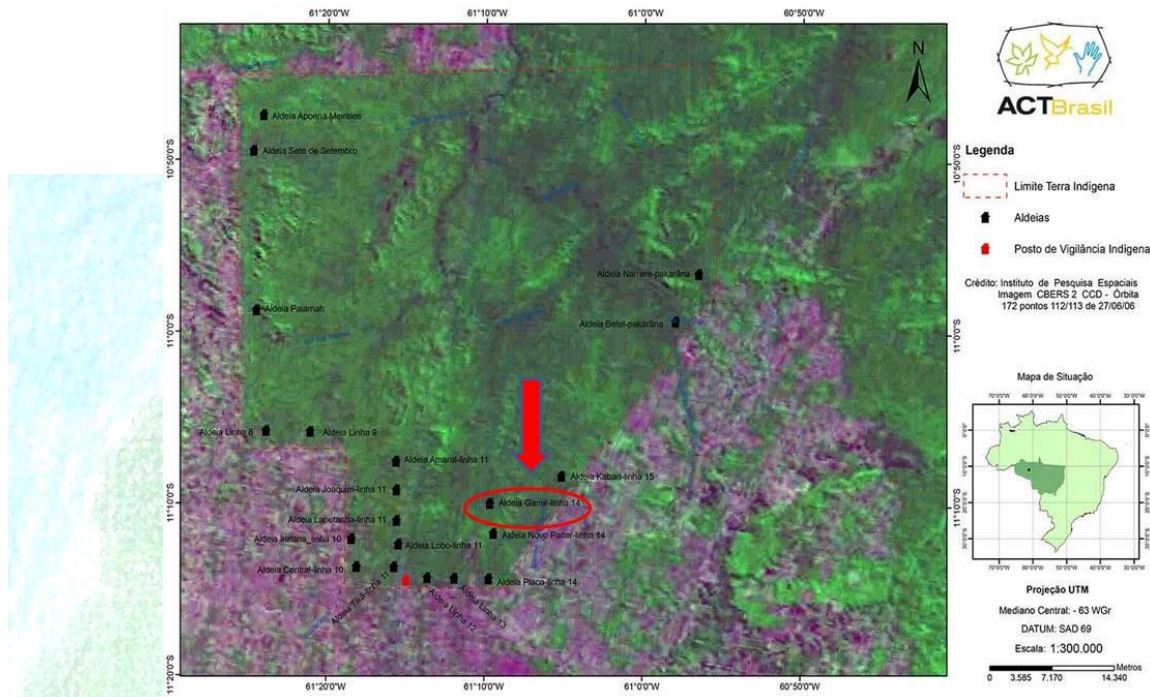
Fonte: Luiz Weymilawa Surui, 2012.

Somos Paiter, ou seja, nós mesmos, no início do contato os não indígenas observaram outros grupos indígenas da região nos chamando de yory, então confundiram o som de yory e nos deram o nome de Surui, dizemos yory yway ey, aqueles que têm risco no rosto principalmente para os mais velhos.

Os Paiter vivem na Terra Indígena Sete de Setembro, localizada entre os estados de Rondônia e Mato Grosso, numa área de mais de 248 mil hectares. E onde a aldeia Ğapğir está localizada na linha 14, há 55 km (cinquenta e cinco) de Município de Cacoal Rondônia.

Figura 3: Mapa da Aldeias na T.I Sete de setembro





Fonte: ACT Brasil, Luiz Weymilawa Surui, pesquisa de campo, novembro de 2015.

A população indígena da aldeia Ĝapğir da LH 14 é de mais de 47 (quarenta e sete), famílias e 204 pessoas, de acordo com o auxiliar de enfermagem da aldeia. Sendo assim, é a maior população das aldeias do Paiter de um total de aproximadamente 1300 pessoas. Somos falantes de uma língua do tronco Tupi da família Mondé, sendo que a maioria são crianças e jovens. Hoje, nós estamos percebendo a escola como um meio de trabalharmos na comunidade as questões culturais, históricas e sociais.

Os Surui Paiter eram, em 2006, aproximadamente mil pessoas. Paiter é a sua autodenominação – quer dizer Nós mesmos, Gente verdadeira. Eram 280 quando os conheci, em 1978. Seriam uns 600 à época do contato com a FUNAI, em 1969, mas cerca de 300 pessoas morreram nos anos seguintes, de sarampo e outras doenças. Sua língua é do tronco tupi e da família mondé. Suas terras, demarcadas em 1976, têm todas as garantias legais, e uma extensão de 240 mil hectares, no coração de Rondônia. São um povo de grande vitalidade, como mostra o crescimento populacional. Guerreiros antes do contato, suas reivindicações toma outros caminhos no presente. (Mindlin, 2007, p14)

Como se pode perceber, a população Paiter vem crescendo com o passar dos anos, apesar de ser um crescimento lento. Na época do contato com o não indígena muitos de nós morreram e quase acabou a nossa população.

Figura 4: Paiter ey

Fonte: Foto da Antropóloga Betty Mindlin, cedida a Luiz Weymilawa Surui, 2015.

Alguns antropólogos escreveram sobre os Paiter Surui. Mas quero destacar nesse trabalho a antropóloga Betty Mindlin, que conviveu com os Paiter no final da década de 70 e início da década de 80, e que até o presente momento ainda mantém contato com os Paiter ey. No livro *Nós Paiter, Os Surui de Rondônia* (1985), relata fatos importantes da nossa história e da forma como nos organizamos.

Os Paiter, assim como o Povo Cinta Larga, Zoró, Gavião e Aruá falam uma língua do tronco Tupi, da família Mondé, um compreende um pouco da língua do outro, mas tem suas peculiaridades e diferenças. Apesar disso, antes do contato com a sociedade envolvente, esses povos indígenas viviam em guerra uns com os outros.

Figura 5: Mulheres paiter na década de 80

Fonte: Foto da Antropóloga Betty Mindlin, cedida a Luiz Weymilawa Surui, 2015.

O povo indígena Paiter, antes do contato, tinha muitos clãs, como o Kaler ey (Borboletas), mas que acabaram sendo extintos nas guerras que travavam. Hoje existem apenas quatro clãs Kaban (fruta miridiba), Ğapğir (maribondo branco), Ğamep (maribondo preto) e Makor (taquara), descritos aqui de acordo começando com o clã mais numeroso até o menos numeroso.

O contato com a FUNAI veio como uma necessidade. Relatam, dramatizando o primeiro encontro com o Apoena Meireles, em 69, que, juntamente com o pai, Francisco Meireles, chefiava a expedição de atração. Os índios e Apoena tremiam de medo de um lado e do outro dos facões oferecidos como brinde aos índios, em sinal de paz. Eram os primeiros estrangeiros que não vinham como chacinadores. Mas a ambiguidade dos resultados fica aparente quando os índios refletem sobre a passagem. Diz um Surui que Apoena ficou amigo e impediu os seus de continuarem a matar a tribo. Que trouxe facões, machados, panelas, espingardas, espelhos, objetos que os índios não tinham e desejavam. Mas que na ponta dos facões pendurados trouxe também a doença e a morte. Os índios adoeceram ao visitar os novos conhecidos e muitíssimos morreram. Ficaram com muita raiva, mas o medo de morrer os fazia ficar perto dos brancos e pedir assistência médica. Ainda é assim, de certo modo, que vêm a FUNAI: quem trouxe a doença e faz muito pouco para curar. (MINDLIN, p. 26, 1985)

Nesse trecho do livro, Betty Mindlin relata como ocorreu o contato com os Paiter que fizeram contato com o não indígena em 1969, mas a história que escrevo como fruto da minha pesquisa, mostra como se deu o contato do povo Paiter, clã Ğapğir, da aldeia Ğapğir, que se deu desde antes de 1969 e anos seguintes, história que ainda não foi registrada.

Figura 6: Apoena Meireles e mulheres Paiter na década de 80



Fonte: Foto da Antropóloga Betty Mindlin, cedida a Luiz Weymilawa Surui, 2015.

As pessoas acham que em 1969 foi o primeiro contato com os brancos, na verdade os Paiter sempre tiveram contato com os brancos porque os índios iam atrás para pegar coisas dos brancos, machados, facões, se espreitavam esperando os brancos saírem para trabalhar

para pegar os objetos, os Paiter evitavam contato frente a frente com o branco, mortes aconteciam quando os brancos matavam algum indigena. Em 1969, nós Paiter, consideramos o contato oficial, porque paramos de viver como antigamente e fomos aldeados.



3 ÑANA PAITER EY PERE DE AWEY TXA MATER: ASSIM QUE OS PAITER VIVIAM ANTIGAMENTE

Figura 7: Guerreiros Paiter encenando a guerra



Fonte: Luiz Weymilawa Surui, pesquisa de campo/outubro de 2015.

3.1 Narrativas de como vivíamos antes do contato e como chegamos à aldeia atual

Ñapãir sempre liderou o povo, teve o primeiro líder Ñapãir, segundo e terceiro. Desses líderes um fez contato com yara ey, e não foi só isso, teve mais vezes.

Vou começar contar a história para você, a partir desse ponto. (frase acima).

Um Ñapãir disse, vou fazer contato com yara, que é o branco, mas antes disso já havia tido o primeiro contato com os yara ey². Quem estava planejando o segundo contato foi o filho do mesmo Ñapãir que tinha feito o primeiro contato com branco. Quando seu filho disse que estava planejando o segundo contato, o pai disse ao seu filho: _ Eu sempre falo para você, foi assim que eu perdi minha família, não é agora que tudo correrá bem. Dizia ao seu filho que sempre que fazíamos contato os yara ey nos atacavam, portanto, vai acontecer o mesmo.

De tanto insistir, lá se foi o seu filho. Nessa expedição levou um grupo com ele, foi o clã Makor. Para seu azar, antes disso os lat ey, inimigos, tinham matado um dos brancos que

² O sufixo ey após substantivo indica plural na língua Paiter.

estavam nervosos com esse acontecimento³ e sem saber de nada o Ğapğir que planejou o contato se deslocou para lá, foi Ğoxor⁴, Zoró, que tirar ostinha matado o branco. Estavam a bordo da canoa, o idealizador do contato junto com seu pai, também foram com eles os da família Ğamep, pais e filhos. Em outra canoa estavam Bey ah, vovó e Amõ, vovô, ambos pajés.

O primeiro a entrar em contato com yara foi o Amõ⁵, gritou bem alto: _ Ğamará! Ğamará! Após alguns gritos ele falou ao seu pai: _ Pai! Eles não me respondem. Foi ai que seu pai disse: _ Então deixa comigo. E gritou: Ğamará! Ğamará! E ao mesmo tempo que gritava ele remava. Quando ele começou a pensar que eles não seriam respondidos um yara abriu a janela gritando respondendo Ğamará e atirando de espingarda.

Enquanto isso o grupo do clã Ğamep estavam um pouco distante da canoa do Amõ só observando tudo que acontecia. Para se proteger dos tiros o pai do Amõ fez do kõi ah (remo) seu escudo, mas, mesmo assim, ele foi atingido. Quando o atirador ia dar mais um tiro o grupo que observava lá atrás começou a flechar, só por isso que ele parou de atirar. Diziam que o Ğamep que flechou o yara era filho do Ğamep com Watâr⁷, mistura de dois clãs.

Assim que flecharam, os Ğamep ey pularam na água para fugir. Até hoje não entendo por que o grupo dos Ğamep ey não saíram depressa remando a canoa, assim eles teriam chance de todos sobreviverem. Como foi atingido, o pai era o último a nadar, enquanto os outros já estavam chegando do outro lado do rio. E o filho que planejou o contato disse ao seu pai: _ Venha pai, você vai conseguir, o rio está raso. Falava isso enquanto ele nadava e parou no meio do rio, olhou para trás e não viu mais o seu pai, já estava morto porque tinha sido atingido pelos tiros do yara.

E só viu um enorme peixe com carne de gente na boca. Isso aconteceu por que o pai do Ğamep matou o branco. Não se deve entrar no rio depois que matar senão o espírito da vítima se vinga. E foi isso que aconteceu com ele. Diziam que, o segundo idealizador do contato Amõ, afundou no rio e sentou no fundo, atingido pelo tiro do yara, começou a tirar seus adornos, quando se lembrou de sua mãe, que sempre lhe dizia: _ Filho, quando você

³ Um zoró matou o branco, embora Paiter fosse muito distinto dos zoró, os brancos não sabiam fazer essa distinção.

⁴ Nessa época os Zoró eram inimigos dos Paiter.

⁵ Os sobrinhos apelidaram esse Ğapğir de koko anar seğah (tio de cabeleira), vendo isso as outras pessoas passaram a chamar Amõ porque não queriam dizer seu nome verdadeiro por respeito, pai e filho eram chamados de Amõ, pela aparência igual, depois desses episódios protagonizados por essa família do clã Ğapğir os todos os filhos passaram a ser chamados de Amõ.

⁶ Expressão usada nesse contexto pelos nossos ancestrais significa: “oi você tá ai?” Hoje o Paiter não usa mais essa palavra.

⁷ Watâr é um grupo clânico extinto.

estiver passando um perigo, lembre se de mim! E ele respondia a ela: _ Eu voltarei mãe, foi ai que começou a se mexer, quando lembrou de sua mãe, e saiu do fundo do rio e boiou na água, nadando e conseguiu atravessar o rio.

No final dessa parte, alguns conseguiram atravessar e outros não, como o moya ah (vovó) e outro pajé que morreu nadando, havia um homem chamado Omay mesmo significado de omãxãt, meu colega, as pessoas o chamavam assim devido ele ser o único do clã Makor e não ser parente de ninguém, diziam que ele contava que nunca viu nada igual, parecia que ia acabar o mundo, baum, baum. (imitando barulho do estrondo do céu).

Ao mesmo tempo em que isso acontecia, apareceu Amõ, o filho que planejou o contato, sua mãe lhe disse: _ Eu já te avisei várias vezes meu filho. E o filho responde: _ Mãe, eu sou culpado do falecimento do meu pai. E sua mãe continuou dizendo: _ Eu te avisei muito, para não inventar essa viagem. O filho do Amõ, que fez contato com branco, cresceu e se tornou líder do povo e só o pai dele que morreu. Diziam que os meus avós, o chamavam de koko anar sega (titio de cabeleira). E por isso que as pessoas falavam Amõ anar sega (vovô de cabeleira) também. Foi o pai dele aquele fez o primeiro contato na história do Paiter. Só a família dele que sempre liderou o povo e enquanto outros só os seguiam.

Durante o tempo que liderava o povo ele fez muitas coisas, realizou várias expedições, festas e guerras. Nessa época ele também encontrou Awir ey – como eram chamados por nós os Cinta Larga – quando ele andava pela mata, eram numerosos. Ao avistar os rastros e vestígios dos inimigos ele comunica o clã Ñamep: _ Chegamos ao perigo! E o Amõ avisa, que Awir ey não é o grupo com quem se podia brincar, porque esse grupo era velho conhecido do Amõ. Meu avô disse, para a pessoa que trouxe a notícia que o inimigo se aproximava: _ Me mostra o caminho que eu vou matar, e aquele que trouxe notícia insistiu de não mostrar o lugar, mas meu avô também insistiu muito para que ele mostrasse o caminho. E muita gente dizia para quem trouxe a notícia mostrar o caminho ao seu irmão⁸: _ Se não ele vai lá, sem saber o lugar e assim acabará se entregando ao inimigo. Foi aí que ele se animou e disse: _ então vamos nos preparar, vamos fazer mais flechas. E os Paiter ey fizeram muitas flechas, cada um fazendo o seu, e ao mesmo tempo tomavam chicha.

Enquanto os Paiter trabalhavam na preparação de flecha, um dos grupos rivais teria visto os Paiter ey escondido, e os seguiram até chegar onde eles estavam e voltaram para avisar ao seu grupo. Assim que terminaram de fazer flechas foram atrás do Awir ey, chegando ao local, foram correndo com fogos na mão para atear fogo nas casas em vez de armar uma

⁸ Em nosso termo de parentesco, chamamos primos de irmãos, portanto não se diz primo, só em ocasiões precisas.

emboscada na trilha. Quando chegaram pertinho das casas para atear fogo começou a chover bem fortemente como alguém estivesse jogando água lá de cima. Assim que começou a chover os Paiter ey largaram as chamas de fogo e entraram na mata até passar a tempestade.

Então o grupo rival soube que estavam sendo atacados e se armaram também. E os Paiter ey que entraram na mata ficaram lá esperando a chuva diminuir. O único que não pegou chuva foi o líder, no caso meu avô, que teve sorte de ver um pé de palmito e que pegou as suas folhas para fazer um tapiri, barraquinha, embaixo fez uma fogueira, enquanto isso o restante das pessoas estavam morrendo de frio. Diziam que o meu avô chamou seu amigo: Onop, onop, onop, (amigo) vem aqui colocar sua mão no fogo para se esquentar, esse amigo era o meu avô materno. Ao ver meu avô paterno chamar o meu avô materno o Omay se ofereceu para ficar junto aos líderes que estavam se esquentando na fogueira, mas esse pedido foi recusado⁹.

Lembrando que os Paiter ey passaram noite chuvosa na mata e ao amanhecer saíram cedo. E o grupo que escapou do ataque dos Paiter ey virou a situação e começaram o ataque contra os Paiter, também se prepararam para guerra contra Paiter. Na volta da guerra mal sucedida os Paiter ainda fizeram festa de chicha, mas o Amõ não tinha se esquecido da guerra, por que sabia que em qualquer momento poderia acontecer alguma coisa inesperada. Por isso ele ia à mata ficar na espera e só voltava de lá à noite com fogo aceso, isso se repetiu várias vezes atrás de seu inimigo, mas os Awir ey foram muito espertos saíram do caminho principal e fizeram outra rota, e chegando bem em cima no lugar onde eles estavam morando.

Enquanto isso, os Paiter estavam em festa esquecendo que teriam ido atrás do inimigo e que não obtiveram sucesso nessa viagem. E o clã Kaban pediram a um Ñgamep – que era amigo do meu avô – para ele abrir os barris cheios de chicha para eles tomarem, achando que por ser seu amigo meu avô não teria coragem de brigar. E o Ñgamep falava: _ Eu não posso fazer isso, ele vai brigar comigo. Mas, de tanto ser perturbado pelos outros, esse Gamep abriu o barril de chicha do Amõ e deu aos outros para beber, porém disseram os Kaban ao Ñgamep quando o Amõ chegar você fala que foi você que deu ideia de tomar chicha dele.

Para o Amõ não ficar chateado com eles os que beberam a bebida dele deixaram de beber vários, um barril para ele. O Amõ chegou de sua viagem, viu que sua bebida tinha sido tomado por outras pessoas, deitou na sua rede sem falar nenhuma palavra com ninguém. Mas como eles tinham pensado, darão bebida ao Amõ quando ele chegar de viagem, antes que ele se zange. Aí veio o Ñgamep, amigo do Amõ, recebe-lo e disse: _ Boteh eya eor ih yre? Are?

⁹ Na sociedade Paiter nessa época já existia as classes que predominavam, por isso, não é qualquer pessoa que ficava entre os líderes.

(você já chegou irmão? Irmão?) e o Amõ responde secamente: _ Ay? (oi). O gamep fala: _ Quero dizer que eu comi sua comida¹⁰ e deixei um pouco para você, gostaria de tomar agora? E o Amõ continua a responder secamente: Tudo bem! Você sabe que nós somos responsáveis pelos nossos atos, portanto, você sabe muito bem o que fez com minha comida. E você não deve tocar no que não é seu e se você mexeu por que é seu. Amõ ficou furioso. O ÑGamep fala: _ Não se zange eu queria muito tomar essa bebida. O ÑGamep oferece ao Amõ uma cuia cheia de chicha e o Amõ só toma um pouco e repassa ao ÑGamep e diz: _ Já que tomou, agora toma o restante. Enquanto rolava essa bebedeira, os inimigos só observavam a festa todos prontos para agir. E o Amõ já bêbado de tanto tomar chicha cantou¹¹:

Ñwe abi kateh

Ñwe abi kateh

Ñwe abi kateh waba awir ey ema sem ap kaso tiga teh oje kay e.

Ateh bar o yh aye

Ateh bar o yh aye.

Cantava essa música enquanto era observado, mas mesmo assim chegou à noite. No outro dia ao amanhecer o Amõ acorda e se levanta gritando ao inimigo: _ É agora que vamos nos matar. Ao perceber que a casa estava pegando fogo, atearam fogo na casa do Amõ. Dizem que o Amõ disse a sua mulher: _ Saia daqui e eu vou atrás de você. E a mulher sai primeiro com uma esteira na sua frente como seu escudo e o Amõ atrás dela com outra moça ao seu lado. Essa moça era criada pelo Amõ e sua mulher, caso sua mulher fosse atingida na frente e morresse, ele ficaria com essa moça para casar. E a primeira que levou flechada foi a mulher, pegou de raspão, e Amõ que vinha atrás dela foi atingido na cabeça, e o Amõ diz: _ Hum... acertaram-me! E a mulher dele voltou para dentro de casa e já que ele foi atingido, Amõ atacou também e nisso ele foi flechado várias vezes e caiu no meio da aldeia. E de dentro de casa saiu um pajé (ÑGamep o amigo do Amõ) dizendo: _ O que essas pessoas pensam que estão fazendo conosco?¹² Saiu de dentro da casa e parou no meio da aldeia, trazendo com ele um relâmpago de fogo fazendo com que os Awir ey que estavam atacando saíssem correndo de medo. Foi assim que os inimigos mataram o meu avô. Depois do falecimento do meu avô o primo dele assumiu cargo de líder do povo¹³.

¹⁰ Como a bebida é muito importante para o Paiter, ele usa comi em vez de bebi, se referindo à bebida, mostrando medo e respeito.

¹¹ Essa música tem sentido de presságio, sabia que algo ruim estava para acontecer). Amõ canta que matou muitos dos seus inimigos no último ataque ao Awir ey

¹² Referindo-se aos inimigos, conhecidos de longa data por ele.

¹³ Durante a narração, meu pai fala “meu avô” o tempo todo, mas que na verdade é primo do avô dele e depois do falecimento desse Amõ é que vai entrar mesmo o verdadeiro avô do meu pai como líder, eles eram quatro

No tempo de liderança do meu avô, ele foi uma pessoa muito respeitada, tanto que até a presença dele intimidava as pessoas. Eles ficavam na entrada da casa trabalhando fazendo arco e flecha com enfeite de pelo de catete, um trabalho que só homem sábio Paiter faz, as maiorias das pessoas tinham vergonha ou medo de passar por ele. Por isso, as pessoas queriam tanto matar os meus avós, por estarem cansados de serem submissos a eles. Nessa época de liderança do meu avô que os Paiter ey conseguiram revanche contra os Awir ey e o Ñamep ey como sempre estavam juntos fazendo o que eles decidiam.

[...]

Nesse ponto da narração, meu pai para de contar a história de seus ancestrais, porém ela continua e, devido ao fato de só os descendentes daquela época saberem e ser algo trágico para nós, não vai ser contada nesse momento, por respeito ao meu pai, Ñakaman, e da parte dele por respeito aos seus pais.

Então a continuação, logo abaixo, trata mais especificamente das andanças, os lugares e histórias presenciadas pelo colaborador em uma narrativa marcada por guerras, festas, nomeação de lugar, vingança e canto até a chegada na Linha 14.

Meu pai Ñakamam nasceu no **Yh pep nepo sar e sap moy**, galho pendurado de uma árvore de mancha preta, que ele não sabe dizer onde é, mas de lá chegaram na antiga moradia do bambuzal.

[...]

Makor ñat lap moy – Antiga moradia no bambuzal

Vimos para cá com medo dos lat ey, inimigos. Do lugar onde morávamos, no lugar que foi **Morara ey sem ewa ah** – lugar onde tomamos o caldo do tatu peba¹⁴ – eu cresci falo para vocês, meus filhos, atualmente é o local onde mora Carlão, o fazendeiro, parece recente esse fato, pois o lugar esta perto da gente, mas foi muito tempo, muito tempo atrás, ainda não existiam as pessoas que hoje estão no tempo atual. Na época havia pessoas que foram crianças como eu e que não estão presentes hoje aqui. E não essas pessoas que dizem serem velhos e sabedores do Paiter na atualidade.

Morara ey sem ewa ah – Onde tomaram caldo dos tatus peba

Depois desse lugar onde morávamos, saímos e fomos para outro lugar, fazer lap moy

irmãos.

¹⁴ Quando se refere a “caldo de alguma coisa” não é no sentido literal e sim de determinado nome dado para aquela chicha representando algo importante no momento. Essa expressão aparecerá várias vezes no decorrer da narrativa.

(casa grande) local de nĩbah – outra forma de se referir a pajé – onde Paiter viveram bem, muita fartura e festa. Tinha grupo que vivia no lugar onde Carlão¹⁵ mora, embaixo do taquaral, só em família. Olop mor (Irmão do meu pai) ficava com essas famílias. Meus tios maternos do clã kaban também moravam lá com esses grupos grandes só entre irmãos. Um tio ao perceber que as pessoas não o deixavam ser cacique saiu de lá, e foi para outro lugar **Morara ey sem ewa ah**, formando uma nova aldeia.

Nĩbah ey sap moy – Morada antiga dos pajés

E depois fez outra aldeia, **Nĩbah ey na ewa**, o nome significa onde os pajés brincaram jogando água para cima, e foi aí que viveram por muitos anos e eram felizes.

Foi aí que o pai do Lyba¹⁶ veio no meio da noite muito assustado e disse: _ Teh pala yh? Tem gente aqui? Sempre conto isso, pois foi aí que muita gente ficou com medo, e meu avô materno disse: _ Uh hoo¹⁷. Apareceu gente! É Ami ah – Cinta-Larga – aquele que não deixa fazer nada com ele¹⁸. Os Paiter ey que ficavam nesse lugar saíram e se juntaram do lado onde os yara ey estavam, com medo dos Ami ah, se juntaram aos brancos e construíram um barracão onde ficaram por alguns tempos¹⁹. Depois meu avô saiu dizendo que iria acampar para aproveitar yh cahp, quando o rio está baixo, época boa para pescaria. E foram acampar só em grupo que já havia formado por essas pessoas que eram corajosas. E quem estava com medo, preferiu não ir, ficando próximos aos brancos. Depois do acampamento voltaram para suas casas e receberam as pessoas que haviam chegado de outro local colocando ao redor de sua moradia, ou seja, junto ao grupo do barracão. Nesse tempo uma casa pegou fogo, e alguns grupos se espalharam pela floresta. As mulheres que perderam tudo fizeram redes e ao mesmo tempo meu tio, irmão de minha mãe, estava construindo casa. Foi aí que eles fizeram festa de Nĩbah em comemoração de casa nova. E nesse dia aconteceu tragédia, houve brigas entre Paiter. Um Paiter matou outro, não participei dessa festa, pois fiquei em casa com minha mãe a pedido do meu pai.

Awurû ey sem ewa ah – Onde tomamos caldo dos cachorros

Depois dessa confusão o clima ficou tenso entre os Paiter. Todos saíram e fizeram um novo lugar para morar, **awurû ey sem ewa ah**, local onde foi bebido caldo dos cachorros

¹⁵ Carlão: na época fazendeiro muito influente do Município de Espigão D'Oeste/RO.

¹⁶ Nome próprio Paiter.

¹⁷ Expressão que significa susto, perigo, mau presságio.

¹⁸ Referindo-se aos inimigos como perigosos.

¹⁹ Aqui não se juntaram aos brancos (seringueiros), mas fizeram barracão no mesmo lado onde os brancos tinham os seus barracões.

(chicha) e para tomar chicha, os Paiter provocaram dizendo: _ Vi os cachorros! Referindo-se aos brancos. Foi nesse momento que mataram uma mulher branca, houve um confronto entre Paiter e os brancos, depois disso morreram muitas pessoas, inclusive crianças, a causa de muitas pessoas terem falecidos foi a morte de mulher branca, seu espírito²⁰.

Yapeh tirip mǎp ah sap moy – local onde foi cozido material que faz ponta da flecha

Depois de um ano saíram desse lugar e foram para outro local formando uma nova aldeia, **Yapeh tire sem ewa ah**, que significa local onde foi tomado o caldo da matéria prima que faz ponta da flecha. Nesse lugar tomamos muita chicha, foi o pai do irmão do Toroy txangã²¹ que fez recomeçando uma festa que foi interrompida quando saímos de um lugar de onde morávamos com medo do branco. O pai do irmão dele protagonizou uma festa, dizendo que havia visto um grande rastro de grandes animais, porque queria tomar chicha. O sogro do pai do Toroy txangã deu bebida para ele, yokura sih, que foi nomeada como chicha da abóbora. Daí disse que Pamakağuyñ, povo indígena que não sabemos quem são, estavam nos matando, e saíram das casas de onde moravam. Foram para outro lugar, lá formaram **Yapeh sem ewa ah**²² e moraram lá por muitos anos.

Logo em seguida alguém se pronunciou dizendo que está indo cortar Yapeh um material de taboca para fazer ponta de flecha. Voltando de lá as pessoas fizeram muita festa comemorando a busca de taboca. Depois a cozinham²³.

Foi nesse momento que o pai de Pağopûr²⁴ levou irmão dele para ser assassinado pelo branco. O motivo disso foi brigas pela mulher. A vítima namorou a mulher do irmão. Mas quem matou mesmo foi Lat, inimigo. Depois o irmão deles ficou dizendo que iria lá matar o branco. Fazia músicas cantando que iria matar o branco. E lá se foi ele para guerra. E depois voltou de lá dizendo que não deu para fazer nada, porque, havia muita gente. E disse: é Lat nĩng²⁵. E as pessoas falaram: _ então vamos sair daqui. Daí eles saíram, foram mais adiante para cima do local de onde eles estavam. E ao mesmo tempo em que estava acontecendo tudo isso, o Lat nĩng já estava matando gente. E não sabíamos de onde eles teriam vindo, se era do

²⁰ No entendimento dos Paiter, o espírito da mulher assassinada foi responsável pelo adoecimento e morte dos outros.

²¹ Nome próprio Paiter.

²² Onde tomaram bebida comemorando a busca e a instalação num local tão importante quanto esse, cheio de taboca (matéria prima da flecha), e ter fatura desse material era imprescindível para a sobrevivência, já que viviam em guerra. Foi nesse lugar que moraram por alguns tempos.

²³ Antes de começar a fazer a ponta da flecha a taboca é cozida e só depois começa a fazer feito.

²⁴ Cabe explicar que nós não falamos nomes das pessoas falecidas, por isso “pai de Pağopûr”.

²⁵ Grupo inimigo que eles guerreavam. Hoje, dizem os Paiter, que eram os Uru Eu Wau Wau, por conta do tipo de pintura corporal, mas não se tem certeza.

lado de lá ou de cá. Antes disso já havia matado um Lat ali no local onde mora atualmente o Anine²⁶.

Era o Povo Gavião, porque, o Povo Zoró ficava do lado de cá. Mas os Paiter ey mesmo assim sabendo que os Zoró estavam logo à frente, avançaram para lá. Saindo do lugar onde ficou para cozinhar Yapeh. Enfim chegaram a outro local para se instalar ali. E ainda ao mesmo tempo em que chegaram, vieram outro grupo que andavam pela mata trazendo notícia de que os inimigos estavam vindosa para nos atacar. Os pássaros também cantavam muito anunciando perigo ou que vai acontecer algo²⁷. Foi aí que pegaram o pai do Pamaûr²⁸.

Lap ģut ey

Também pegaram a irmã mais nova da mãe do Anine. E ficavam se perguntando de onde que isso estava vindo, mesmo assim eles avançavam cada vez mais para frente. E ao mesmo tempo em que isso acontecia, os próprios Paiter se aproveitavam da situação de sumiço de pessoas para matar algum desafeto dentre os próprios parentes. Por pouco, não se mataram todos. Nesse tempo também pegaram o tio do pai do Rafael²⁹, e seguiam se questionando o porquê de estar acontecendo isso. O lugar desse fato é no **Wakoy ey ema pasap ģat ah**, babaçu dos mutuns³⁰, estavam lá caçando. E por conta dos sumiços e brigas que saíram de lá e foram para outro lugar que denominaram de **Lap ģut ey**, casas pequenas. Chegando, construíram muitas casinhas no lugar onde havia muito babaçu. E dizem que o awurû iway, dono do cachorro, na época construiu uma casa bem grande em um lugar um pouco distante onde ele tinha uma roça. E ficaram ali, por alguns tempos.

E foi nesse tempo que meu irmão se tornou pajé, caiu do alto de uma árvore muito machucado e ficou ali mesmo, se resguardou e com isso se transformou em pajé, ali atuou na companhia do seu pai. Foi nesse tempo que faleceu pai de minha mãe e logo em seguida também o seu irmão. Meu avô materno e o parceiro deles, o avô dos Ģamep ey, dizem que o envenenaram. Depois as pessoas saíram desse lugar. E lá foram fazer uma roça para se instalarem formando lugar que o chamavam de **Yhp pehp tabih tor**, toco de árvore de mancha preta.

Ģorih lor mǎp ah

²⁶ Cacique e morador da aldeia LH 12, Aldeia Nabekot abat akip ah/Onde penduraram os facões.

²⁷ O canto dos pássaros nesse sentido é literal ao avistar pessoas passando na mata.

²⁸ Pamaûr é morador de Aldeia Ģapġir LH 14

²⁹ Paiter morador da Aldeia LH 9.

³⁰ Nome dado ao local de babaçu devido ser lugar de muito wakoy ey/mutuns.

E foi aí que o meu tio, pai do Rafael, fez uma festa para meu primo de terceiro grau. Festa de Awurû ey, significa os cachorros. Também quem fez outra festa no mesmo tempo foi a pessoa que meu pai deu nome, ele fez uma Festa de Morip ey, os peixes. Tomaram muita chicha. Pegaram a mulher do irmão do pai do Rafael, quando ainda havia festa, também a minha avó quando ela estava dando à luz ao bebê. E outra pessoa que foi pego, o meu colega e meu primo. E nesse tempo fiquei muito apavorado, me perguntava: _ por que o meu colega teria falecido? E depois começamos a fazer várias roças ao mesmo tempo em que aconteciam as mortes das pessoas, avançando para formar outro lugar **Pasap ah pixa sap moy**, lugar de moradia antiga no babaçu. Depois fizeram plantio nas roças e saímos a **Yh kabeh**, Rio Grande. Esse fato não passou rápido, foi acontecendo com o tempo, saímos no verão até chegar o tempo chuvoso. E, lá viram Zoró, com isso voltaram para trás, no lugar onde deixaram as roças. E o líder do pai de Pağopûr disse a ele volta lá onde fizemos roças para construir casa para mim. Lá ele foi, e construiu uma casa bem grande, o Yobayxara também fez outra casa grande, enquanto, outras pessoas faziam pequenas casas. Foi aí que meu padrinho³¹ fez uma festa Amõ tih ey, grandes jabutis, se referindo aos brancos. E para irmão do meu padrinho fizeram uma festa chamada Ğopãp ey, os peixes elétricos. Foi aí que tomaram malop ah³². Não foi simplesmente o malop ah que meus pais tomaram isso era mais do que festa, alegria, harmonia e vida. Daí as pessoas falaram que iriam fazer outra festa que se chama Metar, que significa estar afastado da aldeia ou ficar na estrada³³.

Nesse momento meu primo de terceiro grau, no meio dos seus colegas, cantou:

Pã mapãyn o La [x3].

Loy kûpey a kermareh...

Laheğayã

atehtehpalay eh...

Loy kûpey a ker ah...

Ah ye map poh...

Ele cantou comemorando primeira chicha feita no ano, se passando de inimigo, como se ele fosse lat. Após, o dia da bebida, amanheceram se ferroando de urtiga e formigas de fogo³⁴. Depois fizeram outra festa que chamou de mosyn ah sih ĝereyöp, bebida feita de folha

³¹ Para nós, Paiter, padrinho é a pessoa que nos deu o nome.

³² É uma bebida que se toma quente preparada da primeira colheita de milho.

³³ Onde um grupo é responsável pela chicha e outro pela caça, no dia de tomar chicha o grupo que caçou vem e toma bebida, para pagar, eles fazem a troca, ou seja, pagam com a caça. Essa festa tem uma diferença: na festa metar toma-se bebida fermentada e na festa malop ah toma-se quente. Os modos de preparo das bebidas são diferentes.

³⁴ Deixar as pessoas passarem a folha da urtiga como um ritual de coragem, assim quando estiverem no mato

de árvore amarga, onde tomavam todos os tipos plantas medicinais, eles tomavam na mão como se fosse uma cuia, foi o Yobayxara que fez essa festa. O povo festejou muito, batiam muito os seus braços com as pedras, esse era ritual de festa. E diziam que o pai do Toroy Txãg Ah, cantou comemorando essa festa:

Ye boh ma waloy xa a ãn

A ãn...

A ãnay e ih...

Ye boh ma waloy xa a ãn

Aãñ ay e ih...

Mã waloy aka we parit ne oje eãay e ka

Aãñ ay e ih...

É assim que canta uma pessoa que não tem jeito ou vocação para nada. Depois disso, meus pais se reuniram para ir caçar deixando as mulheres em casa. Enquanto os homens caçavam as minhas mães³⁵ fizeram outra bebida de folhas e tinha um homem com elas ajudando. Os irmãos das minhas mães embebedaram o único homem que as ajudava. Foi aí que, esse homem com as três mulheres do seu lado são elas: mãe do Tener, Abi Poy Ah e Gãop Suruí, cantou:

Ãñ mũy txer are hey sah gũer aññ po ah {2x}.

Gũer aññ po ah.

Cantou se alegrando, porque estava bebendo com as mulheres de outros homens, que no momento não estavam presentes. Enfim voltaram os homens que haviam ido caçar, os meus pais chegaram de madrugada. A vida do mais velho, não é apenas uma vida simples, e sim vida para aproveitar, ou seja, vida maravilhosa e bonita. A chegada deles parecia como se houvesse tempestade, e ao mesmo tempo faziam som: Hooo Hooo avisando suas chegadas, aos meus tios paternos, que levantaram dizendo: _ E agora? E pegaram as pessoas que vieram gritando, para dar bebida a eles. E foi nesse momento que o meu primo Peyja Patxo Ynt cantou, pois não demora muito a cantar uma pessoa que é boa de cantar após a tomar chicha.

Owe wã wera

Owe wã wera mñ

Õ ent neh teh

Ô ent neh the yama eya pah poh yelet ne coy yelet nã

Gã pãp nĩh ybi werta teh...eãabih

passando algum perigo não vão dormir.

³⁵ “As minhas mães” que o narrador diz são as tias maternas dele.

O or... ah o or...

eğabih

Owe wã wera

Owe wã wera mãn

Õ ent neh the ya

Mã waloy pere mim

Õã pãmi ybi masar

Sonã poh

Omã wa Omã

Ooor...

Dançando e cantando com um facão em mãos. E esse facão foi pego no **Õorih lor mãm ah**, lugar do dia dos vômitos³⁶, pelo irmão dele que teria ganhado do filho.

Owe wã wera mã

Õ ent ne teh ya mokã y api way

Ah kata poh

Yelet eka la mokã y api way

E txa becot nanği ã...

Essa canção ele fez para dizer como foi que acertou a mochila da vítima. Mas antes o irmão dele já teria vindo primeiro para tomar chicha. E ele cantou:

Teh maré oy ã

Oy ah or ã

Teh maré oy ã

Mamap ey ka yã

Õ ent ner poh sa ka

O payxãt mereca

Marih jat na mare oy ã

ey ka yã...

E ao mesmo tempo o pajé deles também cantou:

Mamap

O kapant aniga mã

O kapant aniga mã aye gopant ey sen kaye.

omã... wa omã ay eh...

³⁶ Dia de vômitos: nesse dia vomitaram muito porque tinham visto um branco, pelo cheiro forte deles.

yeled laye oparimajah ye maki teh gopant ey
 sen ka mãy ã...
 omã... wa omã ay eh...

omag ey kapant aniga teh masay e tama ih kaye

Com pedaço de naray yhp, varinha que o pajé carrega na mão. Naquele tempo ficava observando e admirando meus pais como estive olhando para pessoas desconhecidas. Eles eram velhos, fortes, corajosos e com personalidade. Eles eram três irmãos, foram esses três filhos que meu avô deixou órfãos, falecendo quando eles ainda eram crianças. Havia dois primos e no total eles ficaram cinco irmãos. Depois foi a vez dos meus tios, irmãos das minhas mães, de somagã, que significa fazer provocação para ser embebedado pelo dono da chicha³⁷, e chamaram a provocação de mara yah, cará, porque viram que os Zoró tinham cará, quem fez isso foi o pai do Rafael que provocou irmão mais velho do meu pai, e o outro que provocou ficou dizendo que fez ih wap txi, um grande barco. Pai do Lapeh Sap fez provocação dizendo que tinha atanp ah, um tipo de fruta para o pai do Lip Ah. Oma ur amakap, um amigo, e o pai de João também brincaram provocando o ogo soh (meu amigo), que teria visto Ytxi ey, mateiros. E nesse período estava acontecendo de as pessoas serem envenenadas pelo ãgerbay – inimigo que não se sabe quem é, mas que pega as pessoas traiçoeiramente e as envenena.

Antes de acontecer esses fatos as pessoas já estavam indo para o meio da floresta, acampando e foram descendo o rio. Foi aí que veio o meu irmão informar que o inimigo estava se aproximando de nossa direção. Também nesse momento as pessoas começaram a adoecer, pegavam epidemia só de sentir que o homem branco estava se aproximando. Naquela época diziam que o irmão do Lyba foi torturado pelo ãgerbay, quando ele estava tirando tatu do buraco. As pessoas estavam instaladas aqui, enquanto, ãgoxor, os Zoró estavam ali na margem do rio.

Yarah ey ah – Morada dos brancos

Os Paiter ey andavam/viviam nas redondezas dos brancos sem vê-los e encontrá-los. Mas eles pegavam os Paiter, foi por esse motivo que os Paiter vieram para cá, saindo do local desses fatos que estavam acontecendo, para formar outro lugar chamado de **Yarah ey ah**, morada dos brancos. Onde foram construídas muitas malocas. Quem liderou o povo nesse lugar foi o pai do Rafael. E desse lugar que as pessoas iam atrás do homem branco, para pegar

³⁷ É como se fosse uma pequena festa.

seus facões, além de matá-los, um atrás de outro³⁸. Enfim, os brancos reagiram e vieram atrás de nós. Porque, oma ur a makap – meu amigo companheiro teria matado o cachorro dos brancos. E os Paiter ey já tinha saído antes dos brancos chegarem, / mas, logo lá na frente os pararam no babaçu para pegar gongos no **Wakoy ey a pasap ġat ah**, babaçu dos mutuns.

Ficaram por ali por dois dias e duas noites. Se nós ficássemos por mais um dia os brancos chegariam a tempo e teriam nos vistos e matado. Enquanto as mulheres quebravam coco de babaçu, oma ur a makap voltou bem silencioso para ver se viria alguém os seguindo, até que sentiu algo diferente acontecendo. Voltou para onde estavam as mulheres e viu seu irmão vindo ao seu encontro dizendo que tinha branco nos seguindo. Voltamos para onde estavam as mulheres e indicamos o caminho aos seus maridos para que pudessem tirá-las do perigo.

Dizia oma ur a makap, quando ele sentiu que estavam sendo perseguidos por alguém, ficou alerta, até ouviu o canto de ġorpan sih bi ey, passarinhos que ficam nas proximidades de rios, com isso ficou atento para ver o que estaria havendo ali naquele momento, até que viu um homem vindo de chapéu na cabeça e espingarda no ombro. Foi aí que se armaram para o combate. Foi o irmão do oma ur a makap que flechou primeiro acertando a vítima e logo em seguida o oma ur a makap também flechou, e saíram correndo pelo mato adentro, levando muitos tiros pelas costas. Nessa correria o irmão do oma ur a makap, o primeiro que flechou, largou a sua arma³⁹.

Enquanto isso o irmão mais novo do oma ur a makap conseguiu fugir com seu arco e flechas. Quando chegaram à aldeia vieram fazendo barulho e gritos como sinal de acontecimento e avisos de alerta, para que as pessoas se arrumem com mais rapidez. E não demorou para nós arrumarmos nossas coisas, foi tão rápido que conseguimos sair todos, chegamos por um caminho e saímos por outro, para despistar de possível perseguição dos brancos.

Não fomos muito longe, logo mais à frente paramos para descansar. Isso estava acontecendo quando havia muito casos de feridas no corpo dos Paiter ey. Logo nesse momento meu irmão apareceu ali, ele vivia no rio abaixo, caçava e pescava sem ter nenhum medo de nada. De lá ele trouxe mutum, e quando cozinhava, sua mãe derramou caldo em cima do seu pé. Tem uma pessoa que mora aqui com a gente, também estava com pé

³⁸ O lugar disso é o atual distrito de Riozinho à 12 Km de Município de Cacoal.

³⁹ Isso para não se enroscar no meio do caminho, sem ter nada na mão teria como se livrar de possíveis garranchos pela frente.

machucado e que estava muito inchado⁴⁰. E o meu tio⁴¹, pegou o rumo de cabeceira do rio, porque, a sua filha estava com pé machucado e não conseguia andar muito.

Ele, mesmo com passos lentos, conseguia fugir do perigo carregando sua filha nas costas, abrindo caminho com muito cuidado. E outro grupo saiu correndo sem saber que estavam indo no rumo do inimigo.

E o nosso grupo foi atravessar o rio, por coincidência pelo lugar onde o pai do Yhp abi matou Lat.

Lap alawã – casa com entrada nos dois lados

Enquanto isso, havia notícia de que o outro grupo teria atravessado descendo o rio pela parte seca indo para **Morah ti samoy**, lugar de morada dos Lat ey, e eles ainda estavam ali no mesmo lugar. Enquanto isso nós chegávamos à cabeceira do rio, onde construímos uma casa grande, **Lap alawã**⁴².

Desta vez ficamos mais próximo de taquaral, mas por pouco tempo. E nesse momento tenso ainda se espalhava a notícia de alguém que teria andado na beira do rio **Mosã ey sih**, rio dos camarões, pois tinha pegadas das pessoas. Nesse dia todas as pessoas se arrumaram se aprontando para guerra. E meu pai, avisou para todos que estava ali, dizendo para ter cuidado e prestar atenção, porque sabia quem era esse povo e sabia como é a reação deles, era um velho conhecido, os Ami ah.

Nessa época o meu pai pediu ao meu sogro, que ele pudesse liderar o povo, substituindo-o. Já no cargo de liderança o meu pai reuniu as pessoas para fazerem a roça, ali nesse novo lugar. Moramos por ali, passando alguns verões, havia muitos jovens que faziam festas, todos vivendo bem ali. Até que começou tudo de novo as perseguições dos Ami ah ey. Lá se fomos nós, fazermos nova mudança de moradia, indo mais para frente, passando outra comunidade Paiter, que moravam logo na frente de nós. E ao mesmo tempo dessa mudança toda, viam sinal de aviso de algo ruim em nossa direção. Era cada estrondo: _ Baum... hum... Baum... hum.

Até que chegamos ao outro lugar, onde construímos **Lap ġup ey**, casas pequenas, quando ainda trabalhávamos na construção começou a guerra. E, eu me lembro do que aconteceu naquela vez, todos foram arrumar lugares mais para frente com medo de que

⁴⁰ Ele se referiu a minha tia Ih kōp, irmã da minha mãe. Tinha dois grupos de pessoas, que moram juntos naquela época, mas com essa correria eles se dividiram cada um pegando seu rumo.

⁴¹ O tio que meu pai fala é o sogro dele.

⁴² A casa tradicional Paiter geralmente só tinha uma entrada na cabeceira, no caso da lap alawã esse padrão foi quebrado sendo construída uma casa com portas dos dois lados laterais.

pudessem começar ataque do lado que ficamos deixando os líderes sem cobertura.

Um dia, antes de acontecer o ataque, eu teria pensado em ir atrás do grupo que havia saído para caçar, e antes do dia amanhecer eu acordei, sentei e cantei uma música. Era bem cedo, eu sentado ali cantando quando veio alguém pertinho de mim falou bem baixo, tipo cochichando. Nesse momento eu me arrepiei todo de medo, fiquei assustado, que era de por madrugada estava ainda escuro, mas mesmo assim continuei cantando. Sempre, quando me lembro disso penso que eles se perguntavam um ao outro, vamos segurar ou vamos logo matar? E depois de ter cantado eu voltei para minha rede para me deitar mais um pouco, deixando meu arco e flechas no lugar onde teria sentado para cantar foi um azar.

Depois, levantei e fui até onde teria deixado arco e flecha, peguei, fui caminhando a metade do caminho, ainda havia escuridão, para fazer necessidade. Logo mais a frente passava um rio, que tinha ido tomar banho de manhã no dia anterior, e meu guardião, espírito, me falou que não era para ir de novo ao rio, então voltei para rede outra vez. Quando acabei de me deitar, alguém se levantou e foi no mesmo rumo onde estava sentindo algo estranho e fiquei olhando como estivesse prevendo algo que está prestes a acontecer. E quando estava olhando para direção que meu irmão foi logo começou alguém gritando: _ Ah! Oh! Ri! Ri! Ri! _ É agora que vai começar a guerra!⁴³.

Quando eu ouvi o primeiro grito do meu irmão, no mesmo momento eu me levantei e corri na direção do meu arco e flechas, pensando que teria acertado ele, mas apenas foi susto. Não demorou muito para se ouvir as flechas sendo atirado na direção das pessoas, era impressionante o eco da tacada das flechas. E quando as flechas estavam sendo lançadas no meio da mata, os meus pais já estavam se armando lá trás. E, quando vieram para cima deles começaram a atacar também onde o Ami ah se recuaram, ao verem que os Paiter ey tinham se armado.

E no meio da correria encontrei com meu irmão Yhba e disse a ele: _ Vamos nos vingar dessas pessoas para pagar o susto que nos deram, e que matou nosso irmão. Pensando que eles o teriam acertado, mas na verdade conseguiu escapar. E falei com meu irmão Yhba: _ Vamos atrás desse povo! E ele disse: _ Vamos, mas espera eu pegar mokây ap, material de fazer fogo, na minha casa. E fomos correndo buscar esses materiais cada um de nós pegando o seu. E falamos: _ Vamos por aqui para cercar esse povo. E por coincidência, fiquei um pouco distante do meu irmão. Fomos andando sem esperar que houvesse uma armação na nossa frente. E quando já esperávamos que pudesse acontecer, havia chegado o momento.

⁴³ Essa foi a fala do meu tio, Ñasereg, ele saiu correndo, por que tentaram o segurar quando foi para o rio.

Quando estávamos andando pelo caminho, de repente, alguém pulou na nossa frente, e disse: _ É agora! E flechou no meu irmão, mas ele foi rápido se encolheu sussurrando: _ Hum...! Colocando a sua arma com o seu escudo, a flecha do rival pegou no arco e flecha dele. E quando viu que não acertou o meu irmão a pessoa saiu correndo, e logo atrás dele, meu irmão atirou as flechas e ainda voltou para me defender. E tinha outro que estava me esperando e não demorou a acontecer comigo também, mas esse me errou bem pertinho, e eu me esquivei só de ver o reflexo.

E olhei para o lado, vi a pessoa e comecei a lançar flecha nele. Até que meu irmão voltou e disse: _ Agora é você! Mostra para ele como se faz! E ao ver meu irmão chegando o Ami ah se escondeu atrás da árvore. Enquanto ele se preparava para sair peguei mais uma flecha e meu irmão também pegou sua arma para atacar. E foi aí que o Ami ah saiu correndo. E por pouco não acertou ele, acabei acertando na árvore. E quando percebi que o Ami ah daria mais uma flechada, meu irmão voltou dizendo: _ Pega ele! Mas já armado pronto para atacar. E o Ami ah saiu gritando: _ uh! uh! uh! uh! uh! uh!

Dizia meu pai, na época, que a pessoa passou perto dele. Foi aí que ele mandou mais uma flecha nele, ate que caiu no **walet ey a yh yxar**⁴⁴, Rio das Mulheres. Deixando um poço de sangue na beira do rio, depois de nós termos o seguido, paramos para ver o que nós teríamos feito.

Não demorou muito quando ouvimos um grito de alguém: _ ah! aya wah! aya wah!, algo como Ah! Mamãe! Mamãe! Era minha sobrinha, filha da minha irmã, ela foi atingida na barriga, estava de reclusão e por isso que ela ficava afastada da aldeia central, depois que tudo ficou em silêncio, as pessoas saíram dos seus esconderijos para ver o acontecimento. E o meu irmão que nós procurávamos, pensando ter sido atingido, apareceu na hora que estávamos preocupados. Na mesma hora, os comprometidos⁴⁵ dela se reuniram para vingança.

Eles se prepararam para ir atrás do Ami ah, e o meu irmão disse: _Eu vou também!⁴⁶ E eu não poderia deixar meu irmão ir só para guerra, passar por mais uma batalha sem a minha presença, logo falei para ele: _ Eu vou com você. E, nosso pai dizia para nós: _O que vocês estão fazendo? E, nós falamos para ele: _Levamos susto e nós não vamos deixar só por aqui. E quando encontramos o caminho por onde eles teriam vindo para nos atacar eu parei e disse ao meu irmão: _ Vou voltar para nossa casa e também vou com você. E, os que tinham armado revanche, perguntaram para o meu irmão: _ Porque você vai voltar? Você não pode

⁴⁴ Nesse rio era onde as mulheres tomavam banho.

⁴⁵ Comprometidos são os pretendentes a futuro marido, que se reuniram para vingar a moça.

⁴⁶ O narrador fala do seu irmão Ğaserek.

nos deixar irmos sozinho! Você é nosso companheiro para esse momento, portanto, você deve ir conosco. Até que eu e meu irmão fomos com eles e, falou para mim: _Vai com cuidado! Lá fui eu, embora sozinho para casa e no meio do caminho encontrei com meu tio e falou para mim: _Vocês já fizeram o que era para ser feito? Perguntei o porquê, ele disse: _Olha a flecha dele. Largou e saiu correndo ou se escondeu. Lá na frente outras pessoas estão com o arco dele.

A menina atingida foi tratada pelos pais, os pais dela eram pajés – quando digo pais, me refiro ao pai e os tios. E, quando o sol começava a se abrir, vieram fazendo barulho de grito de guerra ou que conseguiram o que desejaram: _ Tum! Tum! Tum! Quando ouvimos esse sinal, logo, falamos mataram alguém. Bũ paiter ey ah abalor ywe kabi ywe ykint, e todas as pessoas apareceram e vieram para centro da aldeia para ver. E essas pessoas estavam com expressões diferentes, de caras sérias de por que mataram os inimigos? Diziam eles: ã te toy a ã nãp neh toy ã paiter poh, é! Agora nós mostramos para eles com quem eles mexeram. Puxaram a cabeça e perna, de um balaio erguendo para cima mostrando a prova de sua vingança. Todo orgulhoso, o pai deles dizia: _Vocês conseguiram! _ Otxe⁴⁷ wah! Otxe wah! ã meko popit ikint belah e or ogabi mãyã! Otxe venha ver a presa de onça para mim. No sentido de ver comigo, fazendo uma analogia, comparando seus filhos com a onça. Chamou minha mãe para ver também. E ela disse: _ Está aí, muito bem!

Para orgulho, alegria e emoção do pai, eles falaram: _ De manhã estava gritando: _ Socorro! Socorro! Me salva. E agora segurando pelo cabelo a cabeça cortada da pessoa, mostrando para todos⁴⁸.

Depois de tudo isso, os Paiter ey saíram no rumo dessa direção. E também foi o começo de pessoas se dividirem, cada família pegando uma direção. Onde um grupo foi no sentido da cabeceira do **Yh cabeh**, Rio Grande. Outros foram no sentido aos Gõxor. E os líderes com seu grupo bem maior que os outros foram para outro rumo. Quando perceberam que havia outro grupo que lhes atacavam também, se esquivaram como se desvia de uma pedra grande no caminho, e viemos para cá. No meio do caminho recuamos quando avistamos o rastro dos brancos. Com isso ficamos por ali mesmo por alguns tempos. Até que reagimos e voltamos para caça ao inimigo. Desta vez, nosso pai foi com a gente, passando-se três dias, decidimos voltar para casa porque no meio do caminho nosso parceiro adoeceu.

Passaram se algum tempo, meus irmãos voltaram para lá outra vez, desta vez eu não

⁴⁷ Otxe é forma carinhosa que mãe das pessoas que teriam se vingado recebeu de tanta alegria do pai deles.

⁴⁸ Esse “Socorro! Socorro! Me salva” é o grito da menina de manhã quando foi atacada pelo Ami Ah. Então, os vingadores reproduziram a fala dela no sentido de alívio e vingança.

fui, e quando chegaram ao local não viram ninguém, apenas vestígios, sinais de que teriam ficado ali por algum tempo. Mas teve outra ida e essa vez eu fui e essa expedição a onça pegou um parceiro nosso fazendo nós pararmos a viagem e assim voltar para casa. Depois disso, eles voltaram atrás dos lat ey, essa vez eu não fui, mas quando chegaram ao local só viram vestígios deles.

Quando morávamos no **Yapeh tire sem ewa ah**, local onde foi cozido material que faz ponta da flecha, eles novamente se reuniram para irem atrás das vítimas, tínhamos raiva deles por que não nos deixavam em paz. Até que nos encontramos no caminho e pensamos, será que só nós que estaríamos atrás deles? Mas eles vinham atrás da gente também. Um dia, antes desse encontro, nós dormimos no caminho e ao amanhecer seguimos o trajeto, à tardezinha quando chegamos a um lugar para nos preparar para dormir um colega nosso foi até o rio para ver como estava para atravessar e quando eles nos seguiram entendemos o porquê, por que quando o colega nosso teria ido para ver o rio, pegaram o rastro dele e nos seguiram. E eles conseguiram chegar até nós, mas conseguimos sair na frente e chegar à aldeia e avisar todos a mudar de lugar. Nessa saída foi que pegamos o caminho dos brancos.

Moratih sap moy – lugar antigo onde tinha gengibre

Foi aí que começamos a nos dividir, cada grupo pegou seu caminho. Foi aí que o pai dela (Imakor – minha mulher) disse que iria para o lado do **Moratih sap moy** – lugar antigo onde tinha gengibre, nessa época os Zoró moravam nesse lugar e cultivavam o gengibre/uma vez eu fiquei doente e meus tios foram caçar, passaram nesse lugar e pegaram gengibre para pingar no meu olho, fiquei curado na hora.

Os Paiter ey se dividiram em quatro grupos, cada grupo, pegando um rumo diferente, se espalharam. Uns voltaram para trás, de onde vieram, outros foram para sentido à direita, outro à esquerda e outro foram direto⁴⁹. Olha não sei se é isso, mas vou te dizer: penso que cada pessoa criou opinião própria de não seguir mais o líder e fazer sua vida, principalmente em família. Com isso, cada família seguiu seu destino. E nós sem sabermos, viemos para o lado do povo que nos seguia para nos matar, até que chegaram a nós e matou nosso pai. Antes disso, eu e meus irmãos saímos do nosso grupo. E meu pai ficou com outra equipe. E o lugar que fomos é o atual distrito de Riozinho. Nós saímos do local onde é **Ykabeh**, rio, e íamos ao Riozinho atrás dos brancos para pegar facões e machados.

Quando uma pessoa de família grande é líder e acontece algo com ele, tem um sinal de

⁴⁹ Nesse momento, pergunto ao meu pai: Por que os Paiter ey não foi para mesmo lugar e preferiu se espalhar pela mata? Ao que ele responde na sequência.

aviso de algo ruim. E foi isso que aconteceu com a gente. Na floresta as bicharadas faziam barulho. Mas nós não pensamos em nada de ruim com a nossa família e, principalmente, com papai, ele era um homem esperto, corajoso e guerreiro. Era para ter acontecido com a gente, mas acho o destino que escolheu a pessoa.

Lap moto ah – Casa construída sem casco do Ipê ao seu redor

Quando nos aproximávamos do local onde teríamos deixado nosso pai e familiares vimos o vestígio de acontecimento, logo pensei: _ Não foi nada bom isso. Senti que sido com meu pai. Eu fui atrás do meu tio – irmão da mãe – para onde ele teria ido se juntar com outro grupo. Foi aí que todos nós viemos para esse lado, o lado que estamos agora, onde foi construído **Lap Moto ah**⁵⁰, casa Paiter sem casco de ipê ao redor. Foi o pai do João Chamuai Suruí que pegou direção rumo aos brancos, com muita insistência. Nesse lugar construímos várias casas, mas construídas de modo diferente das tradicionais, começando a palha de baixo para cima. Nessa época diziam que o Ñoxor estava nos rodeando para nos matar. E falamos vamos sair daqui, antes que eles nos peguem. Mas antes disso, já tínhamos os matado e por isso que eles ficavam nos seguindo, procurando revanche. Se nós tivéssemos ficado para ver o que poderia acontecer ali, estávamos até agora no lugar que aconteceu isso. No **Lap moto ah** ficamos por algum tempo morando, e foi aí que nós provocamos o pai do Rafael para ele nos dar bebida, mas ele não gostou muito brigou com a gente e nos disse: _ Me dê a irmã de vocês se quiserem que eu faça uma festa para vocês. Falamos para ele que não estávamos pensando nisso, só queríamos beber chicha e nos alegrar . Então, ele disse: _ Construa pelo menos as casas. Já pensando em dar uma festa para nós. Aí nos animamos e logo começamos a levantar uma casa bem grande e pediu para que pudéssemos cortar ih kabih, uma espécie de árvore específica para fazer pilão. E chegou o grande dia de tomarmos a chicha, nos fomos apresentar ary ey, tât nah e depois da caça viemos como yhar ah (pássaro), fazendo encenação atirando no seu ninho, e também yoba õp na, e assim que vivemos e aproveitamos muito nessa vida⁵¹.

Nessa época chegou um tempo muito difícil, dos brancos começando a se aproximar da gente. Primeiro chegaram até ao meu tio onde ele estava morando numa casinha um pouco afastada do grupo grande. Chegaram atirando, os restantes das pessoas estavam **Metaret ah**, onde estávamos ficando e concentrado para tomarmos chicha no dia marcado. No meio da

⁵⁰ Geralmente a casa tradicional Paiter tinha uma proteção feita da casco de ipê, como forma de proteção para os inimigos não entrarem na casa com facilidade.

⁵¹ Ary ey nã significa tomar chicha à noite, tât nah, yh arah nã, de madrugada, yobah õp na, à tarde. Essa é a maneira como as pessoas chegavam, provocando o dono da chicha, querendo tomar sua bebida.

noite o inesperado aconteceu, houve um tiro e meu primo disse: _Ere! ģur ey sa pabire, os brancos vão nos matar⁵² E outro disse:_ Não, foi só um estralo de uma árvore. Não me lembro de quem foi que falou isso. E, eu disse que estavam nos matando⁵³.

Foi aí que ele viu que não era nada do que estava pensando e disse: _ ã... ģur ey sa pabire! Não demorei a levantar e me preparar, por que foi muito rápido que começaram os tiros. Corri na direção do local onde estavam atirando. Sempre falei que não matei ninguém naquele dia por que me deparei com uma criança chorando ao redor de sua mãe, peguei no colo e tive que fugir com a criança para salvá-lo, era meu sobrinho, filho da minha irmã. Levei até a avó dele, minha mãe. E voltei para lugar onde peguei o menino e vi que a mãe dele já não estava respirando. Enquanto eu estava salvando a criança outras pessoas já estavam chegando ao local ai começou a guerra. Ali aconteceu confronto, e corri para o caminho que pensei que eles fossem passar, mas não aconteceu isso, eles pararam de atirar e ficaram quietos num lugar e eu, esperando no caminho, eles passarem e nada⁵⁴.

Quando eles pensaram que nós teríamos fugidos e começaram a se movimentar para sair do local, os meus colegas me atrapalharam, apareceram no caminho e os brancos viram e retomou o tiroteio. Eles conseguiram fugir e um ficou ferido caído entre os pés de uma árvore bem grande e outro ficou com ele vigiando. E quando eu vi que ninguém vinha ao meu lado saí de onde eu estava esperando eles passar. No caminho me contaram que tinha um branco matando muita gente de onde estava caído entre pés de árvore, e desviei do trecho. Na verdade, havia uma pessoa que ficou com ele e outros seguiram o caminho, lá na frente os que estavam indo embora perceberam que nós estávamos os cercando e voltar para trás onde o outro estava caído sem ter condições de prosseguir a viagem.

E quando anoiteceu eles foram embora. E ficou só uma pessoa com aquele que estava ferido para cuidar. E aquele que ficou cuidando do amigo machucado matou 4 Paiter e 2 baleados. Tinha um grupo que estava caçando fazia alguns dias e quando passavam pelo local do acontecimento viram um homem espichado e foram se aproximando até que chegaram ao cadáver. O amigo dele que tinha ficado com esse que morreu foi embora. Ele devia que estar com fome e sede, no entanto ele ficou ali por quatro dias e noites. Ao passar por ali os caçadores Paiter viram grandes volumes de flecha lançados num lugar e pararam para ver. Quando os caçadores chegaram ao nosso grupo falaram: _ Acabamos de ver um homem

⁵² Segundo meu pai a pronúncia correta de denominar o homem branco na língua Paiter é Ģurah, portanto a expressão que foi utilizada ģur ey significa os brancos. Ere (opa!) ey (os - plural) sa (estão) pabireh (matando). No entanto, indaguei a ele, por que atualmente chamamos o homem branco de yara? Ele responde que inventaram essa denominação.

⁵³ Minha mãe o interrompe e o relembra: _ Foi o seu irmão, Ģarerek, que disse isso.

⁵⁴ A criança, que meu pai salvou nesse dia, hoje está viva.

morto, venham ver. E todos nós voltamos até o local para ver o sujeito.

Depois disso, saímos de lá e fomos formar outro lugar para morar. Nesse lugar voltou a conversa de que alguém estava se aproximando, dizendo que tinham visto as pegadas de pessoas, vindas na nossa direção, na areia da beira do rio, mas que não era branco.

Saíram algumas pessoas para ver o local e assim interromper a aproximação do inimigo na nossa área. Depois disso saímos desse lugar fomos para outro lugar para eles não vir de novo para nos atacar. Quando os brancos nos atacaram eles tinham atingido o meu tio/sogro, e depois que ele se recuperou do ataque ele planejou uma festa yobai ey nã, festa de bebida.

Depois da festa todos saíram para caçar, só ficou eu e mais sete pessoas. E enquanto outros estavam caçando nós decidimos fazer chicha para os caçadores para pegarmos a caça deles em troca de bebida. E fomos cortar um pé de samaúma para fazer pilão e colocar chicha dentro dele, fizemos três barris.

Wao tih ey sem ewa wah – Lugar onde foi tomado o caldo dos carros

Pedi a minha cunhada para fazer chicha para mim ,porque sua mãe estava grávida⁵⁵ na época. Quando era bem fim de tarde fui pegar palha de babaçu para minha cunhada fazer um cesto para tampar o barril, quando me sentei descansando logo ouvi uma gritaria, pessoas correndo mato adentro, e falei para sua mãe: _ Lá vamos nós para guerra de novo, mostrei um caminho pra elas fugirem. Enquanto nós fugíamos, estava havendo muita morte. E parei no meio do caminho e falei para elas: _ Vou voltar para trás e ver o que aconteceu. Chegando lá vi o pai da sua mãe gritando e ele disse para mim: _ Filho! Atingiram o meu filho e não foi inimigo, foi um de nós mesmos, faça alguma coisa. Eu quero vingança! Eu disse a ele: _ Você está me deixando sem jeito, eu não posso fazer isso. Perguntei se isso poderia nos acontecer, ainda mais no momento que estávamos passando. Não acredito nisso, um Paiter matar outro. Mas depois que se passou um bom tempo, descobrimos quem foi, pois o próprio autor disse que fez mesmo. Na época ele ficou falando que matou um inimigo (no caso, o Paiter), mas ele mentiu. O motivo foi mulher⁵⁶. Lá se vai a mudança de novo, tínhamos que sair dali porque houve muita morte. Formamos outro lugar que chamamos de **Ağoy kir ah**, uma espécie de árvore. Nesse lugar moramos por alguns períodos e como de costume na época fizemos festa

⁵⁵ Devido estar grávida não poderia pegar as coisas pesadas, como as panelas, água, lenha, etc.

⁵⁶ Meu pai não matou a pessoa como pediu aquele homem, por ser Paiter, porque isso o faria perder a moral, a força Paiter. E passou o tempo.

de novo chamado de **Waoti ey sem**, bebida feita de carro⁵⁷.

Nabekot abat akip ah – Lugar onde foi pendurado os facões

Antes do acontecimento eu já tinha ido atrás dos yarah ey, lá houve confronto e saímos vitoriosos, voltando de lá, vi nabekot abah ikĩt⁵⁸, facões pendurados, supostamente por Apoena, peguei muitas ferramentas e ao ver isso meus colegas queriam muito e foram pegar também. Aí começamos a nos aproximar dos brancos, já estávamos acostumados, qualquer um podia pegar ferramentas quando quisesse e então houve o contato oficial.

Õoy o ah si ewa ah – Onde foi tomado caldo do Õoy o ah

Mesmo assim fizemos mudança de lugar de novo, formando outro lugar chamado **Õoy o ah si ewa ah** lugar onde tomaram chicha de **õo yõ ah sih**, uma fruta nativa. No lugar onde fizemos contato com não indígenas um Paiter nos provocou querendo **õo yõ sih** por isso que fizemos chicha para essa pessoa. Lembrando que o meu grupo antes do contato já havia matado o yarah na expedição de Riozinho que eu liderei. Vindo de lá que vi a armação dos facões que os yarah ey fizeram e chegando à aldeia falei com meu tio e as pessoas ao ouvir foram se mandando para lá.

Aõoy kira ybi sap moy – Lugar antigo próximo a árvore de cor branca

Nesse meio tempo de ir atrás de facões entre outros instrumentos, as pessoas estavam com medo, todos estavam ariscos. Até aí, nós estávamos andando, quando paramos formamos um lugar que foi chamado de **Aõoy kir ah**⁵⁹.

Lat ãarip anep ah – Lugar onde apareceu estranho magro

Quando saímos do **aõoy kir ah** fomos formar outro lugar que mais tarde será chamado de **Lat ããrup anep ah**. Um estranho magro apareceu e pediu para ficar. Deram fim nessa pessoa por que na guerra sem ser com os brancos mataram um de nós que ninguém sabia quem que teria feito isso, logo falaram foram o grupo deles e como é que nos íamos ter inimigo no nosso meio⁶⁰. Foi nesse momento se espalhou notícia de que o povo não estava

⁵⁷ Na época e até hoje, o carro é denominado na língua Paiter de waoti porque nesse tempo, na primeira vez que ouviram barulho do carro dizíamos que era um grande jacaré por não conhecer ainda naquele tempo, com isso deram nome de festa de waoti (grande jacaré), tipo comemoração, referindo-se ao carro.

⁵⁸ Por causa desse fato, mais tarde esse local foi chamado nabekot abat akip ah (lugar onde foi pendurado os facões).

⁵⁹ Aõoy = espécie de árvore, kir ah = cor branca.

⁶⁰ Desconfiados diante dessas guerras acontecendo, não gostaram da ideia de um estranho ficar no meio deles.

muito bem, não estou falando da forma que se diziam as pessoas, pois elas falavam de um jeito de socorro apavorados e desesperados. Havia muita gente morrendo e outros deitados na rede passando mal.

Minha mãe Imakor o interrompe e acrescenta: Parecia que o céu ia pegar fogo, amanheceu com tempo muito bom, mas de repente, muda tudo como sai fumaça do escape de um trator, a nuvem estava em movimento parecendo que estava fumaçando e ao mesmo tempo tinha uma parte avermelhada.

Meu pai retoma a fala: Não sabíamos exatamente o que estava acontecendo, um dizendo que os inimigos tinham nos envenenado, outro falando que o mundo estava acabando e entre outras coisas. E nesse momento só a minha família que não foi atingida com essa doença (epidemia de gripe e sarampo), estávamos resistentes contra essa doença, além disso estávamos um pouco afastado do grupo maior numa distância de mais ou menos quinhentos metros.

Mas as pessoas estavam se aproximando da minha família, eu passava entre eles para ir visitar meu irmão que morava do outro lado da aldeia maior. E a sua mãe começou a se sentir mal e começou a desejar coisas, tipo comidas. E pediu para eu ir caçar, chamei meu irmão e fomos caçar e lá comecei a me sentir mal também, mesmo assim matei um porco.

Ali mesmo, pedi ao meu irmão pra fazer assado, e me deitei, estava com corpo muito febril. Quando estava pronto o assado ele me avisou, mas falei para ele que eu não estava aguentando mais, morria de febre e com muita sede. Lá se foi ele atrás de água, trouxe para mim foi assim que melhorei. Saímos de madrugada daquele local e fomos para casa, eu já estava melhor, depois não senti mais nada. Aí todos começaram a se espalhar, cada família pegando uma direção e veio uma família se juntar a nós.

Nessa época era o tempo de plantio. Meu irmão me chamou para fazermos alguma coisa para gente e eu disse: _ Vamos! Passando do local onde estava morrendo gente, nos deparamos com nossa prima cuidando do seu irmão que estava mal e começou se animar ao nos ver. O irmão dela com uma voz baixa, nos disse: _ Irmãos, estou morrendo, mas antes quero comer alguma coisa, e meu irmão falou para mim você pega palmito para extrair o seu caldo enquanto, os gongos – bicho que dá na palmeira, eu pego.

Ele não conseguiu comer nada, mas eu colocava na boca dele, só assim conseguiu comer. E me disse: _ Dê também para minha mulher. O casal estava morrendo. Começou a falar, eu agradeço a vocês e saibam que estou indo, amanhã vocês não me verão mais aqui. Logo saímos e também não voltamos mais lá. Depois só ouvimos que os que estavam ali foram para direção dos yarah ey e vieram para cá. E meu tio decidiu que, ele e nós, iríamos

para outro lado, longe dos brancos, rumo ao rio **gõgõ ey si**⁶¹, hoje chamado de rio branco.

De novo, todos nós nos dividimos, cada grupo indo onde bem entendesse que era melhor lugar. Quando todo mundo estava saindo veio um koranap, avião, e pousou em frente da casa do meu irmão, pois meu irmão teria ido comunicar ao Apoena Meireles Filho. Ele vacinou⁶² todos, mas, já era tarde, a maioria já havia morrido. No lugar que fomos, batemos timbó, dessa vez tínhamos fartura e as pessoas dos outros grupos que não aguentavam as epidemias foram morrendo. Onde nós estávamos os lat ey quase nos mataram, e antes deles nos atacar saímos para virmos para cá pegar cará nas roças que tínhamos deixado.

E deixamos em nosso lugar o meu irmão Mogeron por que ele se formou em pajé naquela época. Mas ele conta que algo lhe disse: _ Estão vindo aí para te matar e vão te matar se você não sair agora. Então logo ele saiu. Dizia que a minha mãe não conseguiu andar e falou para ele: _ Vai, fuge você que eu fico. Nesse momento, como ele tinha se tornado pajé fez cura na minha mãe, ela se levantou, saiu andando e conseguiram fugir. Enquanto nós fugíamos da aldeia, os meus dois irmãos mais velhos estavam caçando, e no acampamento deles um dos meus irmãos ficou e outro saiu e disse para aquele que ficou: _ Se você perceber que está acontecendo algo de errado, você fuge.

E foi isso que ele fez, saiu do lugar. O meu irmão que tinha saído do acampamento falava que ele voltou para ver seu acampamento . Ele estava carregando criança nas costas e deixou a criança um pouco distante do acampamento e veio bem devagar para ver, quando se deparou com cocares pendurados nas barracas. Eram os nossos perseguidores nos dando aviso que estavam ali no nosso meio. Se o meu irmão tivesse vindo um pouco antes ele se encontrava com os Gõxor ey. Ele saiu correndo atrás indo para aldeia onde teria deixado a nossa mãe. Ao chegar na aldeia viu que não tinha ninguém deixou as suas mulheres e seus filhos sozinhos e foi para onde nós teríamos ido nos avisar que estávamos correndo perigo. Quando ele veio nos avisar, passou pela minha roça e caiu na armadilha se ferindo muito⁶³. Foi avisar também as pessoas de outra comunidade, afinal estávamos morando só em família. Assim que deu recado voltou para onde teria deixado as suas esposas e seus filhos, e mais calmo, ele trouxe a sua família para onde estávamos morando.

Espigão D'oeste

⁶¹ Gõgõ ey si: Meu avô nomeou esse rio porque, ao passar nas margens, ouviu uma onda vindo em sua direção como se houvesse um bicho fazendo o barulho de gõgõ, chamou água dos gõgõ ey.

⁶² Vacina contra gripe, sarampo e outras.

⁶³ Antigamente, para ninguém pegar nada da sua roça sem permissão, o dono colocava armadilha e foi isso que meu pai fez.

Depois que nós nos juntamos entre famílias fomos atrás de outra morada, até que decidimos ficar na região onde é a atual cidade de Espigão D' oeste. Por que, se nós tivéssemos ido com o grupo maior aconteceria o que aconteceu com eles, guerra de novo. Como nós estávamos em menor grupo não daríamos muita pista, essa foi a última vez que ficamos com grupo maior.

Nessa época, diziam que o Gõxor estava nos rodeando para nos matar, então fomos embora. Quando saímos do lugar onde estávamos morando, passamos dias e noites para chegarmos até o Espigão, chegando lá meus irmãos foram direto ao barracão que havia no centro da cidade. Como minha filha Ih xã ah, Margarida, tinha acabado de nascer eu não queria me envolver com os brancos, por isso, fiquei um pouco afastado da cidade e assim ficando na mata. Construí barracão⁶⁴ para minha família na beira da cidade, enquanto outros se instalaram nas casas dos brancos – significa na cidade. Mataram uma criança indígena que não sabemos quem teria feito isso naquela época, por esse motivo, aos poucos, as pessoas que teriam ido para as casas dos brancos foram chegando e se juntando comigo ali onde eu estava com a minha família.

Imakor interrompe e esclarece: hoje a mãe da criança sabe e conhece quem foi que matou o seu filho naquele tempo, por que a pessoa gostava dela, mas como ela não poderia ficar com ele, com raiva matou a criança.

Foi aí que eu tive uma ideia, de construir uma maloca ali na cidade, fui e falei com o Miro, e a pessoa que mandava ali na cidade naquela época. Falei com ele: _ Miro você pode me indicar um local onde posso instalar minha família, quero construir uma casa para eles.

Naquela época as pessoas que mandavam na cidade de Espigão d' oeste, foram: Miro, José, Romeu, Gelson, Carlão, Roberto, Martins, Joaquim e Amõ koxi ûp/o homem que tinha bastante saliva (um apelido dado por um Paiter). E me arrumaram um lugar que foi derrubado para fazer uma roça, foi que construí uma casa grande. Depois de termos construído a casa, fizemos uma festa para comemorar. E essa casa pegou fogo, por isso tínhamos que fazer outra.

Quando decidi que eu ia com eles, mas as pessoas da minha aldeia que teriam me convidado para irmos com esse grupo desistiram no meio do caminho. Falei com eles: _ Vocês podem ir, mas eu vou seguir na viagem.

Durante esse tempo que moramos em Espigão morávamos entre os brancos. O Miro que tanto queria construir um barracão para nós Paiter, parou com essa ideia, porque a FUNAI

⁶⁴ Armação de madeira, coberto de palha.

aparece alegando que os brancos daquele local estavam tomando conta das pessoas que não eram de responsabilidade deles, falavam que iriam processar essas pessoas. Depois de um bom tempo que a FUNAI descobriu onde estávamos e vieram nos chamar para nos juntarmos aos outros Paiter ey, para ficar aos cuidados dela, como o restante dos Paiter ey.

Eu resisti muito, por que não queria sair dali do lugar onde estávamos morando. E como não deu para o grupo do Miro construir casa para nós, eu mesmo dei iniciativa no trabalho e construímos outra casa, lembrando que ficamos por ali por um bom período. A FUNAI voltou várias vezes me chamando para sair dali, mas toda vez eu dizia não, falava para eles que ali estava muito bom para mim e a minha família.

E ao mesmo tempo Miro nos falou que ele e o grupo dele nos instalariam no lugar fora da cidade e esse lugar já estava invadido pelos colonos e foi expulsando eles de lá. Certo dia resolvi ir caçar, eu e a sua mãe, e fomos para o lado do lugar que estava sendo preparado para nós, no meio de estrada paramos em cima da ponte descansando, quando se aproximaram um grupo de jovens Paiter e alguns brancos com pedaços de pau e corda na mão, perguntei o que eles iriam fazer? E eles nos disseram que estava indo expulsar colonos. Pegaram um colono e amarraram, e disseram que também queimaram as casas de outros. O responsável pelo grupo que fazia expulsão era o Mineirão, outro que nós chamávamos de Morip ey xot but (caldinho dos peixes), alemão e outros.

Quando nós estávamos conversando ali, apareceram três brancos todos eles armados. E os meninos pegaram à força as armas dos brancos chamados Roque (velhinho do CIMI), Luiz e mais dois, eram quatro pessoas, e nesse empurra, empurra, um dos índios jogou o Roque lá do alto da ponte. Por causa dessa briga e empurrões eles apontavam armas entre eles e no meio dessa briga o primeiro homem que teria amarrado fugiu, saiu correndo, eu que não tinha nada ver com isso saí correndo atrás do branco tentei pegar, mas ele entrou na mata fechado e não consegui alcançá-lo.

Depois de correr atrás daquele que estava fugindo voltei e ainda os vi brigando na estrada e puxei arco e flecha, pedindo para parar, foi aí que largaram e começaram a pedir desculpa um ao outro. Logo depois, apareceu uma mulher chorando, mãe do homem que foi amarrado e que saiu correndo. E a mãe desse homem espalhou a notícia de que o filho teria sido espancado, fez ligações para onde ela podia até aí a cidade toda já sabia o ocorrido principalmente os comandantes da cidade, mas os homens que mandavam na cidade estavam do lado dos índios.

Quando ouviu a notícia, o Carlão correu, pegou motosserra e cortou a ponte de ponta a ponta impedindo a entrada de polícia federal no local. Muitos índios ficaram com medo, e os

que ficaram com muito medo fugiram para as fazendas, e mesmo com medo fiquei por ali, para ver o que iria acontecer. Vieram muitos carros de polícia, mas com a ponte cortada eles não conseguiram entrar na cidade. Ao perceberem que não daria para entrar de carro os policiais tentaram de helicóptero, mas as pessoas que mandavam na cidade fizeram de tudo para a polícia não entrar na cidade para pegar os índios. Colocaram toras de madeira em toda área de campo que havia ali, dificultando o pouso de aeronave na cidade.

Uma pessoa de lá onde morávamos foi na beira da cidade levar notícia de que já havia tumultos na cidade batendo nos responsáveis desse caos na cidade. Então os policiais resolveram fazer a ponte e entrar e assim pegaram só os grandes na cidade, Miro, Amõ koxi up e todos ligados a eles. Naquela época, policiais bateram em muita gente e depois a cidade ficou em silêncio como se não houvesse ninguém ali.

No outro dia, eu fui ao centro da cidade para ver o que teria acontecido, mas não via nada, realmente estava um deserto a cidade, foram levados, pela polícia, a Porto Velho, os comandantes da cidade. Depois que eles foram levados para prisão fiquei esperando, pensando que eles poderiam ser soltos rapidamente, mas se passaram cinco dias apareceu o Carlão dizendo: _ Polícia de oma mih e, Polícia de oma mih e – polícia ficou com medo de mim e não me bateu, só bateu nos meus tios. Depois foram aparecendo outras pessoas como Martins, Joaquim, e outros Paiter que tinham fugido para as fazendas foram voltando. Só os que não tinham chegado ainda eram o Miro, Romeu, José, Mário e Gelson. Diziam que eles foram acusados de invadir a Terra e, além disso, responderam pelas brigas entre índios e colonos.

Esse foi último dia que nós vimos o Miro, depois disso nunca mais o vimos. Diziam que, de Porto Velho passaram direto rumo ao São Paulo, de onde teriam vindo. O Amõ koxi up morou ali por alguns tempos, mas depois também sumiu, teria indo embora para São Paulo, depois de muito tempo chegou de lá muito diferente fisicamente de como era antes, estava muito forte, antes ele era magro. Construiu uma grande loja na cidade e logo mais faleceu.

O outro que apareceu também foi o Miro, depois de muito tempo. Ficou ali por pouco tempo e depois retornou a São Paulo e outro tempo depois só ouvimos dizer do falecimento do Miro. Foi assim que parou o reinado das pessoas que ali conhecemos quando chegamos à cidade. Depois não sabemos de quem seria o novo comandante para governar a cidade.

Posto da FUNAI – Primeira aldeia da comunidade Gapgir da Linha 14

Nesse momento surge a FUNAI outra vez me chamando para sair dali com minha

família, até que resolvi aceitar o chamado da FUNAI. Arrumei minhas coisas para me mudar. Mas antes de aceitar a proposta da FUNAI, eu já tinha vindo algumas vezes para ver o lugar e só depois que voltei definitivamente a esse lugar. Mas isso aconteceu depois de muita conversa, vim várias vezes ver o local com. Aimoré, funcionário da FUNAI. Mas fui enganado, me disseram que nós poderíamos ficar onde mora um fazendeiro conhecido de Osmarzinho, depois de muita resistência eu aceitei e viemos parar no Posto.

Logo construímos um grande barraco. Chegando a esse lugar, fiz roça com ajuda do Pará⁶⁵, plantei muita coisa, como mandioca, café, banana e trabalhei na extração de caucho – tipo de seringa. Depois que tudo estava pronto, voltamos a Espigão para buscar de vez as nossas coisas e nossas famílias. Esse percurso que fazíamos era muito perigoso, havia morto um branco que ninguém sabia quem teria feito isso. Logo mais na frente encontramos um homem de cavalo cheio de flecha nos mostrando como isso aconteceu, e essa flecha não era do Paiter. Aos poucos os funcionários da FUNAI foram chegando, construindo posto de saúde, escola e assim por diante.

Também trabalhamos na abertura de uma estrada ligando da antiga primeira aldeia até a Sete⁶⁶. Foi então, que os Paiter ey se espalharam ao longo da extensão da Terra Sete de Setembro, e eu, continuei indo muito para o mato principalmente rumo à direção de onde teríamos vindo ser ter medo nenhum. E hoje estou aqui, sem força, sendo que fui uma pessoa corajosa, enfrentei muita coisa nessa vida. Só me acalmei porque nos estabilizamos na primeira aldeia, o tempo foi passando e com isso o pensamento e o modo de vida foi mudando⁶⁷.

Nessa época o primeiro cacique da aldeia Linha 14, foi um Paiter chamado Pipira Suruí, depois do contato com branco. Ele atuou na primeira aldeia que foi chamada de Posto da FUNAI na antiga e primeira aldeia da Linha 14. Mas que logo perdeu a função para meu tio Joaquim atual cacique da aldeia Ĝapĩr⁶⁸ da Linha 14.

Aldeia Ĝapĩr

⁶⁵ Pará é um antigo funcionário da FUNAI.

⁶⁶ O “Sete” que os Paiter ey naquela época costumavam chamar era a atual aldeia da Linha 12.

⁶⁷ Enquanto outros paiter ey se deslocavam no sentido dos brancos, por não querer mais confronto com velhos inimigos, meu pai continuava a sua caçada pela floresta ainda perigosa, com a ideia de que poderia se reencontrar com seu velho rival. Porque, ainda havia na sua memória, uma coisa que ele não conseguia se conformar, a morte do meu avô. Portanto, ele continuou a busca pela vingança, mas com certo tempo isso foi se passando e as coisas foram mudando. E hoje, ele não é uma pessoa que guarda rancor e mágoa nenhuma das pessoas que fizeram isso com meu avô. É um homem bem tranquilo, sereno e brincalhão.

⁶⁸ Lugar onde estamos agora, tinha uma roça, mas que foi transformado em uma nova aldeia no comando do novo cacique. Foi aí que meus pais desenvolveram grandes trabalhos como roças de cafezais, arroz e construções de casas tradicionais.

Antes de sair da aldeia, comandi construções de três grandes casas tradicionais na antiga e primeira aldeia denominada Posto da FUNAI.



Quadro 1: Nomes dos Lugares do percurso Paiter

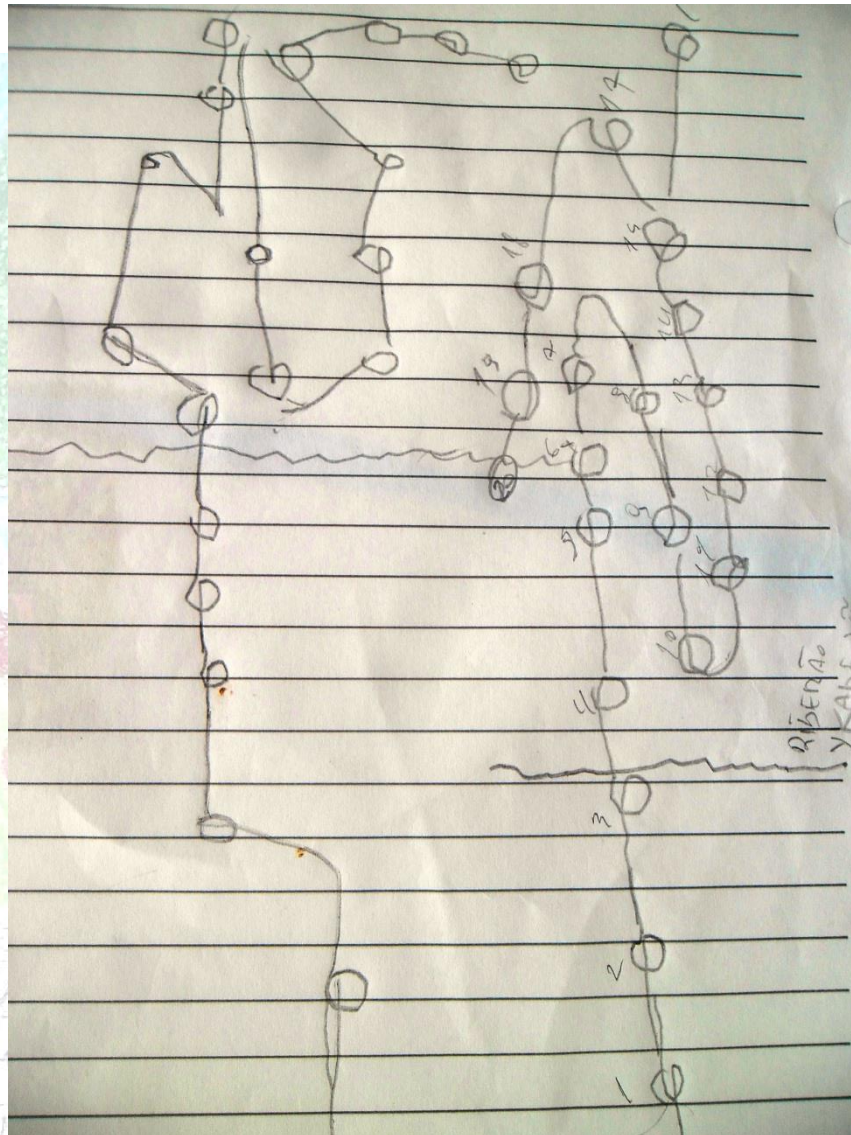
N	NOMES/LEGENDA	TRADUÇÃO/REFERÊNCIA
1	Makor ġat lap moy também conhecido por Peyxir sap lap moy.	O termo Makor ġat lap moy significa antiga moradia no bambuzal.
2	Morara ey sem ewa ah.	O termo morara em paiter é tatu peba, esse termo significa lugar onde tomaram caldos dos tatus peba.
3	Nĩbah ey sap moy.	Em paiter a palavra Nibah significa pajé. Nibah ey sap moy, portanto, quer dizer morada antiga dos pajés.
4	Wexo ybi sap moy.	Wexo é pé de jenipapo, que deram como referencia de lugar antigo moradia dos paiter.
5	Yapeh tirip mǎp ah sap moy.	Lugar antigo onde cozinharam material da ponta das flechas.
6	Lap ġut ey.	Onde tinham muitas casinhas
7	Awurũ ey sem ewa ah.	Onde foi tomado os caldos dos cachorros
8	Amõ tih ey sap moy.	Morada dos grandes jabutis
9	Gorih lor mǎp ah	Lugar do vômito
10	Yarah ey ah	Morada dos brancos
11	11-Lap alawã	Casa com entrada nos dois lados.
12	Moratih sap moy	Lugar antigo onde tinha gengibre
13	Yap ġat ybi sap moy.	Morada antiga próxima ao taquaral
14	Lap motoa.	Casa construída sem casco do Ipê ao seu redor.
15	Wao tih ey sem ewa wah.	Lugar onde foi tomado o caldo dos carros.
16	Ağoy kira ybi sap moy.	Lugar antigo próximo a árvore de cor branca.
17	Ğoy o ah si ewa ah.	Onde foi tomado caldo do Ğoy o ah
18	Lat ġarip anep ah	Lugar onde apareceu o estranho magricelo.
19	Pasap ġat ah ma kot	Babaçu que fica longe
20	Nabekot abat akip ah.	Lugar onde foi pendurado os facões
21	Pasap ġat mereon.	Babaçu com pouca produção ficava na mesma região.
22	Yobay kũyn ybi sap moy	Lugar antigo próximo do Pé de buriti seco
23	Espigão D`oeste.	Município de Rondônia próximo as cidades de Cacoal e Pimenta Bueno.
24	Posto da FUNAI.	Primeira aldeia da comunidade Gapgir da Linha 14
25	Aldeia Gapgir	Aldeia dos maribondos brancos
26	Cacoal	Antes de tornar se município de Cacoal
27	Riozinho	antes de tornar se distrito de Riozinho
28	Pimenta Bueno	antes de tornar município de Pimenta Bueno

NOME DOS RIOS		
29	Ykôr gût ey sap yhp sih	Rio do ninho dos pequenos gaviões
30	Got got ey sih.	Rio dos Got got ey.
31	Yxo ey ah sih	Rio das imagens
32	Meko agã kût ema pasap gat ah sih	Rio de babaçu de onça barrigudinho
33	Yap gat lih.	Rio de taquaral
34	Rio Machado/ yh kabeh	Rio grande
35	Teh sot ap gat lih	Rio de uma espécie de taquara
36	Pasap gat ah sih	Rio de babaçu
37	Môbo xare ah.	Cachoeira cheio de pedra.
38	Meko pamip lih.	Rio onde ficaram com medo de onça
39	Wakoy ey pasap gat ah sih.	Rio de mutuns
40	40.Yh kabeh kãe	Rio grande antigo
LUGARES DE REFERENCIA		
	Mât kãyn. Também conhecido como Agoy kir	O termo Mât kãyn significa espécie de árvore seca que os pássaros comiam e o termo Agoy kir significa árvore branca.
	Yh pep nepo sar e sap moy	Galho caído de uma árvore de mancha preta.

Fonte: Luiz Weymilawa Surui, novembro de 2015.

Quando completei a carga horária das disciplinas que leciono na aldeia, pensei fazer mapa do percurso feito pelo povo Paiter, já que na narração meu pai contava dos lugares, pensei que isso deixaria a pesquisa completa. E convidei meu pai para me falar melhor com detalhes sobre as andanças do povo Paiter descrevendo o caminho. Enquanto me preparava para explicar como eu queria que ele me falasse sobre caminho percorrido, ele já tinha feito o desenho (Figura 9, abaixo). E esse percurso feito abrange as três terras indígenas começam no estado de Mato Grosso na terra indígena Roosevelt/Cinta Larga, Zoró e Sete de setembro. Gostei do modo que ele fez, e só copiei o modelo, eu só tinha pensado de fazer representação de cada lugar, mas ele fez melhor, fazendo indicação para cada lugar, como em cada lugar marca significado por ter acontecimento importante resolvi fazer representação com figuras de cada lugar e em seguida esquematizei a tabela desses lugares com suas traduções.

Figura 9: Mapa mental do Percurso Paiter feita por Gakamam Surui



Fonte: Luiz Weymilawa Surui, pesquisa de campo, setembro de 2015.

Figura 10: Eu e meu pai conferindo o mapa dos lugares mencionado nas narrativas dele



Fonte: Luiz Weymilawa Surui, pesquisa de campo, outubro de 2015.

No mapa do percurso Paiter podemos observar a tabela acima, os lugares estão divididos em três grupos; os lugares marcados pelos acontecimentos, os rios e alguns lugares de referência Paiter, então procurei analisar esses dados pela teoria da Toponímia, pois havia lido o TCC do Carlos OroWaram Xijein ⁶⁹

Segundo Jorn Seemann (2005) a toponímia é definida como estudo etimológico dos nomes de lugares, geralmente análise dos topônimos está ligada a aspectos linguísticos e históricos da sua origem. Então procurei adequar essa teoria ao meu trabalho, e na minha classificação usei dois focos apontados pela toponímia dentro da geografia cultural: a correlação entre a toponímia e o mapa como legitimador da validade dos nomes e a interpretação do significado dos nomes dos lugares no processo de construir identidades e territorialidades.

Desta forma, foram levantadas quatro categorias importantes:

- a) Biotoponímia: animais ou vegetais dominantes ou característicos na região; fauna = zootoponímia, flora = fitotoponímia
- b) Hidrotoponímia: rios, nascentes, riachos.
- c) Arqueotoponímia: Nomes de sentido arqueológico, alusivos a objetos materiais (pedras, fortificações, utensílios) ou fatos costumeiros e institucionais (propriedades rústicas, povoado indígena antigo)
- d) Etnotoponímia: Correspondente a nomes pátrios ou étnicos

Quadro 2: Classificação Toponímica

CATEGORIA	REFERÊNCIA
<p>1. Área antiga onde já viviam gente antes de outras pessoas. O termo lap moy se refere área antiga onde o lugar foi ocupado por pessoas há um tempo, e a palavra sap moy em paiter significa lugar específico onde moravam as pessoas. Que é visitado ou lembrado por novos moradores. Para o povo Paiter a expressão lat quer dizer pessoa estranha de qualquer povo indígena e inimigo(18). Contato oficial dos paiter ey com não-índios(20).</p>	<p>1.Makor ãat lap moy também conhecido por Peyxir ap lap moy 3.Nĩbah ey sap moy 4.Wexo ybi sap moy 5.Yapeh tirip m̃ap ah sap moy 8. Amõ tih ey sap moy 12- Moratih sap moy 13- Yap ãat ybi sap moy 16- Aõoy kira ybi sap moy 22- Yobay kũyn ybi sap moy 9.Gorih lor m̃ap ah 10.Yarah ey ah 18.Lat ãarip anep ah 20.Nabekot abat akip ah</p>
2.Tipos de Casas	6.Lap ãut ey

⁶⁹ Aluno da Licenciatura Intercultural da UNIR que defendeu recentemente o TCC intitulado “Os lugares e os nomes na memória dos mais velhos da aldeia LUGARES E OS NOMES NA MEMÓRIA LAGE NOVO”.

	11.Lap alawã 14.Lap motoa
3. Chicha/caldo O termo ewa ah significa onde foi tomado chicha.	2.Morara ey sem ewa ah 7.Awurû ey sem ewa ah 15.Wao tîh ey sem ewa ah 17. Ğoy o ah si ewa ah
4. Babaçu Babaçu que fica longe (19) Babaçu com pouca produção(21)	19.Pasap ãgat ah ma kot 21.Pasap ãgat mereon
5. Aldeia	24.Posto da FUNAI (Primeira aldeia Gapgir na linha 14) 25.Aldeia Gapgir (Atual Gapgir linha 14)
6. Lugares que mais tarde se tornaram Municípios e/ou distrito.	23.Espigão D`oeste 26.Cacoal 27.Distrito de Riozinho 28.Pimenta Bueno
7. Rios	29.Ykõr gût ey sap yhp sih 30.Got got ey sih. 31.Yxo ey ah sih 32.Meko agã kût ema pasap gat ah sih 33.Yap gat lih 34.Rio Machado/ yh kabeh 35.Teh sot ap gat lih 36.Pasap gat ah sih 37.Mõbo xare ah. 38.Meko pamip lih. 39.Wakoy ey pasap gat ah sih. 40.Yh kabeh kãe.
8. Lugares de Referência	Mãt kãyn. Também conhecido como Agoy kir Yh pep nepo sar e sap moy

Fonte: Luiz Weymilawa Surui, novembro de 2015.

Na primeira categoria de **área antiga onde já vivem gente antes de outras pessoas**, a classificação foi feita pela marcação linguística nas frases, com exceção das expressões 9,10,18 e 20 que mantive nesse grupo por ser uma área antiga dos paiteer segundo a etnotoponímia proveniente de nomes étnicos, ou seja, nomeados por nos mesmos segundo nossa cultura.

Na categoria **tipos de Casas**, classifiquei pelo modo cultural como é feito e pela, ou seja, pelo tipo vegetal com que é feito.

Na terceira categoria **Chicha/caldo** fiz pela marcação linguística dos termos.

Na categoria quatro também usei a fitotoponímia, mas nesse caso se tratando da fruta **babaçu**.

Na categoria **Aldeia** quis destacar os nomes das nossas primeiras aldeias.

Na categoria **lugares que mais tarde se tornaram Municípios e/ou distrito**, classifiquei pela biotoponímia, lugares classificados pelas características da região.

Na sétima categoria **Rios** levei em consideração a hidrotoponímia, ou seja, lugares classificados pelos nomes de rios.

E na última, **lugares de referência**, usei a arquetoponímia fazendo menção aos fatos costumeiros que os Paiter tinham nesses lugares.

Embora grande parte dos topônimos encontrados na minha pesquisa são marcados sempre por acontecimentos, fiz essa classificação com algumas diferenças que considero interessantes dentro da cultura Paiter.

3.3 Mapa atual da Aldeia Ĝapãir, Linha 14

Quando pensei de fazer mapa da aldeia atual para meu trabalho de TCC, achei melhor fazer com meus alunos porque estava trabalhando com disciplina de Geografia que, no entanto o conteúdo tratava do espaço geográfico. E repassar um pouco de experiência que tive no curso de como fazer mapa mental, e também por que estava sem muito tempo para dedicar no TCC devido lecionar com seis turmas na minha escola que são: 6º, 7º, 8º, 9º, 1º e 2º. Decidi que com essas turmas poderia trabalhar com mapa da aldeia Ĝapãir. Antes e durante as aulas fui explicando a cartografia no geral, mas o foco foi mesmo na cartografia da aldeia para melhor entendimento para eles.

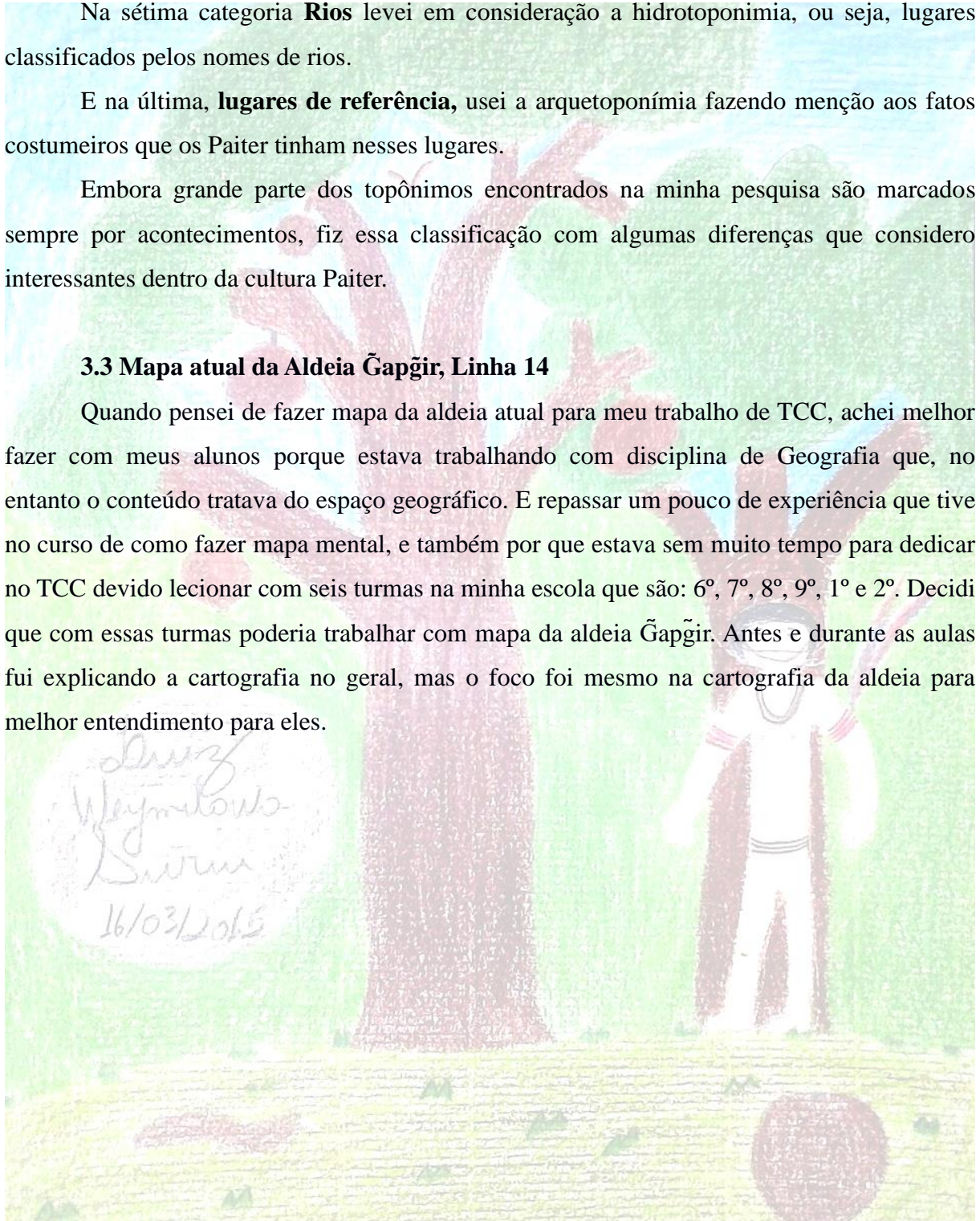


Figura 11: Mapa atual da Aldeia Gapgir na linha 14.



Fonte: Luiz Weymilawa Surui, desenho dos alunos da escola indígena, pesquisa de campo, outubro de 2015.

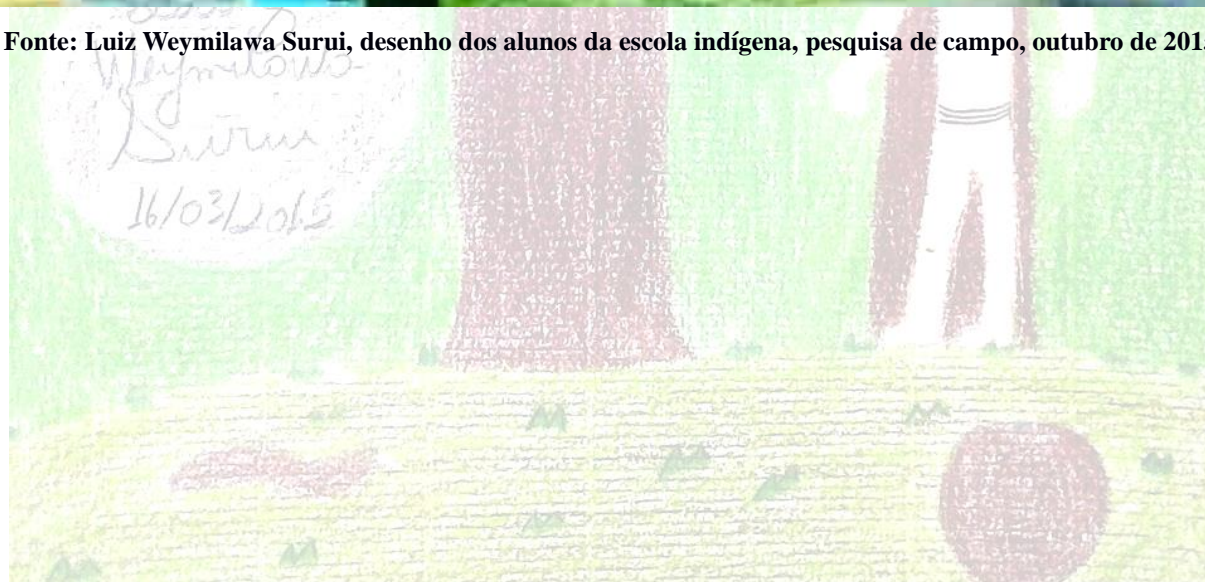


Figura 12: Professoras e alunos da E.I.E.E.F.M Sertanista José do Carmo Santana



Fonte: Luiz Weymilawa Surui, desenho dos alunos da escola indígena, pesquisa de campo, julho de 2015.

Foi muito gratificante essa parte da pesquisa, trabalhei os mapas na escola e sempre tinha alguém curioso perguntando pelos desenhos, as fotos acima foram tiradas numa manhã em que eu estava me preparando para fotografar os **mapas da aldeia atual**, que trabalhei com minhas turmas e já estavam prontos, e ainda estava desenhando **o mapa do percurso Paiter**, derrepente as crianças e professoras Paiter entraram na sala e começaram a fazer muitas perguntas: as crianças reconheciam suas casas no mapa da aldeia atual e as professoras perguntavam sobre o mapa do percurso, expliquei um pouco sobre esse trabalho, e me animei com essa experiência.

4. ãNA TOY SADA Nã TOY EYTXA ã KARBA MI E: COMO VIVEMOS HOJE

Figura 13: Pintura da Onça feita com jenipapo

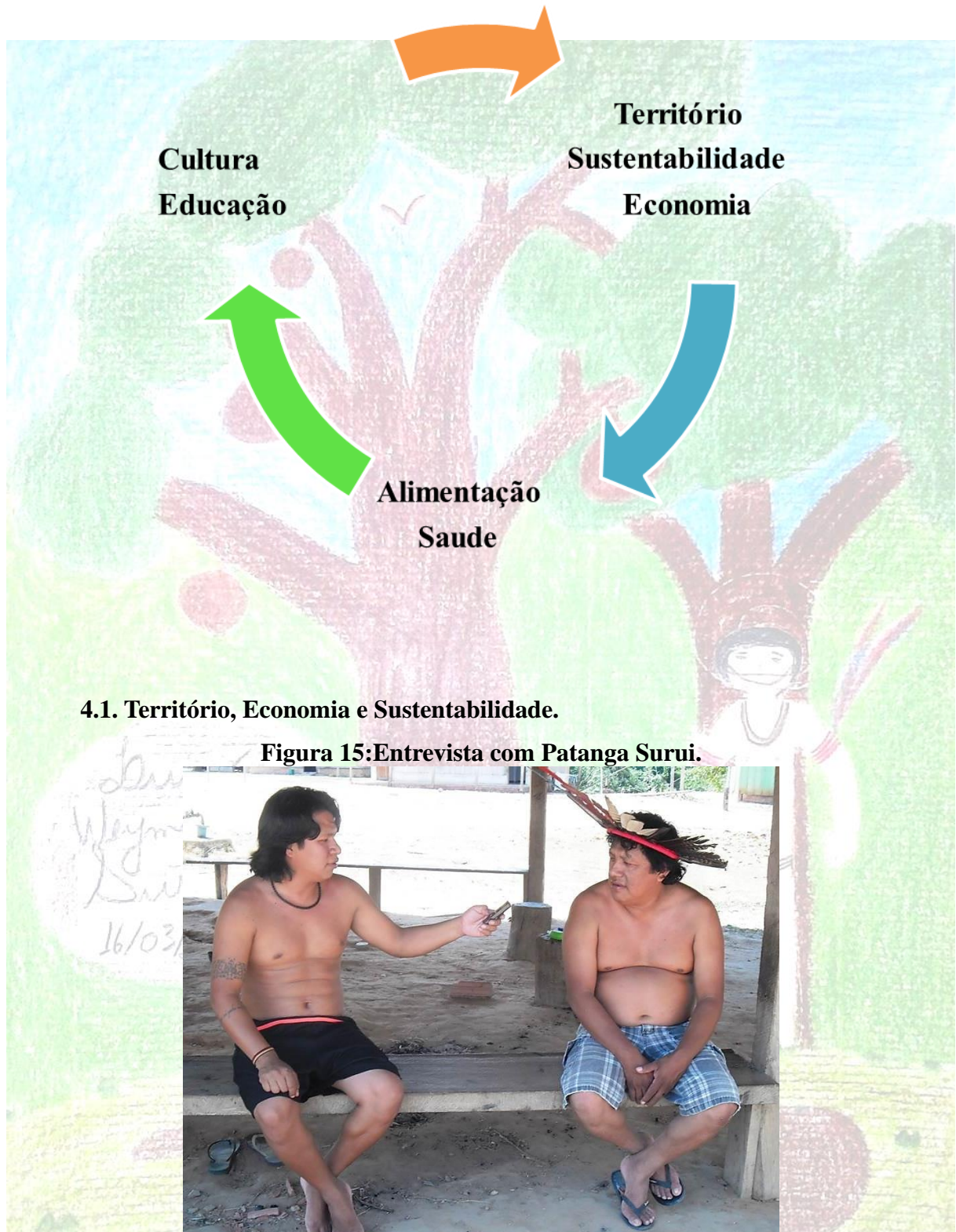


Fonte: Luiz Weymilawa Surui, pesquisa de campo, junho de 2015.

A partir do conhecimento exposto nos capítulos anteriores, me proponho nesse capítulo descrever alguns aspectos de como vivemos hoje, os impactos do contato com a sociedade envolvente e os desafios de viver como Paiter entre os dois mundos; o indígena e o não indígena. Como expliquei anteriormente na introdução desse trabalho construo esse texto a partir das entrevistas de algumas lideranças e duas colaboradoras não indígenas.

Os não indígenas possuem um mundo dual classificando coisas e pessoas, como bem e mal, certo e errado, permitido e proibido. Na cosmovisão Paiter tudo está interligado e so nos Paiter ey entendemos essa organização, por isso optei em fazer essa prévia descrição dos elementos que são relevantes para sobrevivência Paiter hoje, como mostro no fluxograma abaixo.

Figura 14: Fluxograma da Cosmovisão Paiter



Fonte: Luiz Weymilawa Surui, pesquisa de campo, agosto de 2015.

Hoje vivemos aldeados, na Terra Indígena Sete de Setembro, localizada entre os estados de Mato Grosso (no município de Rondolândia) e de Rondônia (nos municípios de

Cacoal, Espigão D'Oeste e Ministro Andreazza), numa área de pouco mais de 248 mil hectares, nosso território vai além da aldeia, temos uma larga extensão de floresta e infelizmente também temos pastos para gado dentro da terra indígena, decorrente de alguns processos de invasões em nosso território, mas que recuperamos e que hoje pertence a algumas famílias indígenas que alugam esses pastos como meio de sobrevivência econômica. Para nós, Paiter, a terra é mais do que um lugar que moramos ou plantamos, significa nossa vida, nossa ancestralidade. Através da floresta respiramos, conhecemos nossa história e buscamos elementos para construir nossa cultura, vejamos o que diz os seguintes depoimentos:

A Terra é a nossa vida e o ar que respiramos, sem Terra não teríamos vida. Portanto, por estarmos ainda na floresta é que estamos vivendo e respirando o ar, sem isso não seríamos quem somos hoje. Sem a Terra não teríamos onde morar e sobreviver, a natureza e o nosso lar. Por isso a Terra tem significado para nós paiter. É aqui que está a nossa vida. Antigamente vivíamos pensando que a natureza sempre seria como era antes, mas hoje tudo mudou, e agora temos que cuidar o pouco que sobrou da invasão e cuidar para manter em pé. (Trecho da entrevista de Patanga Surui, realizada por mim em agosto de 2015.)

Agora, o que é o nosso conhecimento?! E a necessidade/problemas que passamos hoje, e a forma que podemos pensar como vamos fazer a nossa vida. E através desse olhar que vamos ensinar nossas crianças, mantendo as práticas da nossa cultura, ensinar a importância de preservação a nossa Terra e o que a de importância existência nele. Aprendendo tudo isso que eles, irão saber quem eles são, de onde vieram e como progredir a sua vida. Na sociedade Paiter ele só é reconhecido, através do saber que possui sobre as suas origens. Essa é a diferença entre os Paiter, o reconhecimento de princípio de vida que cada um possui, e assim vão respeitar as duas diferenças. (Trecho da entrevista de Joaton Pagater Surui, realizada por mim em agosto de 2015.)

Figura 16: Entrevistas com Cacique Joaquim Surui e Joaton Pagater Surui



Fonte: Luiz Weymilawa Surui, pesquisa de campo, agosto de 2015.

Infelizmente essa consciência não está atingindo a todos, enfrentamos constantemente invasões de madeireiros e garimpeiros em nosso território e buscamos por meios legais retirar essas pessoas da nossa área, assim fica claro que não temos o mesmo território de antes, isso já começou na demarcação em 1983 que deixou de fora parte do nosso território original, perdemos muitos elementos da nossa antiga floresta e já não existem determinadas espécies de árvores e animais e a paisagem do nosso território não é mais a mesma de antigamente:

Quando se demarcou o território dos Suruí ficaram fora da demarcação reservas de matérias primas que utilizavam para produção de artefatos. As reservas de taquara para fabricação de flechas, por exemplo, ficaram na região do Espigão D'Oeste, as palmeiras que produzem um coquinho que denominam "orokaba" ficaram ao longo da BR 364. Isso para dizer que a demarcação e homologação do território não coincidiram em termos de extensão territorial com a verdadeira área de ocupação tradicional. (Trecho da entrevista de Maria Barcellos realizada por mim em outubro de 2015.)

Apesar desses acontecimentos, nós Paiter, conhecemos muito bem nosso território, visitamos os lugares significativos e aprendemos com os mais velhos a história desses lugares, e seguimos lutando para preservar o que temos, pois como falou Joaton no trecho acima o reconhecimento de ser Paiter tem a ver com o sentido de conhecer suas origens através da terra, por isso nosso território é muito importante.

Outra mudança brusca foi na economia, antes do contato éramos coletores e caçadores nosso ciclo de vida girava em torno da nossa vida ritual, com o contato e invasões na nossa terra e expulsão dos colonos, ficamos com os cafezais e acabamos aprendendo a cultivar o café, e outros produtos, vejamos um trecho da entrevista com Maria Barcellos:

Primeiramente, pouquíssimo tempo após o contato, de coletores e caçadores, praticantes de uma economia de troca onde não existia o dinheiro, se viram obrigados a entrar na economia de mercado ocidental. Precisavam de dinheiro para comprar os bens do mundo moderno, que rapidamente se tornavam necessários. Com o tempo essa necessidade foi aumentando e tiveram que encontrar meios para suprir essas novas demandas. Isso veio determinar perdas culturais consideráveis. Tiveram que começar a produzir para o mercado. Exemplo disso é o cultivo do café deixado pelos colonos invasores. Diante da necessidade crescente de dinheiro, a FUNAI os estimulou a cuidar dos cafezais. O cultivo do café é muito exigente em mão de obra e isso determinou uma mudança grande na dinâmica cotidiana. Passaram a coletar e caçar menos e dar menos atenção aos produtos das roças tradicionais. (Trecho da entrevista de Maria Barcellos realizada por mim em outubro de 2015.)

Minha família na Linha 14 sempre resistiu as imposições, por isso nem sempre fazíamos o que os outros clãs Paiter faziam, resistimos muito para manter nosso modo de vida tradicional, por isso não deixamos nossas roças, apesar de grandes modificações ainda temos roça com nossos alimentos tradicionais como cara, mandioca, milho e amendoim.

Dentro dessa nova economia ocidental surgiu também a necessidade do dinheiro que

não conhecíamos como exposto no trecho acima da entrevista, já que sempre trocamos produtos e presentes motivados pelas regras de parentesco e cordialidade, apesar desse novo elemento na vida da aldeia, ainda mantemos parte desse costume, agora fazem parte dessa troca mercadorias do mundo ocidental como roupas, produtos industrializados entre outros.

Com o passar desses anos de contato o contexto foi mudando e hoje necessitamos de alternativas de sobrevivência em nosso território, ouvimos falar muito sobre sustentabilidade (definido como uma busca pelo equilíbrio entre a melhora da qualidade de vida dos homens e o limite ambiental do planeta) no meu entender já praticávamos isso há muito tempo, nosso problema agora são novos elementos vindo com o contato e toda pressão que sofremos com madeireiros e garimpeiros em nossa área.

Algumas lideranças e professores da aldeia Gapgir da linha 14, pensaram em algumas estratégias para trabalhar de forma sustentável, surgiu assim a Associação Gãbgir do Povo Indígena Paiter Surui representada pelo clã Gãbgir da Terra Indígena Sete de Setembro, em 08 de fevereiro de 1999.

A diretoria da Associação Gãbgir do Povo Indígena Paiter Surui é composta pelo coordenador: Patanga Surui, Secretário Lino Surui e o tesoureiro Joaton Surui, como assessora tem a pedagoga Laide Maria Ruiz Ferreira.

Com base na entrevista concedida pela Laide Maria Ruiz Ferreira, elaborei o quadro abaixo apresentando as principais ações realizadas pela Associação Gabgir ao longo da sua existência na aldeia da linha 14.

Quadro 3: Projetos desenvolvidos pela Associação Gapgir do Povo Paiter Surui

Associação Gabgir do Povo Indígena Paiter Surui		
PROJETO	FINANCIADOR/ANO	RESULTADOS
Implantação de apicultura	PDPI/2005 E 2006	Foram espalhadas pela área indígena caixas de abelhas, além da capacitação de alguns indígenas em como trabalhar com as abelhas, no ano de 2005 e 2006.
Piscicultura financiado	VIGISUS – FUNASA/2007	Nesse projeto foram construídos dois tanques de piscicultura, um na aldeia Gãbgir e outro na aldeia Amaral, também foram plantadas mudas de frutíferas, formando pomares em algumas aldeias.
Construção da Escrita Paiter Surui	Associação Gapgir em parceria com a UNB/2008	Oficinas para construção da Escrita Paiter Surui
Construção da Escrita	FUNAI/2008	Oficina para construção da Escrita

Paiter Surui		Paiter Surui
Revitalização da Cultura Paiter Surui	SECEL – Secretaria da Cultura e do Esporte de Rondônia	Tornou-se Ponto de cultura de Rondônia
Oficinas da escrita da língua paiter	IPHAN/2010	Produção do livro Amõ Gãpgir ey Iway Amõ Anar Segah ayap mi Materet ey mame Ikor Nih – Histórias do Clã Gãpgir ey e o Mito do Gavião Real
Projeto Fortalecimento Econômico e Cultural Paiter	Caixa Economica Federal – Caixa ODM	desenvolvimento sustentável por meio da extração do látex e a extração de produtos apícolas: mel e própolis. Cartilha Same e garah
	Caixa Economica Federal – Caixa ODM Parceria com LALI/UnB e Associação Gapgir	glossário do corpo humano, todos dois ilustrados e escritos na língua portuguesa e língua paiter.
Projeto Viveiro Paiter	2015	Em andamento
PRÊMIOS RECEBIDOS		
Revitalização da Cultura Paiter Surui (Premio Inclusão Cultural da Pessoa Idosa 2010)	Ministério da Cultura e Instituto Empreender/2010	Dinheiro do prêmio investimos nos projetos da associação
x	2015	Recebemos a menção honrosa o Prêmio de Direitos Humanos em Educação, proposto pelo MEC

Fonte: Luiz Weymilawa Surui, baseado na entrevista com Laíde Ruiz, novembro de 2015.

Além dessas atividades promovidas pela Associação, contamos com alguns benefícios do governo como bolsa família; aposentadoria; produzimos artesanatos para venda, sempre estamos buscando novas alternativas econômicas.

4.2 Alimentação e Saúde

Figura 17: Minha mãe Imakor com minha irmã Magarathep e sua filha Thais buscando kara e mandioca na roça



Fonte: Luiz Weymilawa Surui, pesquisa de campo, outubro de 2015

Hoje na aldeia da LH 14 ainda mantemos grande parte da nossa alimentação tradicional, mais infelizmente consumimos muitos produtos industrializados devido ao contato:

16/03/2015

A alimentação dos Suruí sofreu grande influencia dos produtos alimentícios manufaturados nesse curto período de 46 anos de contato. Com a necessidade de produzir para obter recursos financeiros, as práticas tradicionais de coleta, caça, pesca e produção de alimentos tradicionais sofreram grande impacto pois precisavam de tempo para as novas práticas de economia, como cuidar do café, do gado, de ir à cidade para compras etc. Assim, com menos tempo a dieta alimentar se alterou e vai se alterando cada vez mais no decorrer do tempo. Passaram a consumir muito arroz e feijão. A riqueza da culinária tradicional vai se perdendo na substituição dos produtos tradicionais pelos manufaturados. (Trecho da entrevista de Maria Barcellos, outubro de 2015)

Como exposto no texto acima sofremos muitas mudanças, esse tipo de alimentos que influenciam diretamente em novas doenças que o Paiter antigo não conhecia como hipertensão, diabetes, consequência de uma má alimentação e cada vez mais vamos

adquirindo males da sociedade envolvente.

Em relação a saúde Paiter, no passado nossos males eram curados pelos nossos pajés com ervas medicinais e reza, após esses 46 anos de contato fomos adquirindo um longo histórico de epidemias e doenças, uma das mais graves foi o aumento da mortalidade infantil:

Em trabalhos voluntários dessa natureza permaneci até o ano de 1989 quando juntamente com o IAMÁ (Instituto de Antropologia e Meio Ambiente) e especial apoio do Mauro Leonel, da Betty e Dudu Yázigi, o líder Gaami (Anine) viajou para Europa (França, Dinamarca e Noruega) levando para NORAD (Norwegian Agency for Development) a proposta de um projeto de atendimento à saúde dos Suruí, considerando que os índices de mortalidade infantil eram altíssimos por doenças de veiculação hídrica (diarreicas) e de trato respiratório, além dos problemas com tuberculose e blastomicose que atingiam um grau de cronicidade entre os Suruí. (Trecho da entrevista de Maria Barcellos. outubro de 2015.)

Como vemos no depoimento acima a mortalidade infantil foi um problema muito sério entre nosso povo, hoje graças a esse projeto desenvolvido pelo IAMA essa questão foi solucionada, quero destacar nesse trecho como Paiter junto com alguns parceiros sempre esta buscando soluções para os problemas mais graves, se essa medida não fosse tomada talvez hoje, grande parte dos Paiter não existiria.

À partir de 1999 a FUNASA (Fundação Nacional de Saúde) assumiu a saúde indígena e buscou estabelecer convênios com ongs indígenas e indigenistas no Brasil para implantação dos DSEIS (Distritos Sanitários Especiais Indígenas) e a PACA sob minha coordenação aceitou participar desse processo. Assim, de 1999 a 2004 coordenei esse convênio. (Trecho da entrevista de Maria Barcellos realizada por mim em outubro de 2015.)

Hoje apesar de ainda recorremos aos poucos Pajé que existem na linha 14, essa prática é feita somente por alguns Paiter e quase sempre como um complemento, pois o que prevalece é o uso dos medicamentos do posto de saúde existente na nossa aldeia. Se houver casos mais graves é comunicado a SESAI/CACOAL que remove o doente da aldeia para um hospital com mais recursos, mas nem sempre esse sistema de saúde é eficaz, nesse caso verificamos mais uma consequência negativa do nosso contato com os não indígenas.

4.3 Cultura e Educação

Figura 18: Minha mãe Imakor tecendo rede de algodão.



Fonte: Luiz Weymilawa Surui, pesquisa de campo, agosto de 2015.

A cultura Paiter é muito rica e cheia de detalhes como vimos no capítulo três, por isso nesse item não pretendo fazer uma descrição profunda e sim mostrar alguns elementos de como pensamos nossa identidade, sendo que a cultura Paiter é dinâmica e já se modificou bastante do tempo antigo até o atual, nos esforçamos para praticar o que temos e aprender mais com nossos sábios, pois isso é ser Paiter.

Como paiter, vejo e entendo a vida do paiter e a vida do branco. Sabe como falo para meus filhos?! Sempre. Falo para eles que não é assim que é a vida do paiter. Querem viver como branco, só por que vivemos juntos com sociedade envolvente, mas sem entender o sentido da vida que os não indígenas levam. Só querem viver como branco, sem entender o sentido da vida do homem branco, como se vivêssemos no escuro sem saber o que tem por perto. Sabe como vejo isso? Digo para mim mesmo Lat oje! Eu sou índio! Paiter oje! Sou Gente! Não branco, mas não é agora que vou virar branco e trocar a minha identidade. E olho para branco, vejo que ele não quer ser índio, e por que, que eu vou querer ser branco?! E por isso que prefiro viver como paiter e o branco que viva a vida dele, ambos respeitando as suas diversidades. O motivo disso é falar minha língua, respeitar o próximo e primeiro saber quem sou eu. Saber de onde eu vim, e assim que vou andar na linha, conhecendo a minha origem e alto me reconhecer. Os Paiter têm que viver em harmonia, falar sua língua, saber fazer seu arco e flecha. É assim que eles vão saber quem são eles. É por isso que falo de mim, assim, sou Gapgir, não sou parente de ninguém, sou diferente de todos e todos são diferentes de mim. Respeito às pessoas para ser respeitado. Quem respeita é respeitado. E assim que quero que tratem um ao outro aqui na nossa aldeia. Só assim que vamos resistir o que vier a nos atropelar, falar nossa língua, comer nossa comida tradicional e não valorizar só produtos industrializados. É assim que vamos dizer com orgulho, sou Paiter! (Trecho da entrevista do Cacique Joaquim Surui, agosto de 2015.)

Na fala do Cacique Joaquim, a identidade Paiter está ligada as práticas culturais; como falar a língua materna, conhecer a história para se reconhecer como Paiter, saber fazer arco e flecha (no caso dos homens) respeitar as pessoas, comer comida tradicional etc.

Figura 19: Meu pai me enfeitando para festa.



Fonte: Luiz Weymilawa Surui, pesquisa de campo, 2015

Figura 20 Meu pai Gakaman ensinando na escola indígena



Fonte: Luiz Weymilawa Surui, foto de Laide Ruiz, pesquisa de campo, 2015.

A Educação para nós Paiter está dividida em duas partes: educação “informal” como instrumento pelo qual aprendemos nossa cultura, onde praticamos nossa oralidade e vivemos nossos rituais, valorizando nossos sábios e construindo nossa identidade Paiter.

A educação é importante para todos os seres humanos. Sem a educação o Paiter não consegue manter seu modo de vida social. Do jeito que as coisas estão acontecendo no mundo, sem educação, não a respeito e organização nesse mundo. Através da educação que o Paiter constrói a forma de pensar e a forma de sobreviver. A

diferença de antes do contato com o tempo da atualidade é que antigamente só tínhamos uma forma de pensar na vida, que era do modo tradicional, mas agora é diferente, porque temos o outro modo de pensar na vida, com olhar do não indígena. (Trecho da entrevista de Joaton Pagater Surui, realizada por mim em agosto de 2015.)

E a educação formal (educação escolar) como instrumento de luta para garantia de direitos e sobrevivência junto a sociedade envolvente.

O compromisso que temos de assumir a nossa educação escolar, nas nossas escolas, e de grande importância para nós povos indígenas. Isso é muito gratificante, porque é assim que nós iremos trabalhar, ensinando e fazendo com que as nossas crianças aprendam e entendam a importância da existência e a praticar nossa cultura, não só de outros conhecimentos, sem esquecer o conhecimento e a cultura do nosso Povo. Uma única coisa importante que a sociedade em que vivemos atualmente nos trouxe foi à escola, principalmente para nós indígenas. É assim que eu entendo, quando se fala em educação. Porque, acredito que através da educação que as pessoas melhoram os seus conhecimentos, e é um caminho melhor de ter sentido de vida. (Trecho da entrevista do Professor Joaton Surui realizada por mim em agosto de 2015.)

Muitas vezes misturamos esses conhecimentos e como já expliquei, para nós, tudo está interligado, um exemplo disso foi o Programa Mais Educação na aldeia Gabgir, onde os monitores são sábios Paiter ensinando as crianças e jovens algumas práticas culturais, como cantos tradicionais, artesanatos e histórias.

Na escola da aldeia Ĝapĝir funciona o Ensino Fundamental e Médio, essa é a maior escola da Terra Indígena Sete de Setembro, tendo aproximadamente 100 alunos. Nessa escola funciona o Programa Mais Educação, onde procuramos trabalhar as questões do meio ambiente e cultural. (Trecho da entrevista da Pedagoga Laide Ferreira Ruiz, outubro de 2015.)

Quero terminar esse capítulo fazendo uma homenagem a todas as mulheres Paiter, que são, sem dúvida, fundamentais para nossa sobrevivência. Perguntei a Imakor, como era a vida da mulher Paiter antigamente?

Era mulher ligada nos cuidados da casa, alimentação, do marido e filhos. Como por exemplo, cerâmica, deixar o marido enfeitado com trajes, se destacava o marido da mulher que sabia fazer o trabalho direito. E atualmente, a mulher paiter está ligada no dinheiro, portanto está pensando fazer trabalho para lucrar e deixa de lado os trabalhos antigo com isso deixa de fazer muitas coisas da tradição e isso vai se acabando. Vejo que o modo de vida e o perfil que a mulher Paiter tinha não tem mais volta, e no geral os Paiter não entendem como essa vida era muito boa. E infelizmente temos que nos conformar com a vida que vivemos atualmente. (Trecho da entrevista de minha mãe Imakor Surui, outubro de 2015.)

Apesar dessas mudanças cabe a mulher Paiter o cuidado com os filhos, o bem-estar da sua família, ensinar suas filhas regras para serem boa esposa, como fazer chicha, fazer artesanato.

5 Considerações Finais

Quando me propus a fazer essa pesquisa achei que seria um trabalho simples de registro da história do percurso Paiter desde o contato até a aldeia Gapgir na linha 14, mas a medida que fui entrevistando meus colaboradores e analisando os dados as pesquisas, muitos elementos foram aparecendo, confesso que a riqueza de detalhes das histórias me encantou e muitas vezes me pus a imaginar várias formas de escrever esse trabalho, fiquei preocupado se iria alcançar os objetivos que propus inicialmente num tempo hábil, enfim foquei nos objetivos principais desse trabalho e me comprometendo como Paiter dar continuidade a essa pesquisa em futuros trabalhos.

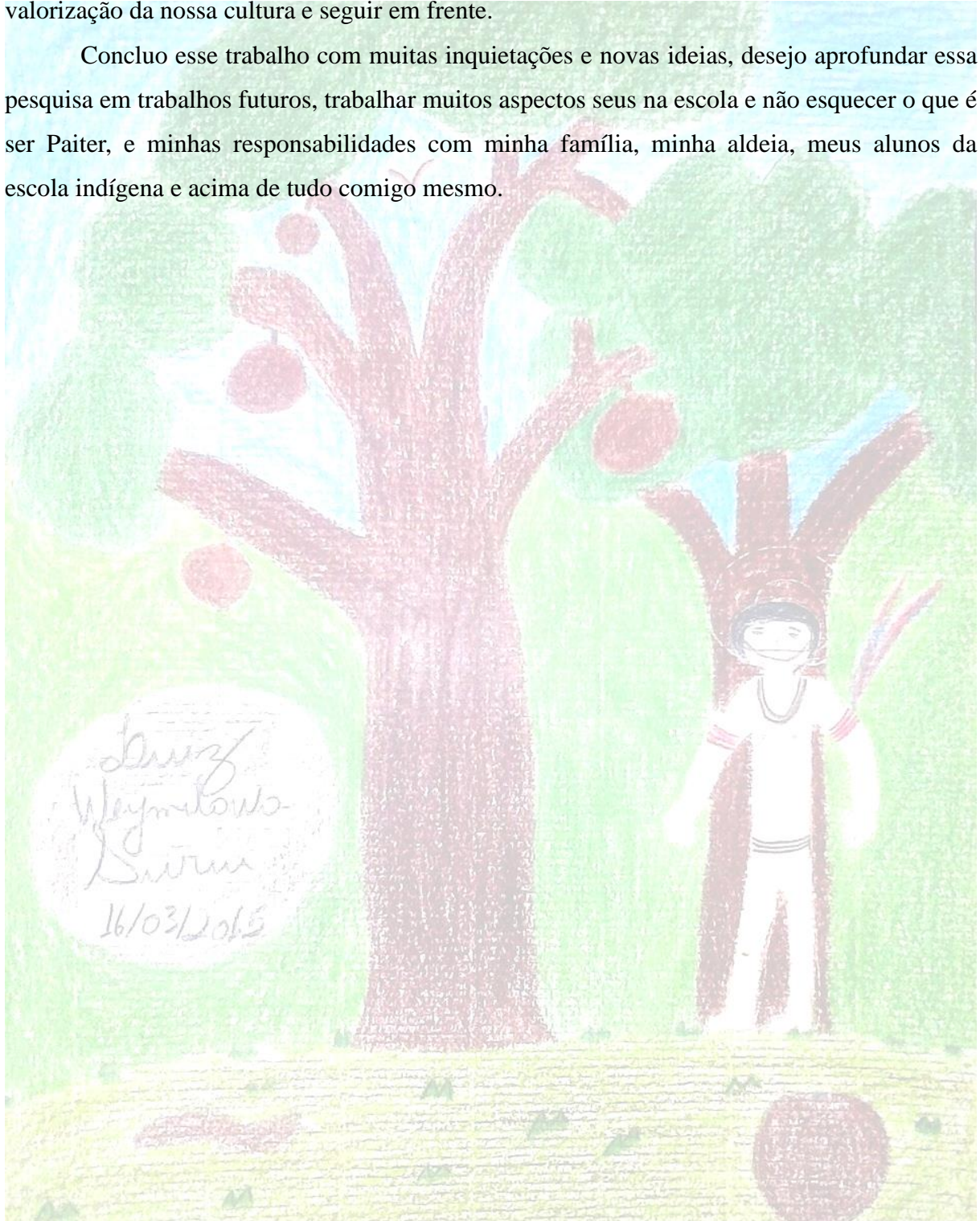
No terceiro capítulo fiz o registro de fragmentos da história Paiter a partir das entrevistas e narrativas realizadas no trabalho de campo, seria impossível abarcar todos os detalhes da história Paiter nesse trabalho, mas fico satisfeito de ter conseguido registrar e dar início a uma pesquisa tão interessante, para que possa despertar a curiosidade dos mais jovens e crianças Paiter, além de outras pessoas que queiram conhecer nossa cultura. Um fato que chamou atenção na construção desse capítulo é como as narrativas do meu pai Gakamam são comprovadas por muitos fatos históricos registrados pela literatura acadêmica e testemunhados pelos meus colaboradores, valorizando ainda mais sua fala.

Considero esse, o capítulo mais importante da minha pesquisa e confesso que embora muito trabalhoso foi a parte da pesquisa que mais gostei de fazer, meu objetivo principal foi registrar algumas histórias do percurso Paiter até aldeia da linha 14 e construir um mapa mental a partir dessas narrativas, minhas expectativas foram além disso, pois contei com a contribuição dos meus alunos e percebi o quanto eles se interessaram por esse tema e se identificam no espaço da aldeia através dos mapas, saber os nomes dos lugares do nosso percurso também foi uma experiência muito boa, pois apesar de conhecer a história não sabia esses detalhes, o que foi me despertando novas ideias para aprofundar esse trabalho. Nesse capítulo tive certo cuidado para registrar as narrativas, pois nem tudo que meu colaborador contou podia ser exposto para todos, o fato de ser meu pai, e eu, ser um Paiter, me trouxe uma grande responsabilidade, ele queria que eu soubesse os fatos com detalhes, mas nem tudo poderia ser escrito, também me preocupei com as pessoas não indígenas que poderão ler esse trabalho. Fiquei satisfeito com o resultado e espero que seja compreensível para essas pessoas.

O quarto capítulo do meu trabalho me fez pensar em como é difícil ser Paiter hoje,

muitos fatores externos nos influenciam, mesmo falando a língua e praticando nossa cultura, nós, jovens Paiter, nunca teremos o perfil do Paiter antigo, temos que aceitar essa dinâmica e saber utilizar novos instrumentos como a educação formal e a tecnologia a favor da valorização da nossa cultura e seguir em frente.

Concluo esse trabalho com muitas inquietações e novas ideias, desejo aprofundar essa pesquisa em trabalhos futuros, trabalhar muitos aspectos seus na escola e não esquecer o que é ser Paiter, e minhas responsabilidades com minha família, minha aldeia, meus alunos da escola indígena e acima de tudo comigo mesmo.



REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli Elisa.** *Etnografia da Prática Escolar*. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- MINDLIN, Betty.** *Nós Paiter, os Suruí de Rondônia*. Petrópolis, RJ, Vozes 1985.
- _____. Notícia sobre os Suruí de Rondônia (PITER) ISA. São Paulo. 1985
- TRIPP, David.** Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. Educ. Pesqui. [online]. 2005, vol. 31, n. 3, pp. 443-466. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151797022005000300009&lng=pt&nrm=iso
- DEMO, Pedro.** *Metodologia Científica em Ciências Sociais*. São Paulo: Atlas, 1985.
- GEERTZ, Clifford.** *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- JUNQUEIRA, Carmem.** *Antropologia Indígena - Uma Introdução*. São Paulo: Educ, 1991.
- LÉVI-STRAUSS, C.,** *As Estruturas Elementares do Parentesco*. Petrópolis, Vozes, 1976.
- MALINOWSKI, Bronislaw Kasper.** *Argonautas do Pacífico Ocidental*. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MEIHY, José Carlos** Sebe bom. *Manual de História Oral*. Edições Loyola, 2000.
- SERMANN, Jorn.** A TOPONÍMIA COMO CONSTRUÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL: o exemplo dos municípios do estado do Ceará. Revista Vivência, n. 29 2005, p.207-224. Disponível:
https://www.academia.edu/647642/A_TOPON%C3%8DIA_COMO_CONSTRUC%C3%87%C3%83O_HIST%C3%93RICO_CULTURAL_o_exemplo_dos_munic%C3%ADpios_do_estado_do_Cear%C3%A1
- TCC, alunos do Curso de Licenciatura Intercultural da UNIR**
 16/03/2015
- GAVIÃO, Iram Kav Sona.** *FESTAS TRADICIONAIS DO POVO IKÓLÓÉHJ GAVIÃO*. Ji-Paraná RO, 2015.
- MAKURAP.** Alessandra Monteiro Pinho. *Músicas Tradicionais do Povo Makurap*. Ji-Paraná RO, 2015.
- SURUI, Joaton Pagater.** *METAR ET AH: Uma proposta de educação escolar indígena diferenciada para o povo Suruí Paiter de Rondônia*. Ji-Paraná RO, 2015.
- SURUI, Gamalono.** "O ENSINO DE LINGUAS NA ESCOLA PAITER: Instrumento de fortalecimento cultural? ". Ji-Paraná RO, 2015.
- XIJEIN, Carlos Oro Waram.** *OS LUGARES E OS NOMES NA MEMÓRIA DOS MAIS VELHOS DA ALDEIA LAGE NOVO*. Ji-Paraná RO, 2015.

Instituto Sócio Ambiental ISA, Site: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/surui-paiter>.

Entrevistas

BARCELLOS, Maria. Entrevista concedida via e-mail a Luiz Weymilawa Surui sobre sua história de convívio e trabalho com os Paiter em 21 de outubro de 2015.

RUIZ, Laide Ferreira. Entrevista concedida via e-mail a Luiz Weymilawa Surui sobre seu trabalho com os Paiter em 04 outubro de 2015.

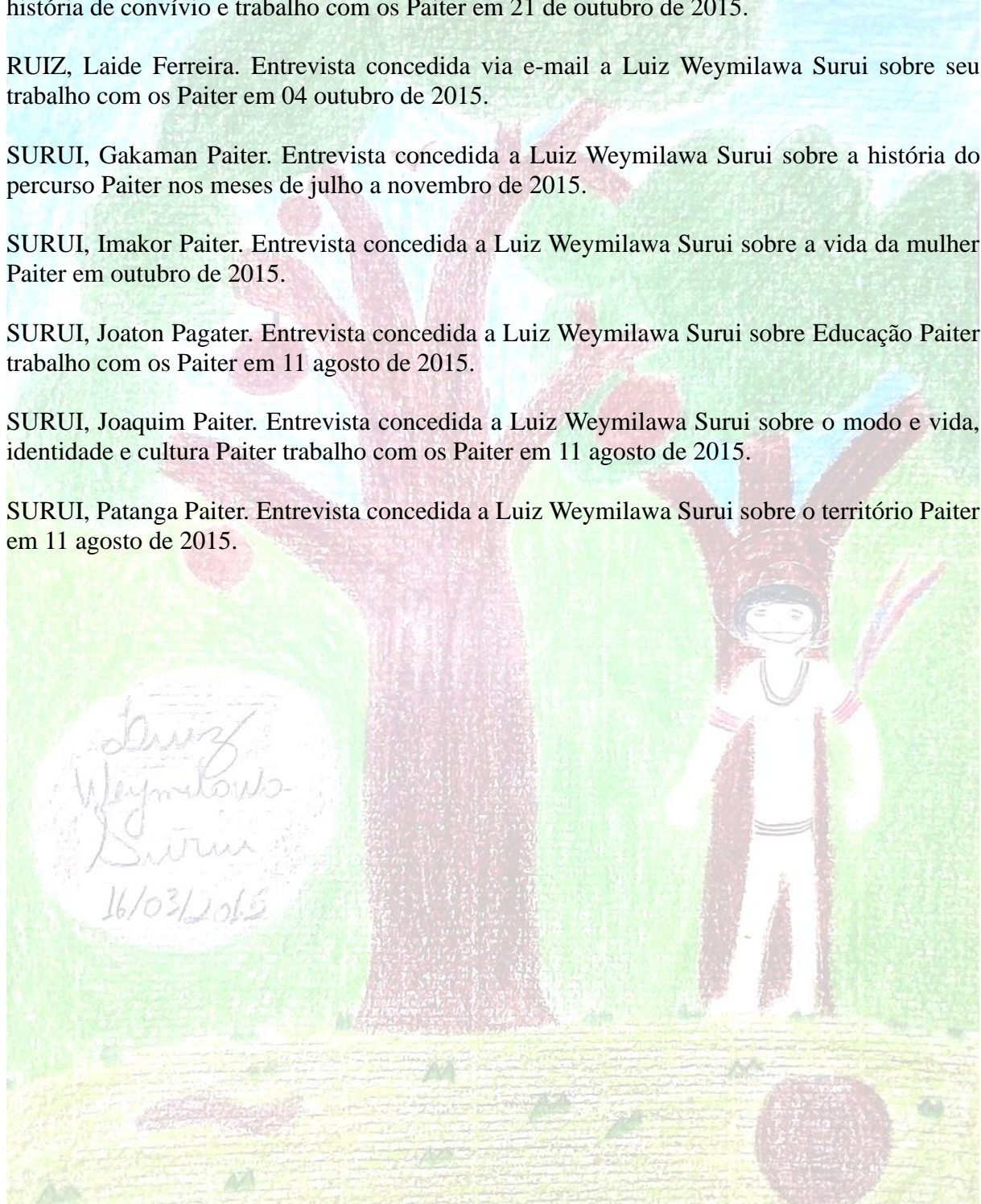
SURUI, Gakaman Paiter. Entrevista concedida a Luiz Weymilawa Surui sobre a história do percurso Paiter nos meses de julho a novembro de 2015.

SURUI, Imakor Paiter. Entrevista concedida a Luiz Weymilawa Surui sobre a vida da mulher Paiter em outubro de 2015.

SURUI, Joaton Pagater. Entrevista concedida a Luiz Weymilawa Surui sobre Educação Paiter trabalho com os Paiter em 11 agosto de 2015.

SURUI, Joaquim Paiter. Entrevista concedida a Luiz Weymilawa Surui sobre o modo e vida, identidade e cultura Paiter trabalho com os Paiter em 11 agosto de 2015.

SURUI, Patanga Paiter. Entrevista concedida a Luiz Weymilawa Surui sobre o território Paiter em 11 agosto de 2015.



GLOSSÁRIO

A	Ah...! aya wah! aya wah: Ah!	Ah! Mamãe! Mamãe!
	ã karba mi:	Hoje/atualmente
	Ã te toya ã nãp neh toy ã paiter capoh	É! Agora nós mostramos para eles com quem eles mexeram.
	Abipoy ah:	Nome próprio
	Agoy:	Espécie de uma árvore
	Ah/eh:	Marcador.
	Ami ah:	Povo Cinta Larga.
	Amõ koxi ûp:	Vovô babão Zinho
	amõ:	Avô
	Amõti ey:	Grandes jabutis.
	Ãna:	Assim.
	Anar:	Cabeça.
	Aniga:	Fazer/preparar/armar.
	Anine:	Teste tamanhinho
	atanp:	Fruta nativa comestível.
	away txa:	Viver.
	Awir/Awir ey:	Maneira que o Povo Paiter denominava Povo Cinta Larga.
	awurû :	Cachorro.
	awurû ey:	Matilha.
	Awurû ey sem ewa ah:	Local onde foi bebido caldo dos cachorros
	Awurû iway:	Dono do cachorro.
B	Bũ paiter ey ah abalor ywe kabi ywe ykint:	E, todas as pessoas apareceram e vieram para centro da aldeia para ver.
	Bũ:	Apareceram/saíram.
	baum baum:	Barulho do estrondo do céu.
	bey ah:	Avó
	Boteh:	Já
E	Eor ih?	Chegou?
	Eor:	Venha.
	Eğabih:	Ir a você.
	Ema:	Dos.
	Ey:	Os, as.
	Eya:	Você
G	Gamar ah:	Como o primeiro oi no contato antigamente.
	gamep ey:	Maribondos pretos.
	Ëaop:	Roça vermelha
	Ëapğir:	Maribondo branco
	Gasereg:	Roça limpa.
	Ëerbay:	inimigo que pega as pessoas traiçoeiramente e envenena.

	ğereyõp:	
	ğopãp ey:	Peixes elétricos
	Gorih lor:	Vomito
	gorpan sih bit ey:	São passarinhos que ficam nas proximidades de rio.
	goxor:	Zoró
I	Ih kõp:	Chicha fina
	Ih wap txi:	Grande barco
	Ih wap:	Barco
	Ih xag ah:	Onde se tem melhor chicha
	Iway:	Dono
K	Kir:	Cor branca
	Koranap:	Que faz barulho/avião
	Kaban:	Fruta miridiba
	Kapant:	Defesa/sombra
	Kãyn/kãe:	Antigo/velho
	Koxi:	Boca molhadinha/babão Zinho
	kõy ah:	Remo
	Koko anar sega	Titio de cabeleira
L	La pe sap:	Perna cambota
	lap alawã:	Casa com entradas de dois lados
	Lap ğup ey:	Casas pequenas
	lap ğup:	Casas pequenas
	lap moy:	Casa grande
	lat ey:	Inimigos
	Lat:	Povo indígena no geral/inimigo
	loy kut ey:	Zoró
	Lyba:	nome próprio Paiter.
M	Makor ğat:	Bambuzal
	Mãn:	Disse/contando/contar.
	mãp ah:	Lugar / local
	Mereca:	Por causa dele/dela
	metar:	Ficar na estrada
	Mosã ey sih:	Água dos camarões
	Makor:	Bambu
	malop ah:	Bebida feita exclusivamente na primeira colheita do milho
	Moy ah	Avó/vovó
	Mamap ey:	Criançadas/molecadas
	mara yah:	Cará
	Masar:	Passar entre/passava
	mater:	Antigamente
	Mereon:	Vazio /não ter nada

	mokāy ap:	Material de fazer fogo
	mōrã ey sem ewa ah:	Onde foi tomado caldo de camarões
	morat ah ey sem ewa ah:	Onde tomaram caldo do tatu peba
	Morati sap moy:	Lugar antigo onde tinha gengibre
N	Nepo:	Galho / braço
	naray yhp:	Varinha do pajé
	Nībah:	Outra forma de chamar Pajé
	nībah ey na ewa:	Onde os pajés moraram / brincaram jogando água para cima
	nīng:	Pintura camuflada
	naray yhp:	Varinha do pajé
O	oh or:	Eu venho/cheguei
	Otixe wah! Otixe wah! Ā meko popit ikint belah e or ogabi mǎyã:	Venha ver a presa de onça para mim/no sentido de ver comigo.
	oy ah:	Eu disse
	Olop mor:	Irmão do meu pai / primo do meu pai
	oma mih:	Com medo de mim
	oma ur a makap:	Meu amigo/companheiro
	Onop:	Cunhado/genro/amigo
	Oparimajah:	Fazer-me embebedar
	Otixe:	É forma carinhosa que mãe das pessoas que teriam se vingados recebeu de tanta alegria do pai deles
P	Paiter:	Gente/pessoa
	Patxot:	Sentadinho
	Pep:	Mancha preta
	Perede:	Que os
	Peyja	Escancarado
	Paḡopiûr:	nome próprio.
	Paiter ey:	As pessoas
	Pama kaḡuyn:	Povo indígena, mas que não sabemos quem são
	Pamaûr:	Nosso arco/ nossa arma
	pasap ah pixa sap moy:	Morada de pés de babaçu
	pasap ḡat ah:	Babaçu
S	Segah:	Cabeleira/cheio
	Somãgã:	Fazer algo/provocação
	Sonã poh:	Fazia/acontecia
	sap moy:	Antiga moradia
	Sar:	Caído/pendurado
T	teh pala yh?:	Tem gente aqui/ai?
	Teh maré:	espera
	Tener:	Nome próprio
	Ti:	Gigante/imenso.

	Toroy txanã ah:	nome próprio Paiter
	Toy ibep eh:	Nossa história / nossas coisas
U	Uh. Hoo:	Expressão de, Nossa? Que isso? O que foi isso? Opa! Mau presságio.
	Up:	Marcador de diminutivo
Y	Yap:	Flecha
	Yapeh sem ewa ah:	Onde foi tomado caldo da matéria prima que faz ponta de flecha
	yapeh tire sem ewa ah:	Local onde foi cozido, material que faz ponta da flecha
	Yapeh:	Um material de taboca para fazer ponta de flecha
	yara ey:	Os não indígenas
	Yara:	Não indígena
	yarah ey ah:	Morada dos brancos
	Ybi:	De baixo
	Ycabe:	Rio grande
	yh cahp:	Rio de baixo nível
	Yh:	Rio
	yhp	Árvore
	ynt:	Aquele que acertou
	Yre / Are:	Irmão / Irmão
	yhp abi:	Topo de árvore/nome próprio
	Yhp pehp tabih tor:	Toco de árvore mancha preta
	Yobaxara:	Nome próprio
	Yobay xarah:	Nome próprio
	yokura sih:	Chicha de abóbora
	Yokura:	Abóbora
	yh yxar:	Lugar no rio que as mulheres tomam banho
W	watâr:	Espécie de uma árvore
	Wakoy ey:	Mutuns
	wakoy ey a pasap ģat ah:	babaçu dos mutuns
	Wã:	Falar/falando
	Wera:	Andando/venho
	Walet:	Mulher
	Walet ey:	Mulheres

ANEXOS

ANEXO 1

Entrevistas

Narração Joaquim Suruí /Duração: 7 min

Aldeia ġapgir linha 14

Terra Indígena Sete de Setembro

Manhã de terça-feira, 11 de agosto de 2015.

Como você observa a vida do povo paiter no tempo da atualidade? Como mais velho da nossa aldeia, o que você tem a dizer?

Como paiter, vejo e entendo a vida do paiter e a vida do branco. Sabe como falo para meus filhos?! Sempre. Falo para eles que não e assim que é a vida do paiter. Querer viver como branco, só por que vivemos juntos com sociedade envolvente, mas sem entender o sentido da vida que os não indígenas levam. Só querem viver como branco, sem entender o sentido da vida do homem branco, como se vivêssemos no escuro sem saber o que tem por perto. Sabe como vejo isso? Digo para mim mesmo **Lat oje!** Eu sou índio! **Paiter oje!** Sou Gente! Não branco, mas não é agora que vou virar branco e trocar a minha identidade. E olho para branco, vejo que ele não quer ser índio, e por que, que eu vou querer ser branco?! E por isso que prefiro viver como paiter e o branco que viva a vida dele, ambos respeitando as suas diversidades. O motivo disso é falar minha língua, respeitar o próximo e primeiro saber quem sou eu. Saber de onde eu vim, e assim que vou andar na linha, conhecendo a minha origem e alto me reconhecer.

Os Paiter têm que viver em harmonia, falar sua língua, saber fazer seu arco e flecha. É assim que eles vão saber quem são eles. É por isso que falo de mim, assim, sou Gapgir, não sou parente de ninguém, sou diferente de todos e todos são diferentes de mim. Respeito às pessoas para ser respeitado. Quem respeita é respeitado. E assim que quero que tratem um ao outro aqui na nossa aldeia. Só assim que vamos resistir o que vier a nos atropelar, falar nossa língua, comer nossa comida tradicional e não valorizar só produtos industrializados. É assim que vamos dizer com orgulho, sou Paiter!

Narração Joaton Suruí /Duração: 7 min

Aldeia ġapgir linha 14

Terra Indígena Sete de Setembro

Manhã de terça-feira, 11 de agosto de 2015.

O compromisso que temos de assumir a nossa educação escolar, nas nossas escolas, e de grande importância para nós povos indígenas. Isso é muito gratificante, porque é assim que nós iremos trabalhar, ensinando e fazendo com que as nossas crianças aprendam e entendam a importância da existência e a praticar nossa cultura, não só de outros conhecimentos, sem

esquecer o conhecimento e a cultura do nosso Povo. Agora, o que é o nosso conhecimento?! E a necessidade/problemas que passamos hoje, e a forma que podemos pensar como vamos fazer a nossa vida. E através desse olhar que vamos ensinar nossas crianças, mantendo as práticas da nossa cultura, ensinar a importância de preservação a nossa Terra e o que a de importância existência nele.

Apreendendo tudo isso que eles, irão saber quem eles são, de onde vieram e como progredir a sua vida. Na sociedade Paiter ele só é reconhecido, através do saber que possui sobre as suas origens. Essa é a diferença entre os Paiter, o reconhecimento de principio de vida que cada um possui, e assim vão respeita as duas diferenças.

A educação é importante para todos os seres humanos. Sem a educação o Paiter não consegue manter seu modo de vida social. Do jeito que as coisas estão acontecendo no mundo, sem educação, não a respeito e organização nesse mundo. Através da educação que o Paiter constrói a forma de pensar e a forma de sobreviver.

A diferença de antes do contato com o tempo da atualidade é que antigamente só tínhamos uma forma de pensar na vida, que era do modo tradicional, mas agora e diferente, porque temos o outro modo de pensar na vida, com olhar do não indígena. Uma única coisa importante que a sociedade em que vivemos atualmente nos trouxe foi à escola, principalmente para nós indígenas. É assim que eu entendo, quando se fala em educação. Por que, acredito que através da educação que as pessoas melhoram os seus conhecimentos, e é um caminho melhor de ter sentido de vida.

Narração Patanga Suruí /Duração: 2 min

Aldeia ġagbir linha 14

Terra Indígena Sete de Setembro

Manhã de domingo, 09 de agosto de 2015.

A Terra é a nossa vida e o ar que respiramos, sem Terra não teríamos vida. Portanto, por estarmos ainda na floresta é que estamos vivendo e respirando o ar, sem isso não seríamos quem somos hoje. Sem a Terra não teríamos onde morar e sobreviver, a natureza e o nosso lar. Por isso a Terra tem significado para nós paiter. E aqui que esta a nossa vida. Antigamente vivíamos pensando que a natureza sempre seria como era antes, mas hoje tudo mudou, e agora temos que cuidar o pouco que sobrou da invasão e cuidar para manter em pé.

16/03/2015

Roteiro para Entrevista com a Laide

1-Qual seu primeiro contato com os Paiter

Em fevereiro de 2006 fui convidada para vim trabalhar com os Paiter, na Associação Fórum das Organizações do Povo Indígena Paiter Suruí. Fui contratada para ser assessora nessa associação. Foi o meu primeiro contato com os Paiter

2-Qual tipo de trabalho você desenvolve com os PAiter?

De 2006 a 2008 trabalhei como assessora na Associação Fórum Suruí, onde trabalhava escrevendo projetos que iriam beneficiar a comunidade, na área de desenvolvimento sustentável e educação. Em 2008 acabou a associação Fórum Paiter e passei a assessorar a Associação ġagbir do Povo Indígena Paiter Suruí. Nessa associação sou assessora, faço

projetos de educação, meio ambiente e sustentabilidade. Mas o foco é a escrita da língua indígena.

3 – Fale como surgiu a Associação. E que ações já foram promovidas (projetos, publicações, apresentações).

A Associação Gãbgir do Povo Indígena Paiter Surui representa o clã Gãbgir da Terra Indígena Sete de Setembro, do povo Paiter Surui. Foi criada em 08 de fevereiro de 1999. Executou um projeto de implantação de apicultura nas aldeias, financiado pelo PDPI, nesse projeto foi construído e equipado um apiário na aldeia Gãbgir (é a maior aldeia da Terra Indígena Sete de Setembro), também foram espalhadas pela área indígena caixas de abelhas, além da capacitação de alguns indígenas em como trabalhar com as abelhas, no ano de 2005 e 2006, outro de piscicultura financiado pelo VIGISUS – FUNASA, nesse projeto foram construídos dois tanques de piscicultura, um na aldeia Gãbgir e outro na aldeia Amaral, também foram plantadas mudas de frutíferas, formando pomares em algumas aldeias no ano de 2006. Realizou Assembleia Geral pra eleição da nova Diretoria, com o recurso do projeto aprovado pelo PATO – PDPI, no valor de quase cinco mil reais no ano de 2007. Em janeiro de 2008 executou o projeto Apoio Para a Realização da Construção da Escrita Paiter Surui, esse projeto foi realizado na UnB – Brasília, com a participação de cinco indígenas Paiter Surui: professor Joaton Surui, Estudante Anderson Surui, lideranças patanga Surui e mais velhos detentores do conhecimento Paiter Surui: Gacaman Surui e Joaquim Surui, da pedagoga Laíde Maria Ruiz Ferreira, da antropóloga Betty Mindlin, da música Magda Dourado Pucci, da lingüista Ana Suelly Arruda Câmara Cabral e Aryon Rodrigues (ambos doutores da UnB – BSB). Depois dessa oficina houve, mais uma financiada pela FUNAI, também realizada na UnB, com basicamente a mesma equipe, só foi incluída a participação das mulheres: Célia Surui (estudante), Neuza Surui (jovem) e Imacor Surui (adulta detentora dos conhecimentos Paiter). A Associação Gãbgir é um ponto de cultura de Rondônia com o projeto Revitalização da Cultura Paiter Surui, em parceria com a SECEL – Secretaria da Cultura e do Esporte de Rondônia. Realizou o projeto com o IPHAN, onde no ano de 2010 realizou oficinas da escrita da língua paiter e produziu o livro *Amõ Gãbgir ey Iway Amõ Anar Segah ayap mi Materet ey mame Ikor Nih – Histórias do Clã Gãbgir ey* e o *Mito do Gavião Real*. Recebemos agora o Premio Inclusão Cultural da Pessoa Idosa 2010, do Ministério da Cultura e Instituto Empreender, pelo projeto que realizamos Revitalização da Cultura Paiter, o dinheiro desse prêmio utilizamos na continuidade das atividades do projeto. Executou o projeto com a Caixa Economica Federal – Caixa ODM, Projeto Fortalecimento Econômico e Cultural Paiter, que prevê o desenvolvimento sustentável por meio da extração do látex e a extração de produtos apícolas: mel e própolis, e a normatização da língua Paiter, como produto desse projeto foi publicada uma cartilha *Same e garah* e o glossário do corpo humano, todos dois ilustrados e escritos na língua portuguesa e língua paiter. Recebemos a menção honrosa o Prêmio de Direitos Humanos em Educação, proposto pelo MEC. A diretoria da Associação Gãbgir do Povo Indígena Paiter Surui é composta pelo coordenador: Patanga Surui, Secretário Lino Surui e o tesoureiro Joaton Surui, como assessora tem a pedagoga Laide Maria Ruiz Ferreira.

4- Porque escolheu trabalhar com os Paiter

Quando fui contratada para trabalhar com os Paiter, não tinha conhecimento a respeito deles. Mas tinha vontade de aprender mais sobre esse povo. Com o tempo aprendi sobre eles e hoje gosto muito de trabalhar com eles.

5- Qual sua formação e função na secretaria de educação e associação.

Sou formada em pedagogia, com pós-graduação em Coordenação pedagógica. Realizo o trabalho de coordenadora pedagógica nas dez escolas indígenas. Cinco escolas indígenas atendem o Ensino Fundamental e Médio e cinco escolas atendem do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. Na escola da aldeia Ĝapĝir funciona o Ensino Fundamental e Médio, essa é a maior escola da Terra Indígena Sete de Setembro, tendo aproximadamente 100 alunos. Essa escola funciona o Programa Mais Educação, onde procuramos trabalhar as questões do meio ambiente e cultural.

Entrevista Maria Barcellos

Qual seu primeiro contato com os Paiter? Qual o tipo de trabalho que você desenvolveu ou desenvolve com eles?

Me procuravam muito para atendimento à saúde e eu os ajudava e os recebia em minha casa, muitas vezes por dias e dias. Nessa época as doenças diarreicas e de trato respiratório eram muito comuns e levavam a óbito muitas crianças.

Não entendiam ainda o valor do dinheiro mas começavam a se interessar por alguns produtos utilitários e me procuravam também para ajuda-los no escambo.

Nessa ocasião ganhei o apelido de Maria dos Índios, pelo fato de estar sempre com eles e minha casa ser sua principal referencia em Pimenta Bueno. Me mudei para Cacoal em 1980 e aí minha casa continuou sendo referência para os Suruí. Não apenas para os Gapgir e Kaban mas para todos.

Pessoas jovens, crianças e adultas viveram em diversos períodos na minha casa, ou por problemas de saúde, rixas familiares ou simplesmente por estar. Nesse período também apoiei a Dra. Betty Mindlin na coleta de mitos e outras atividades.

Quando começaram a entender o valor do dinheiro, em muitos momentos, solicitavam a minha ajuda para vender seus produtos.

Em trabalhos voluntários dessa natureza permaneci até o ano de 1989 quando juntamente com o IAMÁ (Instituto de Antropologia e Meio Ambiente) e especial apoio do Mauro Leonel, da Betty e Dudu Yázigi, o líder Gaami (Anine) viajou para Europa (França, Dinamarca e Noruega) levando para NORAD (Norwegian Agency for Development) a proposta de um projeto de atendimento à saúde dos Suruí, considerando que os índices de mortalidade infantil eram altíssimos por doenças de veiculação hídrica (diarreicas) e de trato respiratório, além dos problemas com tuberculose e blastomicose que atingiam um grau de cronicidade entre os Suruí. Esse projeto consistia basicamente em atendimento médico, laboratorial e hospitalar aos índios juntamente com orientações e outras ações preventivas. Fui a coordenadora desse projeto e como a sede do IAMÁ era em São Paulo. O projeto foi desenvolvido via CERNIC (Centro de Reabilitação Neurológica Infantil de Cacoal), entidade criada e representada por mim. Posteriormente, após minha saída do CERNIC, o projeto se vinculou à PACA (Proteção Ambiental Cacoalense). Nessa perspectiva o projeto durou 3 anos e se desdobrou na formação de agentes indígenas de saúde. O projeto contou durante o 1º ano com médico (Dr. Paulo Musa e Fernando Linhares Sacre) e enfermeira (Dalvanira Gonçalves da Costa) baseados na Terra Indígena, auxiliares de enfermagem sediadas nas aldeias e veículo próprio com motorista (Ângelo José P. de Oliveira) para atender as necessidades de deslocamento dos profissionais e transporte de doentes, convênios com hospital particular e laboratórios. No 2º e 3º anos o projeto contava com médicos (Dra. Beatriz, Dr. Arthur e Dra Adalgisa) que visitavam as aldeias 3 vezes por semana e atendiam na Casa do Indio no Riozinho. À partir das intervenções os índices de mortalidade infantil apresentaram significativas baixas e sentimos a necessidade de manter as ações preventivas e essas ficaram a cargo dos agentes de

saúde em um longo processo de formação sob supervisão de uma enfermeira (Dalva). No contexto desse projeto foram construídos postinhos de saúde em várias aldeias e ali os agentes faziam o acompanhamento do crescimento e desenvolvimento de crianças de 0 a 5 anos, acompanhamento de gestantes, observação de sintomáticos respiratórios e outras ações preventivas além de encaminharem pacientes para as unidades de saúde.

Apoiei também nesse período o início dos trabalhos de formação de professores indígenas desenvolvido pelo IAMÁ. No período de 1992 a 2004 desenvolvi, juntamente com Linete Ruiz, Franciane Domingues e Ivana de Souza e outras pessoas, projetos de capacitação em gerenciamento de associações, projetos de revitalização cultural, projeto de escolarização de agentes indígenas de saúde entre outros. À partir de 1999 a FUNASA (Fundação Nacional de Saúde) assumiu a saúde indígena e buscou estabelecer convênios com ongs indígenas e indigenistas no Brasil para implantação dos DSEIS (Distritos Sanitários Especiais Indígenas) e a PACA sob minha coordenação aceitou participar desse processo. Assim, de 1999 a 2004 coordenei esse convênio. À partir daí por causas que não cabe expor aqui, por sua complexidade e contradições, o convênio foi suspenso e a PACA fechou suas portas. Em 2005, como coordenadora da PACA propus que todo patrimônio da organização fosse doado para o povo Suruí, o que ocorreu no ano de 2005. Nesse mesmo ano solicitamos que os projetos de escolarização de agentes indígenas de saúde e um projeto institucional fossem repassados ao Fórum das Organizações do povo Paiter Suruí, o que ocorreu. Apoiei as atividades do Fórum até meados de 2007, escrevendo projetos e captando recursos para atividades a serem desenvolvidas pelas associações Suruí (na época 4). Entre 2005 e 2007 desenvolvi, juntamente com a Associação Makor atividades de revitalização cultural e etnoturismo no contexto da estruturação do Centro de Vivências culturais Pawentiga.

- **Quais mudanças significativas você pode citar a respeito dos Paiter?**

De quando os conheci aos dias atuais, as mudanças na vida dos Paiter foram muitas e determinaram alterações profundas na sua tradicional forma de viver e ver o mundo. Falarei aqui de duas, que considero as mais importantes e que se desdobraram em outras também significativas.

Primeiramente, pouquíssimo tempo após o contato, de coletores e caçadores, praticantes de uma economia de troca onde não existia o dinheiro, se viram obrigados a entrar na economia de mercado ocidental. Precisavam de dinheiro para comprar os bens do mundo moderno, que rapidamente se tornavam necessários. Com o tempo essa necessidade foi aumentando e tiveram que encontrar meios para suprir essas novas demandas. Isso veio determinar perdas culturais consideráveis. Tiveram que começar a produzir para o mercado. Exemplo disso é o cultivo do café deixado pelos colonos invasores. Diante da necessidade crescente de dinheiro, a FUNAI os estimulou a cuidar dos cafezais. O cultivo do café é muito exigente em mão de obra e isso determinou uma mudança grande na dinâmica cotidiana. Passaram a coletar e caçar menos e dar menos atenção aos produtos das roças tradicionais.

A dieta alimentar sofreu alterações para pior e determinou sérios problemas de saúde. Influenciados pelas práticas econômicas desenvolvidas pelos colonos passaram também a criar gado para geração de renda, trocando extensões consideráveis de floresta por capim.

Além disso, a necessidade de dinheiro os levou a praticar atividades de exploração predatória dos recursos naturais florestais de seu território. Em 2006, com anuência do presidente da FUNAI, na época Sr. Romero Jucá, passaram a comercializar madeiras de suas terras e isso persiste até os dias atuais em algumas aldeias. Todas essas atividades os aproximam muito mais do mundo não indígena e contribuem consideravelmente para o enfraquecimento da cultura tradicional

Outra mudança significativa se relaciona à questão religiosa. A presença de missionários desde o contato, e no decorrer do tempo, de diferentes denominações religiosas, fez com que em um curto período de tempo abandonassem as práticas tradicionais de conexão com o mundo espiritual. Os pajés perderam seu valor e eles próprios passaram a praticar o que determinavam os missionários com base nos conceitos bíblicos acerca do mundo e de como agir na sociedade. O universo religioso tradicional sucumbiu à pressão dos ideais cristãos. Os espíritos passaram a ser expressões demoníacas e foram deixados de lado. A meu ver isso determinou uma ruptura na coluna vertebral dos Suruí e à partir daí, juntamente com as alterações na forma de praticar economia, outras mudanças surgiram e todas em um tempo muito curto.

- **Fale um pouco da relação que vc tem hoje com os Paiter, da época do contato. (velhos, crianças e mulheres)**

Atualmente a minha relação com os Suruí, de alguma forma mudou muito. São outros tempos e eles mudaram muito. Até princípios do ano 2000 eu me sentia necessária e a nossa proximidade era grande. Estavam sempre na minha casa e eu nas aldeias. Fui várias vezes com a Betty para as aldeias. Saíamos para as roças, eu acompanhava incursões na floresta para coleta de frutos, tomávamos banhos nos igarapés etc. A vida na aldeia era muito alegre. As longas conversas noturnas e a contação de mitos, os “*iatír*” e em seguida as dormidas em redes nas “*labmoi*”, atizando o fogo durante toda a noite, eram muito agradáveis. Assim como eram as visitas às “*akapeáb*” nas “*lab´nhup*” e onde todas as histórias das ocorrências cotidianas eram comentadas.

A minha casa, tanto em Pimenta Bueno quanto depois em Cacoal era aberta a todos Suruí que chegavam. Muitas vezes eram tantas pessoas que mal cabiam. Quando moramos em um sítio em Pimenta Bueno a família do Gasereg construiu um tapiri ao lado da casa e ali permaneciam por longos dias, caçando e pescando, como se estivessem na aldeia.

Fazem anos que não participo de atividades desse tipo. Nesses anos todos acompanhei muitas pessoas doentes. Vi muitas perdas de pessoas queridas e acompanhei o universo Suruí se transformando quase como do dia para noite.

Após 40 anos de convivência, ainda desenvolvo alguns trabalhos como consultora da Forest Trends em um programa de fortalecimento de mulheres e jovens apoiado pela IKEA FOUNDATION. Esse trabalho consiste na realização de oficinas e intercâmbios. As oficinas abordam temas escolhidos por mulheres em um encontro realizado em 2013. Até o presente momento desenvolvi 3 oficinas: 1) Negócios e comercialização de artesanato, que deu origem a uma loja de artesanato; 2) Direitos, tratando dos direitos constitucionais direcionados para povos indígenas, PNGATI e Direitos das mulheres e 3) Oficina sobre o Plano de Gestão. Nesse ano ainda devo desenvolver uma oficina sobre mudanças climáticas. Tenho também desenvolvido atividades de intercâmbios para mulheres e jovens, focado inicialmente em uma interação com os Yawanawá do Acre.

Infelizmente em razão das contradições existentes entre o povo Paiter Suruí, essas atividades não têm abarcado todas as aldeias. De alguma forma me sinto entristecida com isso pois é muito claro que as contradições existentes entre os Suruí me alcançam e prejudicam o desenvolvimento de outras possíveis contribuições.

- **Fale um pouco sobre: Território paiter, alimentação. Artesanato, rituais:**

A Terra Indígena Sete de Setembro é o território Paiter, demarcado e homologado pelo governo federal. Consiste em uma área de aproximadamente 248.000ha distribuídos entre Rondônia e Mato Grosso. Entretanto a área de ocupação tradicional era no passado, muito maior. Quando se demarcou o território dos Suruí ficaram fora da demarcação reservas de

matérias primas que utilizavam para produção de artefatos. As reservas de taquara para fabricação de flechas, por exemplo, ficaram na região do Espigão D'Oeste, as palmeiras que produzem um coquinho que denominam “*orokaba*” ficaram ao longo da BR 364. Isso para dizer que a demarcação e homologação do território não coincidiram em termos de extensão territorial com a verdadeira área de ocupação tradicional.

O território Paiter Suruí, na época em que o visitei pela primeira vez era de uma beleza realmente exuberante. Mesmo com a proximidade dos colonos a floresta ainda se encontrava muito íntegra e os igarapés sem poluição alguma. Nas incursões pela floresta com os índios coletávamos uma variedade grande de frutos na época das chuvas (membetía, maxôga, borkaá entre outros).

Antigamente para se chegar à qualquer aldeia da Terra Indígena Sete de Setembro era difícil. Me lembro que quando Carlos e eu ajudamos algumas famílias na mudança da aldeia do Espigão para a Terra Sete de Setembro, na linha 14, demoramos 24 horas do Espigão, pela estrada da Figueira, até a confluência da linha 14. À partir de um determinado ponto não era possível continuar em veículo e nesse tempo usávamos jeep. Continuamos a viagem à pé em uma caminhada de mais de 6 horas.

A alimentação dos Suruí sofreu grande influência dos produtos alimentícios manufaturados nesse curto período de 46 anos de contato. Com a necessidade de produzir para obter recursos financeiros, as práticas tradicionais de coleta, caça, pesca e produção de alimentos tradicionais sofreram grande impacto pois precisavam de tempo para as novas práticas de economia, como cuidar do café, do gado, de ir à cidade para compras etc. Assim, com menos tempo a dieta alimentar se alterou e vai se alterando cada vez mais no decorrer do tempo. Passaram a consumir muito arroz e feijão. A riqueza da culinária tradicional vai se perdendo na substituição dos produtos tradicionais pelos manufaturados.

O artesanato antigamente era produzido para as necessidades próprias e dos familiares. Utilitários e adornos eram produzidos na medida das necessidades.

As mulheres produziam cestarias (adô, adohiter, ganeá, vários tipos de niti etc), tecelagem (redes, tipoias para carregar crianças, cintos para festas, fios para braçadeiras e tornozeleiras e colares (agoyáb), cerâmicas (várias formas), desde imensas panelas “*itxira*” para produção de bebidas e cozimento de alimentos e outras menores de mesmo formato, até pequeninos utilitários como as “*torakup*” utilizadas como conchas e “*lobéas*” grandes e pequenas até pequeninas.

A cerâmica Suruí envolve um processo sofisticado de produção, desde a coleta de argila na floresta até o processo final de queima. O barro tem espírito “*Ganhág*” e dessa forma os procedimentos de coleta são orientados por cuidados especiais. Antigamente somente uma menina “virgem” podia tirar o barro. Atualmente me parece que essa regra está sendo quebrada. Mas não se pode falar alto. É necessário muito cuidado para tratar o barro. Na volta para a aldeia, com balaios pesados, quando se cansam não podem se sentar de qualquer maneira para descansar. Se sentam com as pernas esticadas, uma ao lado da outra. Na aldeia, à partir do princípio da produção cerâmica, as filhas, desde as pequeninas, estão ao lado das mães exercitando as práticas do trato com o barro para a fabricação dos utilitários. Assim, aprendiam o ofício.

Quando mocinhas já dominavam toda a técnica para a produção de uma cerâmica altamente qualificada e sofisticada que usavam no cotidiano. As mulheres fabricavam também os adornos como diferentes tipos de colares e pulseiras em um processo muito trabalhoso, que apresentavam como resultado final peças de incrível beleza. Atualmente as mais jovens começaram a produzir brincos e outros adornos para a venda e uso próprio.

Atualmente mais fabricam artefatos para vender e isso ajuda no aumento da renda familiar das mulheres que se dedicam a essa produção.

Os homens fabricam as armas, como arcos e flechas e são responsáveis pela construção dos

diferentes tipos de habitações. Também os homens produzem os adornos labiais de resina vegetal chamados “*betiga*” antigamente utilizados por homens e mulheres.

Não assisti a muito rituais dos Paiter. Entretanto assisti aos principais: o Mapimaí e Hoieetê. Pelo que percebo, continuam fazendo o Mapimaí em um apelo mais para apresentar a visitantes e atender a programações que por vontade de todos. Assisti a esse ritual, onde se dividiam em metades na primeira metade da década de 80. Os Mapimaí de hoje não têm o vigor e a energia dos Mapimaí de antigamente. Primeiramente, vestidos e calçados a beleza visual perde muito. Em termos gerais os passos de dança dos jovens não apresentam praticamente nenhuma semelhança com os passos concentrados e charmosos dos dançarinos antigos. Ver os jovens de hoje dançarem e se lembrar dos antigos dançando, causa um pouco de decepção pois a diferença é grande. Com relação a música ocorre algo parecido. Isso vem demonstrar o quanto a cultura tradicional foi e tem sido impactada desde o contato em 1969. Assisti ao último Hoieetê tb na década de 80. Essa cerimônia especial de cura e invocação de fartura na colheita tinha os pajés como figuras principais que puxavam os cantos e um sem fim de giros durante a noite. Por ocasião desse Hoieetê vários pajés ainda estavam vivos e o rito era carregado de muita energia. A introdução das religiões evangélicas entre os Paiter fez com que o Hoieetê não acontecesse mais.

